

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA  
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL - CPDOC  
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS  
CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

**CINEMA NA ROÇA: CAMINHOS E DESCAMINHOS DE UMA  
EXPERIÊNCIA CULTURAL EM MUNICÍPIOS FLUMINENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e  
Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC para a obtenção do  
grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

MARCELO ANTUNES FERREIRA

Rio de Janeiro, setembro de 2007



## Resumo

O trabalho a seguir compreende a análise da descrição do projeto Cinema na Roça, que foi desenvolvido para realizar exhibições gratuitas de filmes em localidades do interior do estado do Rio de Janeiro, desprovidas de cinemas e videolocadoras.

O projeto foi iniciado em agosto de 2005 e o presente estudo está pautado na observação dos acontecimentos ao longo da realização das sessões mais significativas para o projeto.

## Abstract

The following work represents the analysis of Cinema na Roça project's description. It was developed to produce free films exhibitions in small towns of the state of Rio de Janeiro.

The project was started in the beginning of 2005 and this study is based on the facts observation along the most significant sessions.

Ao meu querido tio Ademar Luciano  
Ferreira, que há mais de trinta anos  
realizava sessões de cinema no interior de  
Minas Gerais.

## Agradecimentos

Essa dissertação somente se tornou possível porque, ao longo dos cinco anos que separam a idéia de iniciar o Cinema na Roça e o dia de hoje, várias pessoas doaram um pouco de suas vidas, estendendo a mão a um sonhador. São tantas que temo pecar por falta de zelo ao relacioná-las.

Aos amigos Demian Asensi, Fernanda e Marcos Alexandre Forte, Paulo Gustavo Manguiera e Vagner Pontes, por aceitarem o convite para dar o pontapé inicial do projeto.

À Adriana Stoppelli e ao Daniel de Almeida e Brito pelas horas em que me aguentaram falando, sem parar, dessa idéia de levar o cinema para lá e para cá.

Ao Luiz Claudio Pinto Anjos, que sempre esteve presente. Foi o braço forte e incansável que inúmeras vezes ajudou na realização das sessões.

À Ester Farinha que apostou na idéia e ajudou a transformá-la em realidade.

À minha mãe Anajô pelo apoio incondicional e pela constante torcida. Ao meu pai Athus pela paciência, mesmo nos dias mais difíceis.

Ao Marcos Martinelli, amigo e sócio, que esteve presente em todos os momentos, dividindo tristezas e alegrias, sem o qual metade desse trabalho não teria acontecido.

Apesar de eu não ficar à altura das inúmeras sugestões de enriquecimento a esse trabalho, agradeço imensamente as sugestões das professoras Ilana Strozenberg e Mônica Kornis, por ocasião da qualificação do projeto dessa dissertação.

À minha orientadora Verena Alberti pelo esmero, pela atenção, pela paciência, pela enorme ajuda e, acima de tudo, pelos momentos de reflexão que me proporcionou com seus questionamentos.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 1 – O projeto inicial.....</b>	<b>12</b>
1.1 - O que era idéia .....	12
1.2 - Como surgiu.....	13
1.4 - Pressupostos.....	17
<b>Capítulo 2 – Uma descrição do projeto.....</b>	<b>23</b>
2.1 Silva Jardim.....	24
2.2 São José do Vale do Rio Preto.....	53
2.3 Sumidouro .....	59
2.4 Santa Maria Madalena .....	69
2.4 Casimiro de Abreu .....	79
2.5 Trajano de Moraes .....	88
<b>Capítulo 3 - As transformações do projeto.....</b>	<b>97</b>
3.1. O critério IDH.....	98
3.2. O critério videolocadoras e cinemas .....	99
3.3. Cinema e entretenimento.....	101
3.4. Locais de exibição .....	103
3.5. Acervo de filmes .....	105
3.6. O nome do projeto .....	108
3.7. Desmembramento do Cinema na Roça.....	109
3.7.1. Cinema Social .....	110
3.7.2. Cinema na Escola.....	111
3.8. A característica comercial .....	112
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>116</b>
<b>Anexo.....</b>	<b>125</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>148</b>

## Introdução

Cerca de trinta anos se passaram e, um dia, ele, literalmente, acorda para a vida. Cercado de dúvidas e incertezas, levanta-se da cama, caminha até a varanda, dá uma boa olhada no mar azul à sua frente e mais uma pergunta lhe vem à mente. Qual o significado da vida sem uma causa?

Só mais uma inquietação! Recobra os sentidos, volta-se ao mundo, toma um banho, resfria a cabeça, veste-se e parte ao trabalho. Dia após dia sua vida segue, assim como a da maioria dos brasileiros, porém sente que um sentido mais digno ainda lhe falta.

Aquela manhã poderia ser apenas o início de mais um dia de inquietações. Ao chegar ao trabalho tudo está transfigurado. Paredes perdem o colorido, ganham tonalidade cinza opaco repletas de musgo, fétidas, desgastadas, repulsivas, amargurantes; fisionomias não reconhece mais, deformadas, inexpressivas, vazias; vozes não têm mais sentido, comunicação interrompida, excludentes, palavras desconexas, idioma desconhecido, entendimento perdido. O bom-dia, definitivamente, vira adeus e chega a hora de partir.

Diferente do que parecia, este não era apenas mais um dia na vida de um José, um Manoel, um Joaquim, ou qualquer outro cidadão. Definitivamente sua vida estava mudada. Aquilo que o constituiu assumiria seu passado e agora surgia a necessidade de reinventar sua própria história. O primeiro passo fora dado. E os seguintes, como seriam?

De volta à mesma varanda que o confortara em momentos de angústia, passava pela agrura de reinventar-se. O mesmo mar, a mesma varanda, porém, não



mais o mesmo indivíduo diante de uma grande questão. E agora, o que fazer para mudar?

Neste cenário nasce a vontade de juntar coisas prazerosas às úteis, porém uma solução repousava tranquila à espera do angustiado. Revendo seus prazeres percebeu a importância da imagem em sua vida e das emoções que viveu assistindo a filmes. Eis que, de repente, como uma inspiração divina, surgiu a hipótese de dividir estes sentimentos. Entretanto, qual o sentido disso?

Esse, que o texto acima apresenta, poderia ser qualquer um, porém me apodero da situação e apresento esta parte da minha história, com o compromisso de tornar público meu comprometimento direto com o conteúdo exposto nesse trabalho.

Destas inquietações surgiu o que é hoje o projeto Cinema na Roça, o qual é parte de mim, assim como sou parte dele. Nasceu da necessidade de contribuir para que o mundo seja um lugar mais equânime e, resguardadas as limitações, este foi um dos primeiros passos neste sentido.

O que é o Cinema na Roça? Imagine-se desbravando localidades remotas, muitas vezes desprovidas de energia elétrica, de equipamentos culturais, de escolas, de serviço médico etc. e, ao encontrá-las, convidar os moradores, montar um cinema ao ar livre e proporcionar-lhes a experiência, aparentemente simples aos cidadãos das metrópoles e inusitada aos municípios do interior, de assistir gratuitamente a um filme.

Com o presente trabalho pretendo analisar a relação entre o projeto Cinema na Roça e seu público. Através da construção dessa dissertação pretendo compreender qual é o significado atribuído pelo espectador para a experiência de assistir a filmes nas proximidades da sua casa.

Na busca por essa resposta pretendo apoiar-me nas reflexões estimuladas pela leitura de alguns autores que serão apresentados nas páginas seguintes. No entanto, vale ressaltar, nesse momento, duas dicas de Clifford Geertz, em *A interpretação das culturas*. A primeira delas é estar atento ao contexto e não se deixar envolver pela armadilha de tentar extrair do todo apenas os aspectos aparentemente interessantes. A priorização de algumas propriedades do que é pesquisado, sob a alegação de que essas são apenas as partes que interessam à pesquisa, pode levá-la à superficialidade.

A outra dica importante é estar atendo ao fluxo dos comportamentos, pois, segundo Geertz, é “através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação”.<sup>1</sup>

Nesse contexto entendo que a falta de coerência no desenrolar da história “não pode ser o principal teste de validade de uma descrição cultural”<sup>2</sup> e o entendimento dessas questões é importante para pontuar a dificuldade que encontrei ao distanciar-me do meu objeto de estudo e para reconhecer as minhas limitações durante a confecção do presente trabalho.

O Cinema na Roça, ao ser concebido, possuía uma proposta muito ousada que, ao longo do tempo, foi se adequando às suas limitações. A tentativa idealista de estimular a transformação social através desse equipamento cultural foi extinta. Atualmente o projeto visa suprir a demanda por entretenimento nessas localidades.

A transformação do Cinema na Roça não seguiu uma trajetória linear, forçando-o a ser modificado algumas vezes até que assumisse seu papel atual. Durante esse processo de transformação, várias questões foram se formando e para algumas ainda não foram encontradas respostas. A dissertação que se apresenta a

---

<sup>1</sup> GEERTZ, Clifford. 1989, p. 12

<sup>2</sup> GEERTZ, Clifford., 1989, p. 13

seguir pretende preencher algumas dessas lacunas, como, por exemplo: o que realmente significa essa experiência para as pessoas que têm a oportunidade rara, quiçá única, de vivenciar a experiência de assistir a um filme ao ar livre com uma estrutura semelhante à de um cinema? Será que a experiência tem alguma relevância para essas pessoas? Se tem, qual? Será que a vivência se traduz em utilidade para essas pessoas?

Outro ponto importante é entender o sentido do Cinema na Roça. A partir das reflexões geradas por essa dissertação, pretendo enfrentar o desafio de realizar uma avaliação da importância do projeto para decidir por sua continuidade ou sua interrupção.

A presente dissertação se propõe a explorar essas questões, observando o comportamento do espectador e dos habitantes das localidades que de alguma forma contribuíram para a realização das sessões. Para alcançar esse objetivo revisitarei as anotações do meu caderno de campo, com o intuito de construir uma descrição do Cinema na Roça, abordando desde a sua concepção até as transformações que sofreu ao longo do tempo para, a partir de então, estabelecer as reflexões.

## Capítulo 1 – O projeto inicial

### 1.1 - O que era idéia

O Cinema na Roça foi concebido em 2002 para ser um projeto voluntário que realiza exhibições gratuitas de filmes nacionais, em propriedades privadas de localidades desprovidas de cinemas e videolocadoras dos 20 municípios que reúnem os mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH's<sup>3</sup>) do estado do Rio de Janeiro e que distem pelo menos 80 km da capital. Possui característica itinerante, se configura pelo uso doméstico da imagem – principalmente pela gratuidade das sessões e por serem realizadas em locais privados – e conta com uma estrutura montada a partir de um veículo de médio porte, no qual é fixada a tela e acomodados os equipamentos necessários para as projeções. As sessões deveriam ser realizadas ao ar livre, sempre à noite e, inicialmente, eu pretendia percorrer os municípios em um ano, em uma viagem ininterrupta e com exhibições diárias.

Seu principal objetivo era estimular a população desses municípios – principalmente os jovens – para a discussão sobre questões sociais brasileiras, explorando a experiência vivida pelos personagens dos filmes, através da criação de debates ao término de cada sessão. Outro objetivo era tornar esse equipamento cultural<sup>4</sup> acessível e difundir produções cinematográficas brasileiras nessas comunidades. O terceiro objetivo era promover o intercâmbio cultural entre as

---

<sup>3</sup> IDH – Índice de Desenvolvimento Humano. Denominação dada ao indicador criado pelo economista paquistanês Mahbub ul Haq e utilizado pelo PNUD/ONU para mensurar o nível de desenvolvimento humano mundial. Consultado em <http://www.pnud.org.br/idh/> em 07/07/2007.

<sup>4</sup> “Equipamento cultural” é a designação dada pelo IBGE ao aparato e/ou infra-estrutura disponibilizadora de acesso às atividades culturais. O estudo do IBGE sobre o qual se apóia este trabalho avalia 17 tipos distintos de equipamentos culturais: bibliotecas públicas, estádios ou ginásios, clubes e associações recreativas, videolocadoras, lojas de discos, CDs e fitas, bandas de música, livrarias, rádio FM, provedor de internet, rádio AM, unidades de ensino superior, teatros, museus, cinemas, geradora de TV, *shopping center* e orquestra. Ver MUNIC 2001, p. 138.

realidades rural<sup>5</sup> e urbana, através de filmes que tinham a desigualdade social brasileira ou a dicotomia campo *versus* cidade como pano de fundo ou em suas temáticas centrais.

Um quarto objetivo visava resolver uma necessidade de registrar o Cinema na Roça através de imagens e viabilizar uma parceria com o projeto Cinemaneiro<sup>6</sup> – que é um projeto social que atua na formação profissional de jovens de comunidades carentes para as profissões ligadas à produção cinematográfica – e, com isso, preparar material suficiente para a realização de uma exposição fotográfica e videográfica ao final do primeiro ano do projeto.

## 1.2 - Como surgiu

Sempre gostei de assistir a filmes e de usá-los para estimular debates sobre os temas que apresentavam. Sendo assim, a idéia do Cinema na Roça – não com esse nome e formato – surgiu em algum momento entre os anos de 1999 e 2002, quando eu era gerente de treinamento de uma empresa de telecomunicações e residia em Macaé.

Devido à minha admiração pelo cinema e à precariedade da única sala existente no município àquela época, comecei a convidar alguns amigos para as sessões de cinema que organizava em minha casa. Paralelamente às sessões, surgiu minha inquietação, associada à dos amigos Demian Asensi e Vagner Pontes, em relação à necessidade de contribuirmos para o desenvolvimento social da cidade. Estimulado por essa inquietação comecei a me envolver com atividades assistenciais no município – como a distribuição de alimentos à população de rua e

---

<sup>5</sup> Para esse trabalho seguimos o mesmo critério utilizado na classificação das populações urbana e rural. Ver PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2003, p.16.

<sup>6</sup> Para mais detalhes ver [www.cinemaneiro.com.br](http://www.cinemaneiro.com.br).

a associação ao Amigos da Escola<sup>7</sup> – e, procurando somar mais efetivamente e através de uma atividade prazerosa, comecei a pensar uma proposta que me permitisse estimular a discussão sobre questões sociais com a comunidade.

Durante alguns meses, Demian e eu chegamos a considerar a idéia de criarmos um grupo de palhaços para alcançarmos o objetivo proposto acima. No entanto, após tomar conhecimento da carência de oferta de equipamentos culturais no Brasil e da ausência do cinema em 92% dos municípios brasileiros através do estudo das informações apresentadas na Pesquisa de Informações Básicas Municipais de 2001 publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), doravante denominada MUNIC 2001, procurei – através do cinema – encontrar uma forma de sensibilizar as pessoas para a discussão que eu propunha. Vislumbrava a possibilidade de valer-me do que seria uma novidade para estimular a discussão de temas que eu julgava pertinentes.

Outro fator importante para o surgimento do Cinema na Roça foi o prazer de viajar e, entre esses mesmos três anos, tive a oportunidade de percorrer 25.000 km pelo Brasil, visitando preferencialmente cidades de até 20.000 habitantes. Durante essas viagens percebi o fascínio dos jovens com a vida nas metrópoles e o interesse pela emigração em direção aos grandes centros urbanos. A partir dessa percepção julguei importante procurar dissuadi-los dessa decisão, estimulá-los a repensarem a possibilidade de permanecerem em suas localidades e conscientizá-los das dificuldades de colocação no mercado de trabalho dos grandes centros.

Em 2002, quando saí de Macaé e voltei a morar no Rio de Janeiro, havia apenas uma idéia, e foi nesse ano que, na comunhão de três coisas que me geravam prazer – realizar sessões de cinema, assistir aos filmes e viajar – com uma quarta

---

<sup>7</sup> Amigos da Escola é um projeto que tem o objetivo de contribuir com o fortalecimento da escola pública de educação básica por meio do trabalho voluntário e da ação solidária. Para mais detalhes ver: <http://amigosdaescola.globo.com/>

que julgava importante – promover discussões sobre uma realidade social brasileira, surgiu a idéia de projetar filmes para pessoas que não tivessem acesso ao cinema.

### **1.3 - Critérios de definição do projeto**

Uma vez concebida a idéia de levar o cinema para as pessoas que não tivessem acesso ao equipamento cultural, era necessário responder a algumas questões. A primeira delas era saber a quem levar o cinema e, como um dos pressupostos era levar o cinema a quem não tivesse acesso, eu precisava descobrir onde viviam essas pessoas. Considerando os dados da MUNIC 2001 – a presença de cinemas em apenas 8% do total de 5.560 municípios no Brasil –, haveria 5.115 possibilidades, e eu precisava estabelecer um recorte para a atuação da iniciativa que viria a ser criada.

A segunda questão – diretamente ligada à primeira – era encontrar uma justificativa para priorizar uma localidade em detrimento de outra, visto que a carência de cinemas atingia quase todo o país. Para restringir o foco de atuação, decidi direcionar a iniciativa aos municípios que não possuísem videolocadoras, fazendo com que esse número caísse para 64% dos municípios brasileiros<sup>8</sup>. Porém, mais à frente percebi que essa restrição ainda mantinha o espectro de municípios muito grande. Resolvi então aliar ao critério de inexistência de videolocadoras o quesito de baixo desenvolvimento humano, pois o fato gerador da iniciativa era a vontade de participação no desenvolvimento social e concluí que, ao pautar a decisão no IDH, atenderia a esse anseio.

---

<sup>8</sup> Ver Munic 2001.

A terceira a ser respondida era como levar a estrutura de cinema para essas localidades, visto que grande parte das elencadas se situava em locais de difícil acesso e/ou com poucos recursos. Para atender a essa demanda, a idéia inicial foi criar uma pequena estrutura que pudesse ser transportada facilmente.

Outro ponto importante foi a localização geográfica das localidades contempladas. Estipulei um raio mínimo de 80 Km de distância em relação à cidade do Rio de Janeiro, com a intenção de retirar do foco do projeto municípios que, mesmo tendo um baixo IDH, estivessem mais claramente sob a área de influência da metrópole do estado.

Assim, os municípios escolhidos para o Cinema na Roça foram Varre-Sai, São Francisco de Itabapoana, Cardoso Moreira, Laje do Muriaé, Sumidouro, Duas Barras, São José de Ubá, São José do Vale do Rio Preto, São João da Barra, São Sebastião do Alto, Trajano de Moraes, Italva, Porciúncula, Silva Jardim, Quissamã, Miracema, Cambuci, Bom Jardim, Santa Maria Madalena e Natividade. Mas vale ressaltar que, como o período escolhido para a análise do IDH foi compreendido entre 1991 e 2000, o município de Quissamã, apesar de estar contemplado pelo Cinema na Roça, destoa dos demais face ao crescimento econômico atual.

Inicialmente o nome Cinema na Roça foi escolhido por causa da característica rural das comunidades que seriam contempladas pelo projeto, que baseiam sua economia na atividade agrícola e pelo motivo de eu identificar a palavra roça como uma forma carinhosa de me referir à zona rural.



## 1.4 – Pressupostos

### a) Distribuição dos equipamentos culturais

Eu acreditava que a forma desigual de distribuição dos equipamentos culturais brasileiros era um dificultador para o desenvolvimento social ordenado e, ao longo do tempo, encontrei respaldo para essa crença a partir da leitura do *Relatório do Desenvolvimento Humano 2004*, publicação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que aponta a importância da liberdade cultural para o desenvolvimento humano e a relevância do cinema no cenário econômico como importante difusor cultural mundial.

Segundo o relatório, devemos entender liberdade cultural como a capacidade que todas as pessoas devem ter de perceber a sua identidade, escolher a maneira pela qual querem viver e decidir quem desejam ser, sem perder o respeito dos outros e seus direitos por essas escolhas.<sup>9</sup>

Eu considerava também que o predomínio da difusão de filmes norte-americanos era um fator de inibição da liberdade cultural. Somente no ano de 2000, os EUA geraram excedentes da ordem de 8,1 mil milhões de dólares no comércio de audiovisual com a União Européia. Em 2003, na indústria cinematográfica, as produções norte-americanas representavam cerca de 85% das audiências de cinemas de todo o mundo<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Ver PNUD, 2004, p.1.

<sup>10</sup> Mishra, Pankaj. 2003. “Hurray for Bollywood.” *The New York Times*. In PNUD, 2004, p.86.

Sendo assim, concluí que, uma vez que desenvolvimento cultural e socioeconômico estão atrelados, ao difundir o cinema nacional, com temas nacionais, estaria difundindo a cultura brasileira e, conseqüentemente, contribuindo para o processo de desenvolvimento social.

b) A relação entre baixo IDH e ausência de cinema

A escolha dos municípios para a exibição dos filmes seguiu o critério do IDH devido à relação direta entre o baixo Índice de Desenvolvimento Humano e a ausência de equipamentos culturais. De acordo com os dados da MUNIC 2001, “a distribuição dos equipamentos culturais pelo País segue a lógica de ocupação desigual do território e expressa as suas desigualdades socioeconômicas”<sup>11</sup>, fazendo com que os municípios mais populosos e com melhores condições de renda – entre outros – apresentem a mais ampla infraestrutura de atividades culturais. Ao me deparar com esses dados, considerei a possibilidade de direcionar o projeto aos estados do Maranhão e do Piauí, devido à concentração dos baixos IDHs desses estados entre os 20 menores índices do país. Porém, além das limitações orçamentárias, verifiquei que o Rio de Janeiro reunia localidades com o mesmo nível de carência e que permanecer no estado viabilizaria o início e atenderia aos propósitos do projeto.

c) Direito constitucional

---

<sup>11</sup> Ver MUNIC 2001. p 151.

Além dos motivos elencados acima, há o direito constitucional do cidadão brasileiro, pois a Constituição Federal de 1988, na seção II, artigo 215, prevê que é dever do Estado garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de cultura nacional, devendo apoiar e incentivar a valorização e a difusão das manifestações culturais.<sup>12</sup> Mas, apesar do previsto na Constituição Federal, a realidade é bastante diferente. Como podemos comprovar a partir das informações contidas na MUNIC 2001, há uma grande disparidade na distribuição dos equipamentos culturais, com grande concentração de cinemas nas cidades litorâneas. Rio de Janeiro, Ceará e Pernambuco aparecem como estados que constituem uma exceção e “apresentam maior infra-estrutura do que a esperada”<sup>13</sup>, enquanto Tocantins tem a “quantidade de equipamentos não condizente com o indicador de renda avaliado”<sup>14</sup> na pesquisa.

#### d) A migração em direção aos grandes centros

Durante as minhas viagens pelo Brasil – conforme mencionei acima – percebi a predisposição dos jovens para abandonarem suas cidades com destino aos grandes centros, e a principal justificativa que encontrei para a emigração foi a falta de oportunidades de trabalho. Porém, ao comparar a justificativa com dados apresentados por Marcio Pochmann<sup>15</sup> em seu artigo “A exclusão social no Brasil e no mundo” (Pochmann, 2004), em que apresenta um “crescimento médio anual

---

<sup>12</sup> Para mais detalhes ver [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)

<sup>13</sup> Ver Munic 2001. p 151.

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> O autor é professor livre-docente do Instituto de Economia e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Universidade Estadual de Campinas. Até 2004 foi secretário do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade do Município de São Paulo.

pífilo” da renda *per capita* no Brasil entre os anos 1980 e 2000 e o movimento de metropolização da pobreza, percebi que essa vontade poderia significar um equívoco devido a suas baixas qualificações profissionais. Ao contrário da percepção dos jovens nessas localidades, Marcio Pochmann aponta ainda nesse seu artigo que os grandes centros, apesar de ainda representarem um destino do movimento migratório, “assumiram o papel mais recente de centros de desemprego, poluição, enchentes e violência”<sup>16</sup>.

### 1.5 - Operacionalização do projeto

No ano de 2003, o projeto Cinema na Roça estava praticamente concebido. Faltava-lhe, entretanto, a parte que descobri posteriormente ser a mais difícil: a captação de recursos.

Nesse período, o terceiro setor – que é considerado como uma organização da sociedade civil em setor da economia não governamental e não lucrativo<sup>17</sup> – vivia um momento de euforia com a possibilidade de estabelecimento de termos de parceria, que são como contratos de prestação de serviços, porém para fins sociais, firmados entre o poder público e entidades sem fins lucrativos – e por conseguinte com o aporte de montantes do erário para atividades desenvolvidas por organizações dessa natureza.

Aliando o idealismo da proposta do Cinema na Roça com minha ilusão de que torná-lo um projeto de uma entidade sem fins lucrativos traria maior respaldo para a iniciativa e encurtaria algumas etapas no processo de captação de recursos,

---

<sup>16</sup> Ver POCHMANN. p. 161.

<sup>17</sup> Ver Rede de Informações para o Terceiro Setor. [www.rits.org.br](http://www.rits.org.br)

motivei um grupo de cinco amigos e fundamos uma organização não governamental (ONG) chamada Associação Civil Conhecimento Solidário, doravante denominada Conhesol. Porém, os planos iniciais não se confirmaram, pois, para o estabelecimento dos termos de parceria se fazia necessário o cumprimento de uma série de exigências – sendo a principal adquirir o título de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) –, que demandavam tempo e recursos de que não dispúnhamos.

Outro ponto importante a ser ressaltado era a própria fundação da ONG, pois seu processo fora iniciado ao revés. Normalmente uma ONG é fundada para concatenar ações em andamento ou idéias que atendam a uma determinada causa. No nosso caso, imagináramos que a Conhesol serviria apenas para atender as necessidades burocráticas. Cinco pessoas viabilizaram a fundação da Conhesol, porém, conforme acordado durante o processo de fundação da ONG, além de mim apenas o Marcos Martinelli participou das exposições.

Em 2006, já descrente dos benefícios que a Conhesol poderia nos proporcionar, devido à morosidade do processo de obtenção do título, à burocracia muito extensa e ao fato de não termos tempo suficiente e nem recursos financeiros necessários para cumprir todas as exigências para o pleito ao título de OSCIP, resolvi reunir as minhas atividades profissionais às sociais e, juntamente com o Paulo Gustavo Moraes Manguiera, um dos fundadores da ONG, constituímos a Brasil Social, uma empresa privada que tem o objetivo de desenvolver e financiar projetos sociais.

Com a fundação da Brasil Social, paralisamos as atividades da Conhesol, transferimos para a empresa algumas atividades realizadas pela ONG e o Cinema na Roça passou a ser o principal projeto financiado. Além disso, deixou de ser

realizado apenas voluntariamente e, depois de incorporado ao portfólio de atividades da Brasil Social, passou a ser oferecido comercialmente para as prefeituras e empresas interessadas em vincular suas marcas ao projeto.

## Capítulo 2 – Uma descrição do projeto

O que inicialmente parecia ser uma idéia simples não transcorreu dessa forma. O primeiro comentário que retirei do meu caderno de campo dizia: “começar o projeto é mais difícil do que se imagina”. Foram três anos entre o advento da idéia e a primeira projeção do Cinema na Roça, que ocorreu em julho de 2005. Entre a data da primeira exibição e o presente momento foram realizadas 43 sessões, reunindo, em média, 60 espectadores cada vez. No total foram percorridos em torno de 7.000 Km pelo do estado do Rio de Janeiro – o que equivale à distância de quase toda a costa brasileira.

As projeções foram realizadas nas localidades de Aldeia Velha, Gaviões, Cesário Alvim, Mato Alto, Bananeiras, Cambucaes e Lagoa de Juturnaíba, em Silva Jardim, e nas localidades de Soledade I, Soledade II, Soledade III, Porteira Verde e Campinas, em Sumidouro. Em São José do Vale do Rio Preto exibimos em Pouso Alegre e participamos da Calçada da Cultura, um evento público semanal que reúne diversas manifestações culturais. Em Santa Maria Madalena realizamos sessões em Sossego do Imbé, Triunfo e em Ribeirão Santíssimo. No município de Trajano de Moraes, as sessões foram em Ponte de Zinco, Dr. Elias ou Monte Café, Tirol, na Tapera e na sede do município. Já em Casimiro de Abreu foram em Palmital, Rio Dourado e Professor Souza.

Durante esse período, o Cinema na Roça foi objeto de reportagem nos jornais *Jornal da Cidade* (Silva Jardim), em setembro de 2005; *Folha da Terra* (Região dos Lagos), em 5 de novembro de 2005; *Foco* (Sumidouro), em 17 de fevereiro de 2006; *O Globo* (Globo Tijuca), em 25 de maio de 2006. Também foi assunto na Rádio Costa do Sol (Região dos Lagos), em 27 de agosto de 2005; do

programa Fim de Tarde 101, na rádio FM 101 (Macaé), em maio de 2007, e no programa Sem Censura da TVE, em 6 de junho de 2006. Em outubro de 2006, a revista *4x4 & Cia* fez uma reportagem sobre o Cinema na Roça e, em novembro de 2006, foi a revista *Época*. Em agosto de 2006 tivemos a oportunidade de expor o trabalho realizado com o Cinema na Roça na *Adventure Sports Fair*, em São Paulo – feira anual que reúne as novidades em aventura, esportes radicais e atividades *outdoor* no país – e, em junho de 2007, participamos da feira Brasil Offshore, em Macaé, que consiste num dos maiores eventos brasileiros voltados para a indústria do petróleo.

Nesse capítulo me dedicarei à descrição do que encontrei quando iniciei a realização das exhibições nas localidades mais significativas a esse trabalho. Me deterei nos trâmites para a realização das sessões, no relacionamento com as pessoas das localidades que se envolveram com o Cinema na Roça e na reação dos espectadores. Após apresentar a descrição, pretendo trazer à discussão alguns aspectos que julguei interessantes nesses dois anos de realização do projeto.

## 2.1 Silva Jardim

O primeiro município que visitamos foi Silva Jardim, que é um município de aproximadamente 23.000 habitantes, ocupa uma área de 938 km<sup>2</sup> e tem o IDH (0,731)<sup>18</sup>. Dista cerca de 110 km da cidade do Rio de Janeiro, em direção ao norte do estado. Faz divisa com os municípios fluminenses de Rio Bonito, Araruama, Casimiro de Abreu, Nova Friburgo e Cachoeiras de Macacu. Atualmente, o prefeito

---

<sup>18</sup> Para mais detalhes ver <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> e Atlas do desenvolvimento humano.



é Augusto Tinoco, filiado ao extinto Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas (Dem), reeleito em 2004 com 4.831 votos. A Câmara Municipal é formada por nove Vereadores.<sup>19</sup>

De acordo com a Lei municipal nº 1.165, de 29 de setembro de 1999,<sup>20</sup> Silva Jardim é dividido em quatro distritos. O primeiro, homônimo ao município, compreende a zona urbana de Silva Jardim, os povoados de Cesário Alvim e de Imbaú. O segundo distrito é composto pelo povoado de Bananeiras; o terceiro, por Gaviões, e o quarto, por Aldeia Velha.

No município de Silva Jardim foram realizadas 18 sessões entre os meses de julho e outubro de 2005, nas localidades de Aldeia Velha, Gaviões, Bananeiras, Mato Alto, Vargem Grande, Juturnaíba, Cesário Alvim, Cambucaes e Silva Jardim (sede). Aldeia Velha, Gaviões, Vargem Grande e Bananeiras são localidades que ficam à esquerda – sentido norte – da rodovia BR 101, que atravessa o município. São afastadas do centro de Silva Jardim e, para alcançá-las – exceto Aldeia Velha –, percorrem-se cerca de 50 km por estradas de terra de difícil acesso, principalmente nos períodos chuvosos. Já Juturnaíba, Cesário Alvim, Cambucaes e Mato Alto ficam à direita da rodovia – sentido norte – e são de fácil acesso. Chega-se a Cesário Alvim por estrada asfaltada. Mato Alto é uma localidade que se encontra a pouco mais de 4 km do centro. Para acessar Juturnaíba são 12 km de estrada de terra, que se inicia próximo ao centro de Silva Jardim. Cambucaes – também à direita da rodovia BR101 – teve sua origem em um assentamento de agricultores e fica a cerca de 10 km da margem da estrada que liga a sede do município à BR101.

A escolha de Silva Jardim como primeiro município decorreu de sua proximidade com a cidade do Rio de Janeiro e da facilidade contata. Na época, eu

---

<sup>19</sup> Para mais detalhes ver [www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br).

<sup>20</sup> Para mais detalhes ver <http://www.silvajardim.rj.gov.br/lei1999.html>.

integrava um grupo chamado Caminhos da Solidariedade – formado por amigos que não têm relação alguma com o Cinema na Roça – e nos dispúnhamos a realizar ações pontuais e voluntárias, como a organização de atendimentos médicos em locais desprovidos de postos de saúde ou de médicos de determinadas especialidades, doação de roupas, alimentos e material escolar, entre outros.

Em um desses encontros conheci uma representante do Conselho Tutelar da cidade, a Rose, a quem apresentei a idéia de realizar sessões de cinema abertas ao público e gratuitas. Além de interessar-se pela proposta, Rose colocou-se à disposição para apresentar-me à secretária de Turismo, pois acreditava que a proposta também poderia interessá-la.

Minha primeira visita ao município com o intuito de viabilizar o projeto foi em março de 2005. Nessa ocasião houve uma reunião com a secretária Taísa Magdalena, na qual apresentei o projeto e os custos envolvidos nas projeções, pois imaginávamos poder contar com algum apoio do município no tocante aos gastos com combustível, alimentação, hospedagem e licenças para exibição dos filmes que não fizessem parte do nosso acervo. Apesar de Taísa Magdalena demonstrar interesse pela idéia, essa reunião não rendeu muitos resultados no âmbito da Secretaria de Turismo, mas permitiu que eu conhecesse Rosilane Brum, que participou da reunião a convite de Taísa e que, à época, era diretora da Casa de Cultura de Silva Jardim. Vale ressaltar que o município não possui Secretaria de Cultura e, assim como muitos outros do estado do Rio de Janeiro, possui um órgão vinculado à Secretaria de Educação e seu gestor tem *status* de secretário, apesar de não ser.

Ao tomar ciência dos propósitos do projeto, Rosilane Brum começou a se engajar na viabilização do Cinema na Roça. O primeiro passo foi sensibilizar o

secretário de Educação para a importância que ela julgava que o projeto tinha para o município. Entretanto, segundo Rosilane Brum, apesar de dizer-se interessado, o secretário de Educação Jorge Alves dos Santos alegou não ter orçamento para o custeio. Com isso, Rosilane Brum iniciou as negociações com outras secretarias, a fim de levantar recursos que possibilitassem a realização do Cinema na Roça em Silva Jardim. Com a Secretaria de Obras conseguiu o combustível e, com a de Turismo, parte da hospedagem. Os gastos com alimentação e a outra parte da hospedagem foram patrocinados pela Casa da Cultura, e os demais custos cobertos por nós.

Embora pareça simples para um município de 23.000 habitantes possuir procedimentos e recursos para custear uma atividade como o Cinema na Roça, nossa passagem por Silva Jardim não demonstrou isso. Segundo as conversas informais que tive com Rosilane Brum, foram vários os sacrifícios para a realização do projeto no município. O primeiro empecilho que enfrentou foi a negociação com a Secretaria Municipal de Educação, à qual estava subordinada. As despesas com nossa alimentação e hospedagem eram pagas com as reservas financeiras da Casa de Cultura destinadas ao pagamento de pequenas despesas, porém, como o depósito dessa verba permanecia em constante atraso, algumas vezes Rosilane foi obrigada a abastecer o caixa com verba pessoal para garantir a continuidade do projeto, conforme me confidenciou após o término das exibições no município.

Aurélio foi o funcionário lotado na Casa de Cultura designado a nos acompanhar na identificação das localidades e nos dar o suporte necessário, representando o poder público local sempre que Rosilane Brum não estava disponível. Sua participação no projeto também despertou minha curiosidade para alguns aspectos levantados por Clifford Geertz em “Uma descrição densa: por uma

teoria interpretativa da cultura” (GEERTZ, 1989). Nesse texto, Geertz chama a atenção para vários pontos interessantes, e eu gostaria de ressaltar dois, nesse momento: estar atento ao indagar a importância dos significados dos acontecimentos e estar atento à investigação da importância não aparente das coisas.<sup>21</sup>

Durante as primeiras visitas ao município, Aurélio se mostrou muito interessado em nos acompanhar em todas as localidades e apresentar-se como um dos integrantes da equipe. Quando nos acompanhou na Secretaria de Obras referia-se aos demais funcionários da prefeitura com frases como “esses estão comigo”. Fazia questão de nos apresentar a todos os representantes do poder público, ou seja, eu percebia que, ao abordar as pessoas, havia muito interesse em demonstrar que ele era um dos responsáveis pela presença do Cinema na Roça no município. Em princípio achamos o comportamento inusitado, mas não demos muita atenção ao fato, por conta de ter sido designado a nos ciceronear. Até que um dia – em uma festa da cidade – colocou-me em uma situação constrangedora ao interromper um momento de lazer do secretário de Meio Ambiente para solicitar brindes da Secretaria em nome do Cinema na Roça.

Depois desse episódio, Aurélio afastou-se gradativamente do projeto e inicialmente pensamos que fosse por conta do ocorrido na festa. Participar do Cinema na Roça representava poder, pois ele acreditava que, por ser designado o representante do município, teria condições de decidir sobre os locais de exibição, priorizando os seus interesses. Antes de irmos ao município pela última vez, ele já não fazia mais parte da equipe da Casa de Cultura e, ao que me consta, foi em decorrência de disputas de poder.

---

<sup>21</sup> GEERTZ, Clifford, 1989, p. 18.

Aproveitando a citação feita por Geertz<sup>22</sup> do pensamento de Goodenough e analisando a passagem narrada acima, gostaria de ressaltar que a cultura consiste no conjunto de códigos e comportamentos que um indivíduo deve conhecer para ter a possibilidade integrar-se a determinado grupo. Esse entendimento é o responsável pelo norteamento desse indivíduo, em relação ao que se espera dele. Geertz também aponta duas questões importantes no entendimento da cultura. A primeira delas, que é um erro acreditar que a cultura é um organismo desenvolvido com propósitos definidos e com finalidade em si mesma. Por outro lado, é necessário entender que é um “fenômeno” que surge e se transforma do comportamento e do relacionamento das pessoas em sociedade. Como cita Geertz, a cultura está presente no “coração e na mente” das pessoas, sendo um conjunto de apreensões construídas e transformadas ao longo do tempo.

Assim, o valor bruto atribuído aos acontecimentos de determinada cultura é fundamental, pois é justamente na lapidação desses acontecimentos que o pesquisador ou etnógrafo encontrará suas respostas. Para isso se faz necessário que o foco da pesquisa esteja direcionado à relevância das ocorrências, ao significado que elas têm, e às nuances que podem descortinar. É fundamental que o pesquisador consiga estabelecer relações entre os acontecimentos e seus significados para que consiga interpretar a mensagem que tais acontecimentos podem revelar.

Especificamente em relação a esse ponto levantados por Geertz, de estar atento à investigação da importância não aparente das coisas, gostaria de ressaltar a minha ignorância nesse sentido. Ao chegar em Silva Jardim, apesar de alimentar uma grande expectativa em relação aos resultados do Cinema na Roça, em momento algum atentei para o fato de que o projeto fosse despertar o tipo de

---

<sup>22</sup> GEERTZ, Clifford, 1989, p. 8

comportamento apresentado por Aurélio, ou seja, ao iniciar o projeto, não tinha consciência de que ele representaria um instrumento de disputa de poder nas localidades.

Esse episódio vale uma consideração para a fase “teórico-intelectual” de um trabalho etnográfico levantada por Roberto Da Matta (MATTA,1978), pois, segundo o autor, durante essa etapa, há um distanciamento entre o conhecer teórico e a vivência com o grupo e, aos olhos do estudante, o grupo, tribo ou as teias de relações apresentadas por Clifford Geertz<sup>23</sup> aparecem em forma de diagramas estáticos e facilmente identificados. Nessa fase, as teias de relacionamentos aparecem de forma mais explícita do que na pesquisa de campo e, com uma fase “teórico- intelectual” bem elaborada, esse tipo de relação poderia ter sido previsto.

Nossa primeira exibição no município ocorreu em Aldeia Velha, que fica na divisa entre Silva Jardim e Casimiro de Abreu, distante cerca 40 km da sede do município, 8 km dos quais em estradas de terra. Aldeia Velha é um lugarejo tido como refúgio turístico, fundado por imigrantes suíços e alemães,<sup>24</sup> onde, segundo o censo do IBGE de 2000, vivem 1.068 pessoas<sup>25</sup>. Na localidade há um centro com cerca de dez pequenas ruas que se cruzam, nas quais existem pequenos comércios, uma igreja e algumas casas. As demais áreas do distrito são ocupadas por sítios e propriedades com até 480 hectares. Durante os finais de semana – período em que realizamos a exibição –, o povoado tem acréscimo populacional em função dos turistas oriundos de diversos municípios, mas principalmente dos municípios do Norte do estado do Rio de Janeiro.

Essa exibição teve, para nós, a conotação de teste dos equipamentos e da receptividade dos locais às projeções, pois era a primeira vez que usávamos os

---

<sup>23</sup> Para mais detalhes ver GEERTZ, Clifford. p. 4.

<sup>24</sup> Ver <http://mail.tce.rj.gov.br/sitenovo/develop/estupesq/gc04/2005/silvajardim.pdf>

<sup>25</sup> Para mais detalhes ver TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. p 12.

equipamentos para exibir um filme aberto ao público. Por esse motivo, realizamos a sessão sem a divulgação prévia, ou seja, sem a fixação de faixas, a distribuição de filipetas e o anúncio com carro de som. Mas Aldeia Velha foi escolhida por ser um pequeno vilarejo e pela facilidade de reunir as pessoas.

Da exibição de Aldeia Velha que aconteceu no dia 23 de julho de 2005, participamos eu, Marcos Martinelli, Adriana Stoppelli Borges de Almeida e Luiz Cláudio Pinto Anjos – que são meus amigos e voluntários no projeto – e, como representante de Silva Jardim, Rosilane Brum. Nós quatro chegamos a Aldeia Velha na parte da manhã do dia 23 de julho de 2005 e Rosilane à tarde. Ao chegarmos conhecemos dois moradores, Lury e Fernando, que, ao saberem da nossa idéia, nos falaram de um espaço, a pizzeria Bicho do Mato, de propriedade de Luiz Nelson e Ana Paula, sua esposa, que imaginavam ser um bom local para realizarmos a sessão de cinema.

Fernando nos apresentou a Luiz Nelson, também proprietário da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Fazenda Bom Retiro<sup>26</sup> e funcionário da Secretaria de Meio Ambiente de Casimiro de Abreu, que prontamente – ao saber dos nossos propósitos – cedeu seu estabelecimento para que realizássemos a sessão. Por conta da sessão de cinema, Luiz Nelson e Ana Paula interromperam a venda de produtos na pizzeria até que finalizássemos a sessão. Para o mesmo dia 23 de julho de 2005, também na pizzeria, estava programada a apresentação de um grupo de forró chamado Filhos D’Aldeia – do qual Fernando era vocalista. Assim, após o término da sessão e a saída de todos os espectadores, rearrumamos a pizzeria para, então, permitir a entrada das pessoas que assistiriam ao *show* de forró.

---

<sup>26</sup> Ver [www.rppnfazendabomretiro.com.br](http://www.rppnfazendabomretiro.com.br).

Apesar de termos conseguido reunir cerca de 50 espectadores para a sessão de cinema, a tarefa não foi muito fácil, pois grande parte dos espectadores insistiu em questionar várias vezes o porquê de estarmos realizando o cinema de graça dentro da pizzeria e parecia que viam o caráter voluntário da iniciativa com perplexidade. Parece-me que acharam estranho um evento gratuito e aberto ao público acontecer dentro de uma pizzeria, que costuma cobrar pelos eventos que realiza. Mas acho que estranharam também porque não nos conheciam e nunca haviam visto uma tela montada em cima de um carro, dentro de uma pizzeria.

Vale a pena fazer uma pausa para algumas considerações sobre a participação do Luiz Nelson nessa exibição, pois, apesar de sua propriedade estar registrada no município de Silva Jardim, parte dela se estende por Casimiro de Abreu e o Luiz é muito participativo politicamente em Casimiro e ativista do Partido Verde. Ao citarmos, em Silva Jardim, o nosso interesse em realizar a primeira exibição em Aldeia Velha, percebi o constrangimento – que não interferiu em seu apoio na realização da sessão – por parte da Rosilane Brum. Mais tarde vim a descobrir que, no passado, Luiz Nelson havia tido participação política ativa e contundente em Silva Jardim e que, por conta de divergências em relação à postura de preservação ambiental do município, aliou-se ao município de Casimiro de Abreu.

Dias depois vim a entender que a preocupação de Rosilane Brum, referente à participação do Luiz Nelson na exibição não retratava divergências pessoais, mas que, na verdade, ocultava a sua preocupação com a repercussão que uma iniciativa apoiada pelo poder público de Silva Jardim poderia ter pelo fato de contar com o envolvimento de um opositor ao governo local.



O desenrolar dessa passagem não causou inconveniente algum para o relacionamento do Cinema na Roça com o município de Silva Jardim e muito menos para a Rosilane Brum. Pelo contrário, serviu de aproximação entre Rosilane e Luiz Nelson, pois antes do projeto sair do município presenciei negociações entre os dois para a extensão das atividades educativas que Luiz Nelson realiza nas dependências de sua propriedade, visando a preservação da Mata Atlântica, aos alunos do município de Silva Jardim. Além disso, reforçou a minha percepção em relação aos conceitos de Geertz sobre cultura, quando escreve que acredita, assim “como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”.<sup>27</sup>

Voltando à dinâmica da sessão, de modo geral, nas cidades do interior por onde passamos com o Cinema na Roça, é comum haver eventos gratuitos. Porém, 100% dos casos reúnem pelo menos uma das seguintes características: acontecer em espaço público e/ou haver divulgação prévia. Acredito que a perplexidade tenha se dado pelo fato de o Cinema na Roça não atender a nenhum desses quesitos.

O público presente à sessão reunia pessoas entre, aproximadamente, 6 e 60 anos. Pelo que pude perceber, a maioria das pessoas chegou à pizzeria caminhando, pois o único veículo que havia estacionado nas proximidades era o do Luiz Nelson. Pareciam morar da localidade e aparentavam se conhecer. Uma caminhonete Toyota Hilux – aparentemente ano de fabricação 2005 – se aproximou do local de exibição, seus ocupantes perguntaram do que se tratava, foram convidados a participar, mas não demonstraram interesse.

A grande parte do público era formada de crianças acompanhadas pelas mães; algumas sozinhas e outras com os pais também. Havia cerca de cinco casais –

---

<sup>27</sup> GEERTZ, Clifford. P. 4

aparentemente, de namorados – e alguns idosos acompanhando netos ou filhos. Caso não contássemos com o envolvimento de Luiz Nelson, Ana Paula, Lury e Fernando, possivelmente teríamos conseguido muito poucas pessoas para assistir ao filme.

A montagem da estrutura levou cerca de 40 minutos. Nessa época, a tela ficava fixada sobre o teto do veículo que servia de local de armazenamento dos equipamentos eletrônicos, exceto do projetor, e fonte geradora de energia elétrica. Essa montagem foi um pouco conturbada, pois, apesar de já termos testado os procedimentos anteriormente, não tínhamos prática e houve confusão ao definir a sequência de montagem e a reponsabilidade das ações. Eu havia idealizado que os cabos e fios elétricos deveriam permancer enterrados – para evitar acidentes – e, para isso, contávamos com um enxadão como ferramenta. Porém, o solo estava compactado, não tínhamos habilidade com a ferramenta e não alcançávamos êxito na tarefa. Como os portões da pizzaria permaneceram abertos, algumas pessoas – principalmente crianças – chegaram com antecedência ao horário da sessão e assistiram ao trabalho prévio de preparação do espaço. A presença delas, por um ponto de vista, era motivante, no entanto, por outro, dispersava a nossa atenção.

Após a montagem da estrutura, que terminou por volta das 16 horas, utilizamos o nosso equipamento de sonorização para convidar as pessoas para a sessão que seria iniciada às 18 horas. Na ocasião contávamos com apenas quatro títulos autorizados, pois, apesar de o projeto ser caracterizado pelo uso doméstico das imagens – que isenta o exibidor dos pagamentos referentes aos direitos autorais e se configura, basicamente, pela gratuidade, pela forma de divulgação e pelo local de exibição –, por exigência de um dos patrocinadores, necessitávamos da cessão de

direitos – emitida pelos produtores e/ou distribuidores – para a exibição dos títulos, que, à época, eram: Central do Brasil, Tainá, O Caminho das Nuvens e Fala Tu.

Como previa o projeto, a escolha dos filmes deveria ser feita pelos espectadores através de uma votação direta, que aconteceu de forma muito simples. Eu lia a sinopse e, após a leitura, repetia o nome dos filmes e as pessoas levantavam a mão escolhendo o filme a que desejavam assistir. Contávamos a quantidade de mãos levantadas para cada filme e o que recebesse o maior número de votos era exibido. Em Aldeia Velha, o filme escolhido foi Central do Brasil<sup>28</sup>.

Com o microfone em punho, agradei a presença de todos, perguntei se estavam animados com a sessão de cinema, quantos já haviam ido ao cinema – em geral, nessa e em outras sessões, menos de 10% respondem que já foram, mas é comum encontrar quem já tenha assistido a filmes em DVD – e expliquei que o propósito de estarmos exibindo filmes gratuitamente naquela localidade era uma consequência da realização do projeto Cinema na Roça, que tinha o desafio de levar o cinema a localidades de municípios do estado do Rio de Janeiro que não possuíam cinema e/ou videolocadoras. Que Silva Jardim, assim como quase cinco mil dos 5.561 municípios brasileiros, não possuía cinema e, por isso, estávamos lá. Por fim, desejei-lhes uma boa sessão e, em seguida, às 18:30 aproximadamente, iniciamos a sessão. Durante a sessão os espectadores permaneceram sentados nos bancos e nas cadeiras da pizzeria. Cerca de dez pessoas ficaram em pé, junto ao portão de acesso à pizzeria, enquanto algumas pessoas chegavam, assistiam ao filme paradas na rua por alguns instantes – em frente ao estabelecimento – e depois iam embora. Motivadas pelo momento, Adriana Stoppelli, Ana Paula e Rosilane Brum

---

<sup>28</sup> Origem: Brasil; gênero: Drama; lançamento no Brasil: 1995; estúdio: Videofilmes; direção: Walter Salles. Para mais detalhes ver [www.centraldobrasil.com.br](http://www.centraldobrasil.com.br).

organizaram a distribuição de pipocas, que não estava prevista para essa sessão e que foi realizada por todos nós, inclusive pelo Luiz Nelson.

Ao término da sessão, mais uma vez agradei a presença dos espectadores, agradei a gentileza de Luiz Nelson e de Ana Paula, a parceria com a Casa de Cultura de Silva Jardim, em nome de Rosilane Brum e com a Secretaria de Turismo, em nome de Taísa. Expliquei novamente os propósitos do projeto e finalizei as atividades desejando boa noite aos presentes. Nesse momento houve uma salva de palmas à iniciativa e as pessoas começaram a deixar o local. Entre oito e dez espectadores permaneceram no local – alguns pois desejavam obter um pouco mais de informações a respeito do projeto, e outros, pois tinham curiosidade de ver como funcionavam a estrutura e os equipamentos.

Iniciamos a desmontagem – que levou cerca de 25 minutos – e armazenamos todos os equipamentos dentro do veículo. Em seguida o retiramos de dentro da pizzaria e reorganizamos as mesas e cadeiras do estabelecimento. Ao final da desmontagem, Rosilane Brum despediu-se e voltou a Silva Jardim enquanto nos preparávamos para assistir ao *show* da banda Filhos d’Aldeia, que – provavelmente por ser pago – reuniu um público inferior ao do cinema, com aproximadamente 40 pessoas, formado principalmente de solteiros (aparentemente), na faixa dos 20 anos de idade. Além dos envolvidos na realização da sessão de cinema, poucas pessoas permaneceram para assistir ao *show*.

Essa primeira exibição em Aldeia Velha foi importante não apenas por marcar o início do projeto e o sucesso da funcionalidade da estrutura – como era o objetivo principal. Na verdade, essa sessão ocultava aspectos fundamentais que nortearam as demais exibições. O primeiro aspecto que gostaria de ressaltar é a

importância do envolvimento de pessoas residentes nas localidades para o sucesso das sessões. Vejamos o caso de Luiz Nelson, Ana Paula, Lury e Fernando.

Para Roberto da Matta existem três fases ou planos no cotidiano de uma pesquisa etnográfica. A primeira delas é denominada pelo autor de “teórico-intelectual” e é marcada pelo “uso e até abuso da cabeça”<sup>29</sup>. Essa fase antecede o contato direto com o público a ser pesquisado. Para Roberto da Matta essa é a fase na qual o estudante se debruça sobre a teoria e se nutre de informações sobre seu objeto de estudo. No caso do Cinema na Roça, por desconhecer essa literatura, a fase “teórico-intelectual” foi completamente negligenciada e, por conta disso, não me dei conta da importância do significado dessa participação. Ao concebê-lo, considerei importante incluir esse tipo de participação na realização das sessões, mas não considerava que o engajamento de algumas pessoas residentes nas localidades seria um fator determinante para a presença de espectadores. Durante a concepção do Cinema na Roça considerei que a novidade trazida pela presença do projeto fosse suficiente para atrair as pessoas para as sessões.

Outro aspecto relevante é o significado para pessoas como Rosilane Brum e Aurélio, pois, como pude verificar, o Cinema na Roça significou uma forma de demonstração de *status* e disputa por poder. Esse aspecto foi importante para sinalizar que a presença do projeto assume um significado que vai além da exibição de filmes.

Gostaria de ressaltar também o significado para os voluntários, como Adriana Stoppelli, Marcos Martinelli e Luiz Claudio Pinto Anjos, que aceitaram o convite de participar da organização da sessão, pois estariam ajudando um amigo a realizar um sonho. No entanto, ao término do final de semana de exibição em

---

<sup>29</sup> MATTA, Roberto da. P 24.

Aldeia Velha, se diziam “com a alma renovada” e que a experiência tinha sido mais importante para eles do que para os espectadores pela oportunidade de proporcionar a emoção que perceberam nos olhares das pessoas que assistiam às sessões.

Outro ponto que gostaria de ressaltar foi a motivação espontânea de Adriana, Rosilane e Ana Paula, de se lançarem no vilarejo à procura de milho de pipoca e demais ingredientes, a fim de proporcionarem um atrativo a mais aos espectadores. Essa manifestação foi a primeira demonstração de que a realização do Cinema na Roça poderia estar gerando mais benefícios aos que o realizam do que aos espectadores.

A segunda localidade de Silva Jardim onde realizamos sessões de cinema foi Cambucaes. Trata-se de uma localidade originada a partir da assinatura do decreto presidencial de 27 de dezembro de 1993, desapropriando a Fazenda Cambucaes para fins de reforma agrária e posteriormente transformando-a em assentamento rural. Compreende uma área de 1.636 hectares<sup>30</sup>, atualmente ocupada por pequenas propriedades rurais que reúnem 106 famílias<sup>31</sup>, algumas delas voltadas para a agricultura familiar. Essa exibição foi agendada previamente e, através da Casa de Cultura, foram confeccionadas duas faixas de divulgação e fixadas nas proximidades do local de projeção. Além disso, foram produzidas filipetas e entregues aos professores da escola municipal de Cambucaes, para que distribuíssem aos alunos informando a data e horário da sessão. Com dois dias de antecedência foi feita a divulgação local através de uma moto de som – que consiste em uma moto equipada com sistema de sonorização, muito comum nessas localidades para a divulgação de eventos –, que percorreu as cercanias de Cambucaes convidando os moradores.

---

<sup>30</sup> Ver <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/DNN/Anterior%20a%202000/1993/Dnn1990.htm>.

<sup>31</sup> Ver <http://www.iadb.org/idbamerica/index.cfm?thisid=3467>.

Nessa exibição já havíamos firmado a parceria com o Cinemaneiro e chegamos – eu, Marcos Martinelli, Luiz Claudio Pinto Anjos e Ícaro Fernandes (representante do Cinemaneiro) – no município na manhã de sexta-feira, de 26 de agosto de 2005. De lá fomos para a Casa de Cultura de Silva Jardim, onde encontramos Rosilane Brum e os demais integrantes de sua equipe. Após um breve período de conversa sobre o projeto, nossas expectativas e a apresentação das partes – Ícaro Fernandes e Rosilane Brum ainda não se conheciam – fomos abastecer o veículo.

Conforme mencionado anteriormente, no caso de Silva Jardim a doação do diesel foi feita pela Secretaria de Obras. Precisávamos fazer uma única retirada de 100 litros por final de semana de exibição, e o abastecimento não poderia ser feito diretamente no veículo, porque apenas veículos oficiais podiam ser abastecidos nas bombas de combustível. Precisávamos encher cinco galões com capacidade de 20 litros cada e posteriormente, fora dos limites da Secretaria de Obras, verter o diesel no tanque de combustível do nosso veículo. O abastecimento era importante, pois o veículo era a fonte de energia elétrica durante as sessões e precisava ser mantido em funcionamento durante todo tempo. O processo de abastecimento como um todo consumia cerca de uma hora a uma hora e trinta minutos e acontecia entre o pátio da Secretaria – coleta do diesel – e um terreno baldio – abastecimento do veículo – ao lado da Casa de Cultura. Uma vez reabastecido o veículo, guardávamos o diesel excedente num galpão nos fundos da Casa de Cultura – para um futuro abastecimento – e prosseguíamos com a agenda do dia. Essa rotina de abastecimento se repetiu em todas as exibições de Silva Jardim.

Eu sempre preferi ir cedo, ainda na parte da manhã, para as localidades de projeção, mas isso nem sempre era possível devido à falta de locais para a nossa

alimentação. E como esse quesito era de responsabilidade de Casa de Cultura, e seus convênios para a prestação de serviços de alimentação se restringiam aos estabelecimentos da sede, tínhamos duas opções: uma delas era arcarmos com as despesas de alimentação e a outra era irmos para os locais de exibição após o almoço.

Exceto no caso de Aldeia Velha, as manhãs das sextas-feiras em Silva Jardim eram tomadas com o abastecimento do veículo, o almoço e alguns contatos com representantes do poder público, com representantes da imprensa local, com manifestações culturais etc. Enfim, em compasso de espera ocupávamos nosso tempo com alguma atividade na sede do município.

Após o almoço e com o veículo abastecido, percorremos os 11 km de estrada de asfalto e cerca de 4 km em estrada de terra que separam Cambucaes da sede do município e, por volta das 14:30, chegamos nas dependências do sítio da Sr<sup>a</sup>. Otilia e do Sr. Fortunato, pais de Regina, diretora da escola municipal da localidade, que se situa em frente à propriedade deles, onde a sessão foi realizada e que a pedido de Rosilane Brum, o espaço foi gentilmente cedido para a realização da sessão. As cadeiras que utilizamos foram cedidas pela diretora da escola e nosso trabalho nesse sentido foi o de reuni-las e atravessar a rua para dispô-las em frente à tela.

O Sr. Fortunato é um senhor negro, com menos de 1,60 metro de altura, aproximadamente 70 anos, um pouco tímido e não muito dado a conversas. No dia em que estivemos com ele tentei registrar algumas de suas palavras com a câmera de vídeo, mas ele se comunicava por frases tão curtas que desisti da idéia. Não me pareceu muito interessado na conversa, muito menos na sessão de cinema que aconteceria em sua propriedade. Normalmente, ao chegar nas propriedades,



costumo conversar com as pessoas sobre a vida na localidade, a paz e a tranquilidade do local, se já moraram ou se gostariam de viver em alguma cidade grande, sobre a natureza, se já foram ao cinema e vários outros assuntos. Com o Sr. Fortunato não foi diferente, mas a conversa não evoluía muito e ele sempre respondia às perguntas com respostas fechadas ou poucas palavras.

A Sr<sup>a</sup> Otília, por outro lado, foi muito expansiva. Também é negra, de estatura e idade próximas às do Sr. Fortunato e assim que chegamos saiu de casa para nos receber e em poucos minutos nos convidou para um cafezinho. Fez questão de nos contar a história da propriedade, da localidade, mostrar as plantas que tinha e mesmo sem que fosse necessário perguntar, disse que gostava mesmo era da tranquilidade daquela vida, mas que, nos tempos atuais, tudo estava mais difícil. Que da lavoura quase não se conseguia sobreviver, que a roça não rende mais como antigamente etc. Assim que viu a filmadora nas mãos do Ícaro achou engraçado, mas não se intimidou ao falar em frente à câmera. Já Sr. Fortunato pareceu ficar ainda mais retraído.

Depois do João Vitor – neto do casal –, a mais empolgada da família com a sessão era a sua mãe Regina. Ela contou que aguardava ansiosamente pela sessão e que já havia feito bastante propaganda na escola municipal de Cambucaes, achava que a sessão reuniria muitas pessoas. Ainda segundo Regina, a expectativa era grande entre as crianças da escola e ela pretendia usar passagens do filme em sala de aula.

Uma vez planejados os passos da montagem, percorremos a localidade transformando o veículo do projeto em carro de som e realizamos mais uma divulgação da sessão. Essa divulgação levou cerca de duas horas e percorremos quase todas as residências do vilarejo – que, de forma geral, eram construções

modestas, porém em alvenaria –, reforçando o convite e a gratuidade da exibição. Como as propriedades em Cambucaes são formadas, basicamente, por sítios, não tivemos muito contato com as pessoas durante a divulgação.

Vale a pena ressaltar que não há um *script* pré-definido para a divulgação. À medida que andamos com o carro, vou inventando brincadeiras para fazer com as pessoas das localidades. Por exemplo, quando estão na lavoura, pergunto como está a colheita; quando saem da escola, pergunto se a aula foi boa e se tinha merenda; pergunto se já têm programação para aquela noite e, em meio às brincadeiras, divulgo a sessão de cinema. Em Cambucaes, algumas pessoas respondiam ao convite da voz que saía do carro. Como os vidros do veículo são escurecidos, ficava difícil ver quem estava dentro, salvo quando parávamos para conversar. Nas demais localidades a dinâmica foi similar e as pessoas também responderam às perguntas, dizendo se iriam à sessão, ou que não poderiam, por exemplo, porque estariam na igreja, ou que decidiriam junto com a família etc.

No percurso, nos deparamos com um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e os componentes do movimento também foram convidados para a sessão. Ao chegarmos ao acampamento, por volta das 15 horas, havia apenas um homem presente, que se apresentou como o responsável pelo acampamento. Era um homem branco de chapéu, de estatura mediana, aparentando 50 anos, que nos recebeu com um misto de reserva e curiosidade. Ao explicarmos que o propósito da visita ao acampamento era convidá-los para assistirem a uma sessão gratuita de cinema, organizada por um ONG em parceria com a Casa de Cultura de Silva Jardim, se mostrou um pouco mais à vontade. Mesmo assim, apesar de – por intermédio da Rosilane Brum – conseguirmos uma kombi da Secretaria de Educação para oferecer transporte de ida e volta às pessoas

que moravam em locais mais afastados do sítio do Sr. Forturnato e aos integrantes do MST, nenhum representante do acampamento compareceu.

Ao final da divulgação, voltamos ao sítio do Sr. Fortunato e iniciamos a montagem da estrutura, que, mais uma vez, consumiu cerca de 40 minutos. O menino João Vitor, com aproximadamente seis anos, voluntariou-se a ajudar na montagem e realmente demonstrou interesse em participar, nos auxiliando na conexão dos cabos, na ligação dos equipamentos e nas demais atividades que sua idade e porte físico permitiam.

A escolha dos filmes seguiu a mesma dinâmica de Aldeia Velha, porém em Cambucaes foram exibidos os filmes *Tainá: uma aventura na amazônia*<sup>32</sup>, com 52 espectadores, e *Central do Brasil*, com 60. Em geral, nem todos permanecem assistindo aos filmes nas duas sessões. A diferença no número de espectadores se deve ao fato de algumas pessoas chegarem atrasadas e outras irem embora mais cedo. Durante a sessão em Cambucaes houve falta de energia, pois, como o vento levava a fumaça do carro na direção das pessoas, achei por bem desligá-lo para evitar o incômodo da fuligem do diesel queimado sendo lançada sobre os espectadores. Mas, com cerca de 30 minutos de projeção, a bateria do veículo foi quase totalmente consumida, fazendo com que os equipamentos desligassem. Com isso, tivemos que interromper a sessão por aproximadamente 10 minutos para reestabelecer o sistema, o que me deixou muito preocupado com a reação dos espectadores. No entanto, algumas pessoas lamentaram a falta de luz, a maioria aguardou pacientemente o restabelecimento e uma pequena parcela foi embora.

Apesar de contarmos com as cadeiras da escola, não as conseguimos em número suficiente e algumas pessoas assistiram aos filmes em pé, enquanto outras

---

<sup>32</sup> Origem: Brasil; gênero: Aventura; lançamento no Brasil: 2001; estúdio: Tietê Produções Cinematográficas; direção: Tânia Lamarca e Sergio Bloch. Para mais detalhes ver [www.taina.com.br](http://www.taina.com.br).

se apoiaram na cerca, no poste, na mourama, permaneceram sentados em suas motos ou sobre uma lona plástica de 16m<sup>2</sup> que esticamos no chão. A presença de motocicletas como meio de transporte é muito comum em todas as localidades percorridas pelo projeto. Ao que tudo indica, elas foram ocupando o lugar dos cavalos nas regiões do interior.

Em 27 de agosto de 2005 foi o dia de exibições em Cesário Alvim, que começou com uma visita à feira do agricultor e com a participação no programa de rádio do prefeito Augusto Tinoco, que é uma espécie de espaço para que ele responda às críticas geradas pela oposição e efetua propagandas de suas realizações. Também foi dia de entrevista ao jornal local sobre as exibições do Cinema na Roça.

Cesário Alvim é o segundo distrito de Silva Jardim e é uma localidade de fácil acesso que dista cerca de 2 km, por estrada de asfalto, da BR101. Fica situado nas proximidades do município de Rio Bonito. É um distrito de característica urbana e que possui videolocadora. Assim, ao nos depararmos com essa situação, realizamos a sessão em bairros ou vilarejos de Cesário Alvim onde não há videolocadora. Sua população é formada por aproximadamente 2.000 habitantes.

Chegamos ao segundo distrito por volta das 15 horas e iniciamos a divulgação da sessão. Às 17:30 chegaram as primeiras crianças. Gabriel, Flávia e Sara – por volta dos cinco anos de idade – queriam ajudar na montagem. Alguns adultos também se aproximaram, mas nenhum deles se ofereceu para ajudar. Montamos a estrutura e em cerca de meia hora estava tudo pronto para a sessão. Marcos Martinelli e Rosilane Brum estavam muito empolgados com o projeto, enquanto o Ícaro Fernandes, que seria o responsável pela geração de imagens, não me parecia muito produtivo – segundo meus apontamentos, em princípio pensei que ele não tivesse conhecimento para fazer as imagens, ou que a falta de um roteiro

prévio estivesse dificultando o seu trabalho. Porém identificava que aquela experiência estava sendo importante para ele, pois demonstrava felicidade e surpresa a cada novidade, como, por exemplo, a vida no campo, o contato com os animais, com pessoas do meio rural etc. Eu esperava que essa experiência também fosse importante para os demais do Cinemaneiro.

A sessão de Cesário Alvim chegou a reunir 84 espectadores e o filme escolhido – através do mesmo procedimento – foi Tainá. Ao final da sessão, não consegui realizar o debate que pretendia, o que também tinha acontecido em Aldeia Velha e Cambucaes. Essa era uma idéia inicial do projeto, mas, ao final das quatro sessões, percebi que seria uma tarefa muito mais difícil do que imaginava, pois lidava com muita timidez dos espectadores para falarem ao microfone, em frente de pessoas conhecidas.

Em relação ao uso do microfone pretendo fazer algumas considerações. A primeira delas é que parece nítido que o uso do microfone seria um inibidor da participação, uma vez que é hábito de poucas pessoas utilizá-lo no dia-a-dia. Outro aspecto interessante é que o uso do microfone torna a dinâmica do debate mais lenta pela logística de passar o equipamento de mão em mão para que a pessoa se pronuncie. O aspecto mais inibidor, ao meu ver, é o simbolismo de estar falando ao microfone, pela diferença de exposição gerada pela situação, bastante diferente de uma conversa informal.

Por outro lado abriu-se uma lacuna que permaneceu sem resposta por muito tempo: como fazer para que 50 pessoas consigam debater ou conversar juntas a respeito do filme a que assistiram sem o auxílio de um aparelho de sonorização?

Durante as sessões realizei tentativas diferentes e a melhor forma que encontrei foi tentar desenvolver uma conversa com quem eu queria estimular ao

debate. Enquanto os créditos iam subindo na tela e o Marcos Martinelli ou outro voluntário preparava o equipamento para uma nova sessão ou para tocar alguma música, com o ambiente ainda um pouco escuro, me aproximava de alguma pessoa munido do microfone sem fio, sentava ao seu lado – quando possível – e começava a perguntar o nome, se era da localidade, se tinha gostado do filme, do que mais tinha gostado, do que não tinha gostado, pedia que me contasse como tinha sido a experiência de assistir a um filme numa tela “grandona”, ao ar livre e perto de casa etc.

Eu perguntava ao microfone para que os demais ouvissem, o que foi uma alternativa para diminuir a exposição das pessoas, pois os entrevistados começavam a falar com o ambiente ainda escuro e as demais pessoas não conseguiam saber exatamente quem estava falando. A idéia era que, quando as luzes comessem a acender, já estivéssemos conversando e a pessoa não se sentisse tão inibida.

Nas exibições nas localidades de Mato Alto e Juturnaíba, que aconteceram nos dias 3 e 4 de setembro de 2005, respectivamente, estávamos presentes eu, Marcos Martinelli, Ícaro Fernandes, Luiz Claudio Pinto Anjos e Rosilane Brum. As observações mais interessantes que essas exibições trouxeram foi a importância do segmento religioso da comunidade, pois em Mato Alto conseguimos a cessão do pátio externo da igreja Batista para realizar a exibição e, por conta disso, percebi o afastamento dos seguidores dos demais credos, por não haver – nos locais por onde passei – o hábito de frequentarem templos que não sejam das suas religiões. Ouvi muitos comentários de que, quando o evento acontece em determinado espaço religioso, as pessoas só comparecem se forem seguidoras daquela religião ou se não forem seguidoras de nenhuma. Porém, por outro lado, o apoio da igreja resolveu o problema logístico das cadeiras, devido ao empréstimo dos bancos.

Em Juturnaíba realizamos a sessão num dia chuvoso e tivemos que alterar o local de exibição momentos antes da projeção. Juturnaíba pertence ao primeiro distrito de Silva Jardim, reúne no máximo 60 famílias no entorno do vilarejo que fica às margens da lagoa homônima. A principal atividade de Juturnaíba é o turismo – ainda incipiente – da pesca. Após a construção da barragem que represa o rio São João, na tentativa de repovoamento da lagoa foi introduzido o peixe Tucunaré. Atualmente a principal atividade comercial da localidade é a pesca e os poucos estabelecimentos que existem em Juturnaíba dedicam-se a atividades correlatas à pescaria comercial ou desportiva.

Havíamos planejado realizar a exibição em frente a uma estação de trem desativada, atualmente transformada em uma venda, mas por conta da chuva tivemos que mudar de local. Com a mudança de local tivemos que improvisar a montagem da tela retirando-a do veículo e fixando-a no interior do bar do Bal, que ofereceu seu estabelecimento para que realizássemos a sessão. Repetindo o que aconteceu em Aldeia Velha, o proprietário do bar interrompeu a comercialização de produtos durante a sessão e resolveu o problema de espaço para a exibição. Por outro lado, alguns moradores da localidade não compareceram para assistir aos filmes por causa de divergências políticas. Verificamos que o fato de o proprietário do local da exibição ser de oposição ou apoiar o governo municipal é relevante para os habitantes dessas localidades. Essa postura, na maioria dos casos, determina se devem – ou não – apoiar determinada iniciativa, como, por exemplo, o Cinema na Roça. Por isso, ao realizarmos uma sessão na propriedade de um habitante marcadamente partidário da situação, corremos seriamente o risco de afastar os opositores e vice-versa.

Outra localidade de Silva Jardim em que estivemos foi Gaviões, que, como já foi dito, é bem isolada. Quando estivemos lá, para chegar à localidade era preciso percorrer cerca de 50 km – a partir da sede do município – por estradas de terra mal conservadas e de difícil acesso no período das chuvas. Devido a minha ligação anterior com Gaviões – por causa do trabalho junto ao grupo Caminhos da Solidariedade – e a sua característica geográfica, decidi realizar duas exposições no distrito.

Gaviões corresponde ao terceiro distrito de Silva Jardim e teve origem no desmembramento de uma fazenda de mesmo nome. Trata-se de uma comunidade bastante espalhada, formada, em grande parte, por pequenas propriedades distantes entre si. As principais atividades do distrito são a pecuária extensiva e a agricultura de subsistência. Grande parcela da população trabalha como colonos das fazendas ou na agricultura familiar.

As exposições aconteceram nos dias 16 e 17 de setembro de 2005 e foram as mais complexas em termos de infraestrutura e deslocamento. Um dos motivos foi a inexistência de locais de hospedagem em Gaviões, o que nos forçava a percorrer mais de 100 km por estradas de terra, por dia de exposição – o que equivale a mais de quatro horas diárias de deslocamento. Um outro motivo foi a dificuldade para reunir as pessoas, por causa da distância que separava suas residências. Ainda um terceiro era a dificuldade de organizar e acompanhar a divulgação local, também pelo mesmo motivo.

Quando estivemos em Gaviões, várias residências do distrito eram desprovidas de energia elétrica e havia um considerável contraste de infraestrutura entre as grandes propriedades da região e a maioria dos sítios. Existiam três escolas no distrito, sendo que uma delas em estado muito precário. O centro do vilarejo



reunia cerca de 30 casas, um campo de futebol, duas vendas e uma dessas escolas. Mas, como as projeções aconteceram em locais mais remotos para o segundo dia conseguimos, por intermédio da Rosilane Brum, um ônibus para levar e buscar os espectadores em casa.

Ao chegarmos em Silva Jardim no dia 16 de setembro – dessa vez éramos eu, Ícaro Fernandes e Josinaldo Medeiros (o segundo jovem do Cinemaneiro) –, fomos surpreendidos pelo pedido de Cristina, responsável pelo Centro de Ação Social, que é vinculado à Secretaria de Assistência Social e presta assistência a pessoas da terceira idade, para realizarmos uma sessão extra para um grupo de 80 idosos. Mas a projeção precisava acontecer naquele dia, pois estavam todos reunidos por conta de uma comemoração no local. Cristina soube da nossa presença em conversa com a Rosilane Brum e pediu a ela que intermediasse a negociação.

A realização da sessão no Centro de Ação Social envolveu uma logística mais complexa do que imaginávamos. O pé direito do centro era muito baixo e, mesmo desmontando a tela do veículo, não conseguíamos fixá-la de modo satisfatório. O salão reservado para a sessão era muito claro e, ao fechá-lo com tecido a fim de escurecê-lo, outro problema surgiu: o calor. A solução para a tela foi projetar a imagem diretamente na parede – de cor bege – que distorcia um pouco as cores originais do filme. Para o calor causado pelo fechamento das janelas laterais não houve outra saída senão suportá-lo, pois nem com o recurso dos ventiladores o problema foi resolvido.

Mesmo assim, percebi que, para os espectadores do Centro de Ação Social, era uma grande novidade. O público reunia 80 pessoas acima de 60 anos, sendo o mais idoso o Sr. Sebastião, com 95 anos de idade. Para mais de 90% dos espectadores havia sido a primeira experiência com o cinema. A idéia inicial era

projetar apenas um filme, porém, ao término de Central do Brasil, decidiram assistir a Tainá. Entre 60% e 70% dos espectadores fizeram questão de agradecer pessoalmente a experiência. Havia lágrimas de emoção nos rostos de alguns com cenas do filme Central do Brasil e longas risadas com as cenas da indiazinha Tainá. Mas nem todos os espectadores mantiveram-se atentos ao filme. Algumas senhoras conversavam sobre assuntos diversos durante as sessões – e às vezes eram repreendidas pelos demais – e vi cerca de quatro pessoas dormindo durante os filmes.

Sáimos de Silva Jardim e fomos diretamente para Gaviões. Chegamos junto com Rosilane Brum às 18 horas, horário em que deveríamos iniciar a sessão. Porém, nesse dia a divulgação falhou. Poucas pessoas estavam avisadas, a moto de som não havia percorrido a localidade informando o local e o horário da sessão etc. Além disso, o tempo não estava muito bom. Algumas nuvens se formavam no céu, um indicativo de que choveria durante a noite.

A projeção foi realizada na propriedade do Dr. Paulo Márcio, sitiante não residente na localidade, engajado com a preservação do meio ambiente e cultivador de palmito de Pupunha – uma alternativa ao quase extinto exemplar da mata atlântica, palmito de Jussara –, que, apesar de não estar presente, cedeu a sua propriedade para a realização da atividade para a comunidade. Nesse dia exibimos apenas Tainá – por causa da chuva – e havia no máximo 30 espectadores presentes.

No dia seguinte, 17 de setembro de 2005, voltamos a Gaviões. Dessa vez o dia já amanheceu chuvoso. O caminho até a localidade foi bastante difícil e demorado, mas chegamos cedo, por volta das 12 horas. Nesse dia, Marcos Martinelli, sua esposa Sandra Félix Brandão e sua filha Júlia Martinelli nos acompanharam. Ao chegarmos a Gaviões tivemos que encontrar outro local para a

exibição, pois temíamos que não houvesse espectadores por conta da chuva (inicialmente a sessão aconteceria em local descoberto). Conseguimos negociar com o administrador de uma fazenda próxima ao local original de exibição a cessão de um galpão coberto no qual eram guardados os tratores e, depois de reorganizarmos a disposição das máquinas, conseguimos um espaço para a realização da sessão.

Rosilane Brum havia conseguido o secretário de Educação disponibilizasse um ônibus. Mesmo assim, apenas 25 pessoas – que moravam nas proximidades da fazenda – compareceram. Vieram caminhando e ninguém utilizou o transporte oferecido. As pessoas que moravam mais distante não apareceram nos locais onde o ônibus as pegaria, provavelmente por causa da chuva, pois é possível que não contassem que haveria sessão mesmo chovendo. Como não havia cadeiras ou bancos, mais uma vez esticamos a lona plástica no chão e as pessoas se acomodaram sobre ela. A maioria do público, nesse dia, foi formada por crianças de até 11 anos.

Ao término da sessão desmontamos a parafernália e voltamos à sede do município. Mas esse dia de Cinema na Roça parece não ter empolgado muito os presentes. Diferente dos demais locais, as pessoas somente se aproximaram quando todos os equipamentos já estavam montados. Nenhuma criança se aproximou com o intuito de participar da montagem, mesmo com a presença da Júlia – 8 anos na época –, que poderia ser um estímulo às demais, não houve aproximação espontânea das crianças. Somente após começarmos a exibição de algo na tela que as pessoas começaram a aparecer de lanterna em punho.

As exhibições de Gaviões reuniram poucos espectadores – menos de 60, no total – e acredito que teríamos mobilizado mais pessoas se tivéssemos atentos à reunião de dois fatores: a falha na divulgação e o tempo chuvoso.

As últimas sessões em Silva Jardim aconteceram nos dias 23 e 24 de setembro de 2005, nas localidades de Bananeiras e Vargem Grande. Nelas estávamos presentes eu, Ícaro Fernandes, Josinaldo Medeiros, Rosilane Brum, Taísa (secretária de Turismo) e Rose (Conselho Tutelar). Houve uma média de 70 pessoas presentes em cada exibição. Em ambas localidades pensávamos em exibir apenas um filme, mas o interesse do público por uma sessão dupla nos motivou a projetar dois filmes seguidos.

Nessa época, o Cinema na Roça contava com 10 filmes em seu acervo: Central do Brasil, O Caminho das Nuvens<sup>33</sup>, Tainá, Neguinho e Kika<sup>34</sup>, O Jeito Brasileiro de Ser Português<sup>35</sup>, Fala Tu<sup>36</sup>, Tudo Sobre Rodas<sup>37</sup>, Olho da Rua<sup>38</sup>, Minicine Tupy<sup>39</sup> e Burro sem Rabo<sup>40</sup>. A escolha dos filmes se deu através da votação direta – como nas demais exhibições – e o primeiro filme escolhido em ambas foi O Caminho das Nuvens.

No primeiro balanço do projeto, ao final das projeções em Silva Jardim, parecia que o Cinema na Roça tinha alcançado parte dos seus objetivos. Se, por um lado, ainda não havíamos conseguido organizar debate algum, por outro, a

---

<sup>33</sup> Origem: Brasil; gênero: Drama; lançamento no Brasil: 2003; estúdio: L C Barreto; direção: Vicente Amorim. Para mais detalhes ver [www.lcbarreto.com.br](http://www.lcbarreto.com.br).

<sup>34</sup> Origem: Brasil; gênero: Drama; lançamento no Brasil: desconhecida; estúdio: Nós do Morro; direção: desconhecida.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> Origem: Brasil; gênero: Documentário; lançamento no Brasil: 2003; estúdio: Videofilmes; direção: Guilherme Coelho. Para mais detalhes ver <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/fala-tu/fala-tu.asp>.

<sup>37</sup> Origem: Brasil; gênero: Documentário; lançamento no Brasil: desconhecida; estúdio: Abbas Filmes; direção: Sérgio Bloch.

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> Idem.

manifestação dos espectadores nos indicava que o Cinema na Roça estava contribuindo para que aquelas pessoas tivessem acesso a uma – pequena, que fosse – parcela do que era produzido no cinema nacional.

Aparentemente a presença do Cinema na Roça estava sendo positiva para o município. Tanto que nos convidaram a voltar no dia 5 de novembro de 2005, pois a Secretaria de Cultura, através da Casa de Cultura de Silva Jardim, realizaria um evento em homenagem ao Dia da Cultura, e seus representantes queriam que o Cinema na Roça participasse e fosse homenageado por suas realizações no município.

Pelo fato de percebermos que os munícipes não tinham o hábito de circular pelo município e que desconheciam várias localidades de Silva Jardim, para a ocasião do Dia da Cultura foi preparado um vídeo específico sobre a região, marcando a despedida do Cinema na Roça. O encerramento simbólico do Cinema na Roça foi marcado com um evento na Escola Municipal Sérvulo Melo, no qual houve a presença de aproximadamente 200 jovens, com os quais conversamos sobre responsabilidade social, a concepção do Cinema na Roça e as nossas percepções a respeito do projeto no município.

## 2.2 São José do Vale do Rio Preto

São José do Vale do Rio Preto é um o município de 21.375 habitantes, ocupa uma área de 240 km<sup>2</sup>, segundo o IBGE,<sup>41</sup> e 269 km<sup>2</sup>, segundo a página oficial

---

<sup>41</sup> Para mais detalhes ver <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.

do município na internet.<sup>42</sup> Seu IDH é (0,720)<sup>43</sup>. Dista cerca de 150 km da cidade do Rio de Janeiro, em direção ao oeste do estado e faz divisa com os municípios de Petrópolis, Teresópolis, Sapucaia e Três Rios.

O município tem sua economia baseada na agricultura e se considera o maior produtor de hortifrutigranjeiros do estado do Rio de Janeiro<sup>44</sup> e a “população rural representa 53,52% dos habitantes”<sup>45</sup>. O prefeito é Manoel Martins Esteves, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e eleito em 2004 com 7.074 votos. A Câmara Municipal é composta por nove vereadores.<sup>46</sup>

O contato inicial com o município foi inusitado. Marco Aurélio Fróes, à época secretário de Meio Ambiente de São José do Vale do Rio Preto, de passagem pelo Rio de Janeiro, viu o veículo do projeto estacionado em uma rua da cidade e se interessou pela idéia. Ao retornar ao município entrou em contato comigo para darmos continuidade ao processo. Todos os detalhes – hospedagem, alimentação e combustível necessários – foram acertados por telefone e/ou meio eletrônico. Sendo assim, em 15 de outubro de 2005 chegamos – eu, Ícaro Fernandes e Josinaldo Medeiros – em São José do Vale do Rio Preto.

Atendendo ao pedido de Marco Aurélio Fróes, consideramos a possibilidade de exibir o filme *A Visão do Paraíso*<sup>47</sup>, cujo tema é a preservação da Mata Atlântica. O filme é protagonizado por Tom Jobim, que era um ilustre cidadão do município. Para tanto fazia-se necessário que os representantes do município providenciassem uma cópia e a autorização para projeção, junto ao Instituto Tom

---

<sup>42</sup> Ver <http://www.sjvriopreto.rj.gov.br/acidade/acidade.htm#Supericie>.

<sup>43</sup> Fonte: Atlas do desenvolvimento humano.

<sup>44</sup> Ver <http://www.sjvriopreto.rj.gov.br/acidade/acidade.htm#Economia>.

<sup>45</sup> Informação presente na página oficial do município

<sup>46</sup> Para mais detalhes ver [www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br).

<sup>47</sup> Origem: Brasil; gênero: Documentário; lançamento no Brasil: desconhecida; estúdio: desconhecido; direção: desconhecida.

Jobim no Rio de Janeiro. Com a demora do processo de obtenção da autorização, nossa partida foi retardada em um dia, a fim de que conseguíssemos levar o título.

Ao chegarmos no município na manhã do dia 15 de outubro de 2005, fomos diretamente à prefeitura encontrar o secretário e realizamos uma rápida reunião apresentando os propósitos do Cinema na Roça. Além dos já citados estava presente na reunião a secretária de Educação. Após essa reunião fomos ao gabinete do prefeito para uma breve apresentação.

Em São José realizamos duas exposições. A primeira, no centro da cidade, participando da Calçada da Cultura, que é um evento público que ocorre todas as sextas-feiras expondo manifestações culturais locais e iniciativas de outras localidades. Essa participação na Calçada da Cultura fugiu um pouco aos propósitos do projeto porque no centro de São José havia videolocadoras e exibir filmes nesse evento não atenderia os objetivos do projeto. Porém, como havia sido combinado antes que faríamos a exibição nesse evento, não havia como buscar outra alternativa naquele momento.

Essa passagem tem singular importância por dois aspectos: o primeiro é a predisposição de São José em aceitar o Cinema na Roça pelo fato de existir uma política cultural no município. O segundo é descobrir até que ponto o projeto terá que alterar as suas características originais para atender aos anseios do poder público local, a fim de ser aceito e estimulado pelas autoridades.

Em relação ao primeiro aspecto a consequência foi a crença de que o projeto faria parte das atividades do município e que seria fácil motivá-los a tornar o Cinema na Roça um projeto permanente por lá. Talvez essa postura tenha refletido de maneira inversa, como será abordado mais à frente, pelo fato de termos negligenciado detalhes culturais que inviabilizariam a permanência do projeto no

município. Por outro lado, ainda referente ao mesmo aspecto, vale lembrar o ocorrido em Silva Jardim, onde o projeto demonstrou a sua faceta ligada à disputa de poder.

Temos que considerar que a passagem do Cinema na Roça pode ter servido apenas para reforço para a imagem política dos representantes do município, envolvidos com a realização da Calçada da Cultura, ou seja, acredito na possibilidade de o projeto ter sido usado, ardiloso e exclusivamente, para atender aos anseios temporários na supressão das necessidades de agenda do evento cultural da cidade.

Nossa passagem por São José do Vale do Rio Preto foi muito rápida, mas alguns aspectos precisam ser ressaltados. No dia 16 de outubro de 2005 realizamos uma sessão na localidade de Pouso Alegre, que fica próxima do centro da cidade, mas reúne grande quantidade de produtores rurais e é uma localidade onde há concentração de pessoas de baixa renda. Apesar do intenso interesse do secretário de Meio Ambiente na projeção do filme A Visão do Paraíso, em Pouso Alegre seguimos o mesmo procedimento para a escolha dos títulos e, na segunda exibição dessa noite, o mais votado foi o filme com Tom Jobim. Porém, a narrativa do documentário não agradou aos espectadores e, em menos de meia hora, várias pessoas já tinham abandonado o local de exibição. Nessa noite, antes do final do documentário, a inquietação era generalizada e um espectador – com cerca de 11 anos – chegou a atirar pequenas pedras na tela.

Enquanto na primeira sessão, em que projetamos um dos filmes de nosso repertório, havia cerca de 100 pessoas presentes, com apenas 40 minutos do segundo filme, esse número já havia sido reduzido a 15 espectadores. Na primeira sessão houve distribuição de pipoca – patrocinada pela Secretaria de Meio



Ambiente – e se formou uma fila com mais de 30 pessoas para recebê-la. Mas percebi que, enquanto as pessoas aguardavam para receber o saco de pipoca, mantinham-se atentas ao filme projetado.

O outro aspecto foi a resistência de parte da população da sede ao nome do projeto. Na noite de sábado – dia 16 de outubro de 2005 –, após a exibição em Pouso Alegre, em frente à praça principal da sede do município, havia entre quatro e seis mulheres na faixa de 27 anos de idade sentadas à mesa de um bar conversando a respeito do nome do projeto. Ao me aproximar e demonstrar interesse pela discussão disseram-me julgar o nome inadequado por considerarem que São José não possuía ligação com a roça. Para elas, aceitar um projeto com esse nome seria denegrir a imagem da cidade, mesmo sabendo que a economia do município girava, em grande parte, em torno da agricultura.

Ao sair de São José do Vale do Rio Preto – e ainda durante muito tempo – não consegui compreender o distanciamento entre o significado do nome do projeto para mim e para esse grupo que manifestou seu descontentamento. Durante a fase “teórico-intelectual” do Cinema na Roça, acreditava que o nome era ideal para caracterizar uma iniciativa que levava o cinema para os moradores da zona rural e não percebia como esse – em princípio – detalhe poderia causar algum tipo de mal-estar entre o projeto e os habitantes das localidades.

Mas foi durante a preparação do presente trabalho, ao ter contato com os textos de Roberto da Matta (Matta, 1978) e de Clifford Geertz (Geertz, 1989), que passei a compreender que, durante a concepção do Cinema na Roça, eu estava preso às minhas “teias” e não consegui perceber que a palavra roça – apesar da conotação idílica atribuída por mim – poderia causar algum tipo de constrangimento aos demais.

Uma explicação para a falta de atenção a esse quesito está no fato de que durante a concepção do projeto não houve a preocupação com a fase “teórico-intelectual” de Roberto da Matta, pois eu não possuía o conhecimento sobre as fases e nem o anseio de um trabalho etnográfico.

Quando saímos de São José do Vale do Rio Preto, tanto a Secretaria de Educação e Cultura, quanto a de Meio Ambiente demonstraram muito interesse em transformar o Cinema na Roça em algo permanente no município. Uma questão instigante é entender os motivos que os levaram ao desinteresse repentino. Depois de retornar ao Rio de Janeiro, tentei retomar o contato com Marco Aurélio Fróes, mas as negociações não avançaram. Acredito que a evolução do Cinema na Roça em São José do Vale do Rio Preto estivesse atrelada, diretamente, ao interesse da Secretaria de Educação, pois, pelo que entendi na época, a verba destinada ao financiamento do projeto seria oriunda do orçamento da Educação e talvez a secretária não tenha demonstrado muito interesse em patrocinar a iniciativa.

Percebo quatro hipóteses, que gostaria de destacar, para o repentino desinteresse: uma delas é uma possível decepção com a estrutura do Cinema na Roça, apesar de não demonstrarem isso durante a nossa passagem pelo município. Outra possibilidade é a necessidade de suprimento imediato de um atrativo para a Calçada da Cultura, ou seja, é possível que não tivessem interesse – em momento algum – de tornar o Cinema na Roça uma atividade regular no município, mas que veio a atender a uma necessidade momentânea de oferecer uma atração ao evento semanal. Uma terceira de que o desconforto de alguns habitantes com o nome do projeto pode ter sido um indício da má repercussão e repulsa da população à iniciativa. Por fim gostaria de ressaltar a minha possível falta de persistência no avanço das negociações.

## 2.3 Sumidouro

O município de Sumidouro possui uma área de 395m<sup>2</sup>, aproximadamente 16.062 habitantes<sup>48</sup> e tem o IDH (0,712)<sup>49</sup>. Está localizado na região serrana fluminense e dista aproximadamente 175 km<sup>50</sup> do Rio de Janeiro. Faz divisa com os municípios de Nova Friburgo, Teresópolis, Carmo, São José do Vale do Rio Preto, Sapucaia e Duas Barras. O município está dividido em quatro distritos denominados Sumidouro (1º), Campinas (2º), Dona Mariana (3º) e Soledade (4º). Atualmente seu prefeito é Manoel José de Araújo, filiado ao Partido Progressista (PP), que foi eleito em 2004 com 5.329 votos<sup>51</sup>. A principal atividade econômica do município é a agricultura e cerca de 73% da população de Sumidouro vive na área rural.

O nome Sumidouro foi dado ao município “em consequência de curioso acidente geográfico verificado em suas terras, com o rio Paquequer desaparecendo sob lajes de pedra por uma extensão de 300 metros”<sup>52</sup>.

Esse foi o único município onde realizamos exposições sem estabelecer acordo prévio com o poder público local. Saímos do Rio de Janeiro – eu e Josinaldo Medeiros – com a intenção de viabilizar as negociações a partir da nossa chegada. Eu já havia tentado contatos anteriores, porém todos sem sucesso. Por isso resolvi ir pessoalmente ao município e dedicar cinco dias consecutivos para percorrê-lo e realizar as projeções.

---

<sup>48</sup> Ver <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.

<sup>49</sup> Fonte: Atlas do desenvolvimento humano.

<sup>50</sup> Ver [www.sumidouro.rj.gov.br](http://www.sumidouro.rj.gov.br).

<sup>51</sup> Ver <http://www.tse.gov.br/internet/index.html>.

<sup>52</sup> Para mais detalhes ver documentação territorial do Brasil em <http://biblioteca.ibge.gov.br/>

Chegamos por volta das 13 horas da terça-feira, dia 14 de fevereiro de 2006, e fomos diretamente para a Secretaria de Educação e Cultura onde, após esperar cerca de 40 minutos, conhecemos Cirene Ramos, secretária de Educação e Cultura, que nos passou a Yohana Esteves, chefe do Setor de Cultura do município. Após uma rápida negociação haviam agilizado a hospedagem, a alimentação e o combustível necessários para percorrermos o município e realizarmos as sessões.

Uma questão intrigante a entender é o porquê de não conseguirmos avançar nas negociações através de *e-mails* e telefonemas, ao passo que pessoalmente os entendimentos fluíram com significativa facilidade. Acredito que, inicialmente, a negociação não tenha avançado por três razões principais. A primeira delas é devido às inúmeras ofertas de projetos que os municípios recebem e pela dificuldade de definir quais são os mais interessantes para o momento. Vale ressaltar que a dificuldade na definição pode se dar em consequência da falta de esmero na forma de apresentação dos projetos, que, em muitos casos – como pode ter sido o nosso –, não são explícitos o suficiente nos propósitos e na operacionalização ou são extensos demais e/ou reúnem outras características que dificultam o entendimento por parte de quem os avalia.

A segunda, diretamente ligada à primeira, atribuo à priorização das atividades das Secretarias, que não devem ter considerado o projeto prioritário, pois não retornavam as ligações telefônicas, diziam que os responsáveis estavam sempre em reunião ou viajando e não tomavam decisão alguma. O único retorno que recebi foi apenas alegando terem achado o projeto interessante e afirmando que estavam estudando a possibilidade de realiza-lo. A meu ver pareceu falta de interesse ou procrastinação na decisão.

Para a terceira, percebo o componente emocional, pois uma coisa – que pode ser evasiva – é a apresentação de um projeto por escrito e outra, bem distinta, é a predisposição do executor em correr o risco de apresentá-lo pessoalmente e receber uma resposta negativa de imediato, de não ser atendido por não ter agendado a visita etc., aliada à motivação da presença do proponente, munido dos equipamentos, disposto a iniciar os trabalhos imediatamente. Entendo que o detalhe da possibilidade imediata de realização do projeto tenha sido o maior motivador para a realização do Cinema na Roça em Sumidouro.

Segundo Geertz os sistemas culturais são chamados assim por apresentarem “um grau mínimo de coerência”,<sup>53</sup> ou, do contrário, não seriam reconhecidos como sistemas. No entanto, não se pode esperar que todas as “peças do quebra-cabeças” surjam na ordem de montagem do mosaico. Não há espaço para esse tipo de rigidez e, no meu entender, esse acontecimento reforça a tese de Geertz ao dizer que o pesquisador precisa lidar com a falta de coerência.

Quem nos acompanhou no município foi Kelvin Schwenk Morezini, um jovem de 17 anos e estudante do curso de formação de professores, filho de Paulo Cesar Morezini, funcionário público lotado na Companhia de Águas e Esgoto do Rio de Janeiro (CEDAE) em Sumidouro e da auxiliar de odontologia Edna Schwenk Morezini. Ele fazia parte de um grupo de voluntários para ações da Secretaria de Educação e foi designado a nos levar às localidades do município.

A primeira exibição de Sumidouro aconteceu no dia 15 de fevereiro de 2006, na localidade de Porteira Verde, pertencente ao primeiro distrito, de fácil acesso, pequena e que reúne aproximadamente 600 pessoas. Ao chegarmos – por orientação do Kelvin – procuramos a Circe, dona de um restaurante – em obras –

---

<sup>53</sup> GEERTZ, Clifford. P. 13

que usualmente era utilizado como ponto de encontro na localidade, no qual, antes da reforma, frequentemente, eram realizados bailes e festas. Kelvin sugeriu esse local pelo fato de as pessoas já o vincularem à realização de eventos e porque teríamos pouco tempo para a divulgação. Por ser conhecido, acreditávamos que fosse contribuir para atrair mais pessoas para a sessão de cinema.

Ao abordarmos a Circe que, juntamente com seu filho Felipe, lavava o piso do salão principal recém-pintado, expliquei que o motivo da nossa visita era verificar a possibilidade de cessão do restaurante para a realização de uma sessão de cinema aberta ao público. No primeiro momento ela ficou empolgada com a idéia, porém ficou temerosa pelo fato de a obra ainda não ter sido concluída e porque não teria condições de garantir o conforto das pessoas. Assim que esclareci que a intenção era utilizarmos o gramado da parte dos fundos do estabelecimento e que ela precisaria apenas emprestar as cadeiras do local, tornou-se mais uma aliada da iniciativa e orientou o Felipe que pegasse a moto e percorresse a localidade avisando as pessoas das sessão de cinema.

Circe é uma mulher de pele clara, que tem por volta de 47 anos de idade, e muito falante. Além de se envolver com a preparação do espaço para a realização da sessão, se prontificou a preparar uma “galinhada” – frango cozido em pequenos pedaços com molho – com cerveja, cachorro quente e pipoca para comemorar a atração.

Vale lembrar que era período de férias escolares e talvez por isso quase não tenha sido necessário fazer divulgação, pois a notícia se espalhou rapidamente e em poucas horas havia mais de 20 pessoas – na maioria crianças – nas proximidades do restaurante.

Cerca de uma hora antes de iniciarmos a sessão, armou-se um temporal sobre a localidade e choveu torrencialmente por mais de 40 minutos impossibilitando, inclusive, a montagem dos equipamentos. Com quase uma hora de atraso em relação ao horário previsto para o início da sessão, quando muitos não acreditavam mais na realização do cinema, conseguimos montar a estrutura. As pessoas permaneceram na varanda traseira do restaurante enquanto a tela permeneceu na chuva. Apesar do temporal, cerca de 50 pessoas estiveram presentes e o público era formado basicamente de adolescentes. Havia alguns adultos e as crianças não somavam 15 pessoas.

A dinâmica de escolha dos filmes seguiu a mesma rotina das demais localidades e dessa vez não houve tentativa de debate por dois motivos: o primeiro foi a falta do microfone para a realização das perguntas, pois devido à chuva não tivemos como posicionar o receptor do microfone no teto do carro, e o segundo foi a dispersão do espectadores devido à disposição das pessoas nos dois andares da varanda do restaurante.

No segundo dia de projeções fomos à localidade de Soledade III, pertencente ao 4º distrito. Soledade III é composta de sítios e o centro do vilarejo reúne aproximadamente 15 casas espaçadas ao longo da estrada de terra, uma igreja em frente ao campo de futebol e uma venda nas proximidades das casas. A projeção aconteceu no dia 16 de fevereiro de 2006, porém nossa primeira visita ao vilarejo aconteceu no dia anterior. A localidade dista cerca de 40 km da sede do município e seu acesso se dá por estrada de terra. No caminho há várias lavouras de hortaliças como de beralha e couve-flor. Numa dessas conhecemos Silvia, Adail e o pai deste. Os dois cuidavam da colheita da beralha, enquanto o sogro de Silvia cuidava sozinho da couve-flor. Os três moravam nas proximidades de Soledade III e foram

convidados a comparecer à sessão de cinema que realizaríamos no vilarejo. Eles nos sugeriram que realizássemos a sessão no campo de futebol, pela facilidade de reunir as pessoas. No entanto, me disseram que não iriam assistir porque tinham o hábito de dormir muito cedo – por volta das 19 horas – porque a lida na roça começava antes das cinco da manhã.

Ao chegarmos em Soledade III conhecemos o Sr. José Monteiro, de aproximadamente 60 anos, aparentando ser de origem nordestina e residente há mais de 40 anos na localidade. Como o campo de futebol estava infestado de carrapatos, nos cedeu um terreno entre a sua casa e a igreja para a realização da sessão.

O Sr. José Monteiro lamentou que não tivesse muito tempo para avisar as pessoas da redondeza. Mas, como iria naquele dia ao município vizinho de Duas Barras, se prontificou a ajudar na divulgação, avisando às pessoas que cruzassem seu caminho e pediria aos “garotos” da redondeza para correr as casas.

Em poucos minutos de conversa nos convidou para entrarmos em sua casa e nos ofereceu café. Sua filha, com idade por volta dos 12 anos, se interessou pelo cinema e nos perguntou a respeito do filme que seria exibido. Ao ser perguntada, respondeu-me que nunca havia ido ao cinema.

Uma preocupação do Sr. José Monteiro era saber se o filme teria palavrões, cenas de sexo e/ou violência. Vale ressaltar que, entre todas as localidades por onde passamos, ele foi o único a falar francamente sobre essa preocupação.

Nesse dia que antecedeu a exibição em Soledade III realizamos uma breve divulgação com o som do nosso veículo. Foi em Soledade III que nos deparamos com a maior dificuldade para convencer a população de que o cinema era realmente gratuito. Muitas pessoas perguntavam se realmente não precisavam pagar nada e,



por vezes, fui abordado por pessoas que me diziam que, se fosse para pagar mesmo que um real, não teriam condições de comparecer. Até mesmo a família do Sr. José Monteiro – sua filha e esposa – perguntaram mais de uma vez se realmente seria de graça. Com o passar do tempo entendemos que o problema estava em parte na forma de divulgação, pois teríamos que dizer que as projeções eram “de graça”, em vez de dizer que eram “gratuitas”. Pode ser uma coincidência, ou que minha observação a esse ponto esteja beirando a superficialidade, porém, desde que adequamos o vocabulário, não tivemos mais dúvidas sobre a gratuidade das exposições.

Na tarde do dia 16 de fevereiro de 2006 voltamos, como previsto, para realizar a sessão de Soledade III. Havia pouco mais de 50 pessoas presentes e, para essa sessão, não conseguimos cadeira alguma. O público era composto em sua maioria de adultos. Havia menos de dez crianças e cerca de oito pessoas acima dos 60 anos. Os filmes escolhidos foram Tainá e Olho da Rua.

Das 50 pessoas presente à sessão, cerca de 80% permaneceu sentada sobre a cerca do campo de futebol, em frente ao local de projeção. Cerca de seis idosos conseguiram cadeiras e assistiram à sessão sentados. Durante a exibição dos filmes, tanto em Sumidouro como em outros municípios, é comum ver as pessoas dialogando com o filme. Dos filmes do acervo do projeto, a cena inicial de O Caminho das Nuvens é uma das que causa as reações mais fortes nas pessoas, porque retrata um momento de quase atropelamento de um bebê, filho de Romão, personagem de Wagner Moura, e de Rose, personagem de Claudia Abreu. Nesse dia em Soledade III, as senhoras sentadas nas cadeiras chegaram a cobrir o rosto com as mãos para não ver a cena. Também é comum ver pessoas torcendo para um bom desfecho dos enredos, como, por exemplo, em Central do Brasil, quando Dora,

personagem de Fenanda Montenegro, encontra os familiares de Josué, personagem de Vinícius de Oliveira. Ou então indignando-se com alguma passagem dos filmes, como, por exemplo, em Tainá, quando Shoba, personagem de Alexandre Zachia, aceita vender um exemplar de determinada espécie de macaco amazônico à pesquisadora estrangeira Miss Meg, personagem de Betty Erthal.

A exibição do dia 18 de fevereiro de 2006 foi no centro de Sumidouro, que é bastante pacato, reúne cerca de 2.500 habitantes, possui comércios variados e uma pequena indústria de brocas de perfuração. Apesar de não ser um local foco do Cinema na Roça, por conter videolocadoras e pessoas que têm mais acesso a cinemas devido à proximidade com o município de Teresópolis, atendendo ao pedido de Yohana Esteves, realizamos uma sessão no pátio da igreja matriz, junto à principal praça da cidade. Nesse dia havia cerca de duzentas pessoas presentes na sessão, muitas das quais não atentas ao filme e sim ao acontecimento. O público era formado basicamente de crianças, acompanhadas de seus familiares. A cerca de 50 metros do local de exibição – junto a um quiosque – reuniam-se mais cerca de 40 pessoas que acompanhavam de longe a sessão.

Essa exibição em Sumidouro serviu para demonstrar que a aceitação ao projeto é semelhante tanto nas sedes dos municípios quanto nas zonas rurais ou povoados distantes, considerando algumas adaptações, é claro. Apesar da diferença de comportamento entre as pessoas do meio rural e o das sedes, que basicamente se resume ao fato de que no meio rural as pessoas ficam mais atentas ao filmes, é a novidade que estimula a presença das pessoas.

Tanto nos pequenos povoados quanto nos centros, o principal fator que influencia o ato de assistir aos filmes na rua ou em casa é o tamanho da estrutura.

Percebi que, no primeiro momento, o maior atrativo para a reunião de pessoas para as sessões é o tamanho da tela e que, quanto maior, mais atraente se torna.

A diferença entre exibir filmes nas localidades mais afastadas e nas sedes dos municípios reside apenas na variedade de filmes, pois, quando há a presença de videolocadoras nas sedes, o acervo que atende às expectativas dos moradores dos centros é bastante menor do que o dos habitantes dos povoados.

Gostaria de registrar que durante a concepção do Cinema na Roça não considerei a possibilidade de exibir filmes nas sedes dos municípios por alguns motivos que já foram explorados e outros que ainda serão abordados ao longo desse trabalho, porém, nesse momento gostaria de destacar o fato de que foi devido às limitações orçamentárias do projeto, que tomei a decisão de priorizar apenas as localidades mais carentes de equipamentos culturais, ao passo que eu gostaria de levar a todas as localidades e, por isso, não considerei a hipótese de realizar sessões nos centros. Essa demanda surgiu por solicitação dos representantes do poder público e, em alguns casos, serviu como alternativa durante as negociações para a viabilização do projeto, como no caso de Sumidouro, com Yohana, e de São José do Vale do Rio Preto, com Marco Aurélio.

Nesse dia, Yohana estava muito preocupada com a presença de um jornalista da região, devido, segundo ela, às críticas que ele fazia às ações do poder público e, por isso, pediu-me que exibíssemos um “filme de verdade”, ou seja, que não projetássemos um dos curta metragens do acervo. Para a sua felicidade, o filme escolhido pelas crianças foi Tainá.

Para organizar o quarto e último dia de exhibições, que aconteceu em 19 de fevereiro de 2006, fomos até o distrito de Campinas na véspera, que é essencialmente agrícola e tem sua sede formada por uma rua principal, aonde existe

uma igreja católica, um campo de futebol de dimensões oficiais, um posto de gasolina e alguns estabelecimentos comerciais. Partindo do centro, são aproximadamente 50 minutos por estradas de terra. Ao chegarmos em Campinas perguntamos onde havia um local adequado para realizarmos a projeção e um dos moradores me orientou a seguir por mais alguns quilômetros e procurar o vice-prefeito – conhecido na região como Sérgio do Dino – no vilarejo de Caramandu.

Seu nome verdadeiro é Sergio Paulo da Silva. Ele e Idali, sua esposa, foram muito acessíveis e receptivos. Assim que chegamos, Sérgio estava na plantação e a Idali pediu que esperássemos, pois ele já deveria estar chegando. Enquanto isso nos ofereceu café com biscoitos e expliquei a ela o propósito do Cinema na Roça.

Quando Sergio chegou nem foi preciso explicar muito do que se tratava. Creio que as crianças – seus filhos na faixa de 8 anos – já o haviam abordado no caminho de casa e introduzido o assunto. O vice-prefeito aparentou ser bastante simples e gostou muito da idéia do cinema. Entretanto antecipou um problema: o culto que aconteceria no dia inicialmente planejado para a sessão. Como Sergio e Idali gostaram tanto da idéia e devido ao envolvimento repentino deles na organização da projeção, adiamos nossa partida do município e permanecemos em Sumidouro por mais um dia para a sessão em Campinas.

A idéia inicial era montar a estrutura dentro do campo de futebol do distrito, mas como não havia como entrar com o carro no campo, mais uma vez realizamos a sessão num terreno entre uma igreja e um campo de futebol. Essa sessão reuniu um número de pessoas abaixo do esperado – no máximo 40 pessoas – e o público essencialmente adolescente. Além da família de Sergio e Idali, havia outras três sentadas no gramado. Os demais espectadores sentaram-se no calçamento da igreja, enquanto alguns peramenceram em pé nas proximidades da tela. Durante a exibição

havia quatro meninas adolescentes comentando que a idéia era boa, mas que a maioria dos jovens ainda não havia voltado da escola e/ou da faculdade em Nova Friburgo e que, por isso, havia poucas pessoas no local.

## 2.4 Santa Maria Madalena

É um município que ocupa uma área de 816 km<sup>2</sup> e tem aproximadamente 10.200 habitantes, dos quais 5.692 vivem na área rural<sup>54</sup>. O IDH de Santa Maria Madalena é (0,734)<sup>55</sup> e o município dista – pela BR 101 – 250 km da capital do estado. Faz divisa ao norte com São Fidelis e São Sebastião do Alto; ao sul, com Trajano de Moraes e Conceição de Macabu; a leste, com Campos, e a oeste, com São Sebastião do Alto<sup>56</sup>. O município é dividido nos distritos de Santa Maria Madalena, Triunfo, Santo Antônio do Imbé, Dr. Loreti, Renascença e Sossego. Seu prefeito chama-se Clementino da Conceição, filiado ao PMDB e eleito com 3.883 votos<sup>57</sup>.

Estivemos duas vezes em Santa Maria Madalena. A primeira vez foi em março de 2006 e fomos eu, Marcos Martinelli e Luiz Claudio Pinto Anjos. Porém, essa nossa passagem coincidiu com a data de comemorações políticas de apoio a Sergio Cabral, então candidato a governador do estado do Rio de Janeiro e, por isso, realizamos apenas uma sessão. Nessa ocasião, enquanto aguardávamos para sermos atendidos pelo secretário de Educação e vice-prefeito da cidade, conhecemos uma senhora chamada Consuelo, que nos relatou que no passado promoveu no município

---

<sup>54</sup> Ver [http://www.pmsmm.rj.gov.br/dados\\_gerais.htm](http://www.pmsmm.rj.gov.br/dados_gerais.htm).

<sup>55</sup> Fonte: Atlas do desenvolvimento humano.

<sup>56</sup> Ver [http://www.pmsmm.rj.gov.br/dados\\_gerais.htm](http://www.pmsmm.rj.gov.br/dados_gerais.htm).

<sup>57</sup> Para mais detalhes ver [www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br).

uma atividade bastante parecida. Posteriormente vim a saber que ela havia sido secretária de Educação de Santa Maria Madalena.

Procurando identificar uma localidade para realizarmos a projeção, desconsideramos a possibilidade de projetarmos em Osório, que fica próximo à sede, pois naquele dia haveria um aniversário de 15 anos na localidade. Seguimos para Santo Antônio do Imbé, mas, como não conseguimos mobilizar as pessoas para uma exibição no próprio dia, decidimos seguir por mais cerca de 50 km e realizar o Cinema na Roça em Sossego do Imbé, vilarejo situado ao pé do Parque do Desengano no qual moram cerca de 100 pessoas. Chegamos por volta das 14 horas e circulamos pelo vilarejo até que apareceu um curioso e começamos a falar sobre a idéia.

Há duas coisas que se repetem e acho impressionantes porque, ao conceber o projeto, não tinha idéia de que isso aconteceria. A primeira delas, a importância que as pessoas têm dado a uma sessão do Cinema na Roça. Há um contraste muito grande na maneira como as pessoas se preparam para ir a uma sessão de cinema na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, e nessas localidades. Em todas as sessões do projeto, vejo famílias inteiras reunidas. As pessoas vestem-se com roupas que usam normalmente para ir à igreja ou a uma festa. A segunda é a curiosidade pela gratuidade da projeção. Algumas vezes é mais fácil encontrar o local e montar toda a estrutura do que convencer os espectadores da gratuidade.

Em Sossego achamos que o local ideal seria um terreno em frente à venda de uma senhora chamada Rosa, mas, como a cerca de 50 metros havia outra venda e como normalmente nas vendas dessas localidades encontram-se as pessoas envolvidas com a política local, fomos convidar os donos do outro estabelecimento

para tentar evitar o ocorrido no bar do Bal em Juturnaíba, quando algumas pessoas não compareceram por conta das divergências políticas.

Nesse dia almoçamos na pensão da Dona Ana e do Sr. Cristóvão, de 71 anos. Muito simpático, contador de “causos”. Trabalhou a vida inteira como motorista, contou histórias de quando a Rodovia Presidente Dutra (Rio-São Paulo) estava em construção, das suas aventuras “puxando”<sup>58</sup> Praianinha, falou da época que se comprava carro por fotografia, da dificuldade de parar os caminhões com freio mecânico, do seu carinho por JK, dos motoristas que hoje em dia não sabem dirigir no barro e que nunca tinha ido ao cinema. Dona Ana, igualmente simpática, porém mais recatada demonstrou mais interesse na sessão de cinema que iria acontecer. Perguntou sobre o horário e sobre o título que iríamos exhibir. Disse-me que tinha preferência por filmes românticos como o Titanic,<sup>59</sup> que assistiu na televisão, que não gostava de filmes tristes e que não se recordava a última vez que tinha ido ao cinema. No horário da sessão o Sr. Cristóvão não compareceu, mas Dona Ana sim e, pelo que pude perceber pelo seu comportamento, aprovou a idéia, pois a vi com os olhos “vidrados” na tela durante a sessão.

Nessa mesma tarde fomos convidados para um cafezinho na casa da tia do Leonardo, um jovem que estava passando uns dias na localidade e que conhecemos lá e que foi à sessão com a sua namorada.

Foi em Sossego do Imbé que atentei para a inibição causada pelo microfone quando usado pelos espectadores. Cheguei à conclusão de que ouvir a própria voz saindo, em alto volume, das caixas de som os inibe muito, ao ponto de não

---

<sup>58</sup> Essa é uma expressão coloquial que grande parte dos caminhoneiros usa ao se referir à atividade de transportar carga.

<sup>59</sup> Gênero: drama/romance; ano de Lançamento (EUA): 1997; estúdio: 20th Century Fox / Paramount Pictures / Lightstorm Entertainment; direção: James Cameron. Para mais detalhes ver <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/titanic/titanic.asp>.

quererem falar, ao passo que, longe do aparelho de som, falam sobre todos os assuntos.

Nosso retorno a Santa Maria Madalena foi em maio de 2007 e aconteceu de forma diferente da primeira. Dessa vez chegamos ao município representando a Brasil Social, com os compromissos todos agendados e com a nova estrutura do Cinema na Roça: a nova tela, inflável, com 300 polegadas de área de projeção. Havíamos agendado previamente as localidades de projeção e combinado que faríamos três projeções entre sexta-feira e domingo e que, na segunda-feira seguinte às exhibições, teríamos uma reunião com os representantes do município para realizarmos um balanço das projeções.

Chegamos em Santa Maria Madalena no dia 18 de maio de 2007 e estávamos – eu e o Marcos – acompanhados do nosso amigo e voluntário Joelmo Ribeiro, morador de Conceição de Macabu, um município vizinho. Nossa rotina inicial foi muito parecida com a primeira vez em Madalena, mas dessa vez chegamos na cidade próximo ao horário do almoço e fomos recepcionados por Silvio José Arruda Valente, assessor do vice-prefeito e secretário de Educação. Mais tarde o vice e secretário de Educação, Marcelo Freixo de Lima, juntou-se a nós para o almoço, com mais alguns assessores, entre os quais Consuelo, que havíamos conhecido durante a nossa primeira visita ao município. Dessa vez teríamos o Silvio como nosso cicerone; ele nos acompanharia nos demais dias em que permaceríamos no município.

A primeira localidade de projeção foi Ribeirão Santíssimo, uma localidade pequena, resumida a um campo de futebol, uma venda e algumas casas afastadas. Para chegar a Ribeirão percorremos cerca de dez quilômetros por estrada de terra, o que consumiu aproximadamente 20 minutos. Ribeirão, apesar de ficar relativamente



próximo ao centro, é um lugar bastante ermo. Lá chegando, fiquei surpreso, pois, de tão pequena, pensei que fosse uma sessão para no máximo 30 pessoas. Tudo que eu avistava era um campo de futebol com alguns carneiros pastando e uma venda em frente ao campo.

Para essa exibição necessitaríamos de um suporte de energia, pois a nova tela consome mais energia do que o sistema do veículo pode prover. Por esse motivo precisamos ligar um fio de extensão diretamente da venda até o local de exibição. Decidimos montar a tela em frente à venda, do outro lado da estrada de terra, uma vez que a localidade era muito pacata e quase não passavam veículos na estrada. Vale ressaltar que, além de gentilmente ceder a energia elétrica para a ligação dos equipamentos, o dono da venda recusou-se a aceitar o pagamento das nossas despesas.

Levamos por volta de uma hora para montar toda a estrutura, pois como era a primeira vez que montávamos a tela inflável em um local de exibição, tivemos que atentar para vários detalhes ainda despercebidos. A ajuda de Joelmo e Silvio foi fundamental. Diferentemente da maioria das localidades, dessa vez a única ajuda local com a qual contamos foi a do dono da venda.

Em Madalena, a Secretaria de Educação disponibilizou o transporte escolar para buscar as pessoas em casa e essa ajuda foi fundamental para que mais pessoas tivessem condições de comparecer ao evento. Diferente do que eu imaginava, em Ribeirão Santíssimo chegamos a contar 150 pessoas presentes, muitas delas oriundas de localidades próximas, como Gordura e Barra Linda, que somente tiveram condições de ir graças ao transporte escolar que foi disponibilizado para o evento.

Em Ribeirão Santíssimo exibimos dois filmes. O primeiro foi Carros<sup>60</sup> e teve boa aceitação entre adultos e crianças. O segundo foi Se Eu Fosse Você<sup>61</sup>, não tão aceito, começou com cerca de 70 espectadores e terminou com menos de 10.

Algumas curiosidade em Ribeirão Santíssimo merecem ser ressaltadas. A primeira delas é que as pessoas chegaram antes da hora – em função do transporte escolar – e permaneceram sentadas nos bancos até o início da sessão às 18 horas. Normalmente temos que atrasar a sessão por 15 ou 20 minutos, por conta das pessoas que chegam atrasadas, mas em Ribeirão pudemos iniciar a sessão pontualmente no horário. Assim como nos demais locais, cerca de 90% dos presentes nunca havia ido ao cinema e em Ribeirão todos disseram nunca ter assistido aos filmes que propusemos. O fato que mais chamou a minha atenção foi que normalmente, antes das sessões, brinco um pouco com os presentes fazendo uma série de perguntas, para as quais devem responder dizendo “eu”. São perguntas como: quem quer assistir ao filme, quem quer pipoca, quem está feliz hoje etc. e a última pergunta é quem está com cecê. Em todas as localidades algumas pessoas, deastentamente, respondem. Em Ribeirão Santíssimo ninguém respondeu.

O segundo dia de projeções foi na localidade de Triunfo, que fica a uma distância de 40 quilômetros da sede do município, porém todo o caminho é feito por estrada de asfalto. Para chegar a Triunfo é necessário voltar para a estrada que dá acesso a Santa Maria Madalena, em direção a Conceição de Macabu. A bem da verdade, Triunfo está mais perto de Conceição do que de Madalena. É uma localidade à beira da estrada e um local de passagem. Dificilmente as pessoas saem de suas localidades para irem a Triunfo ou a Rio Dourado em busca de diversão.

---

<sup>60</sup> Origem: EUA; gênero: Animação; lançamento no Brasil: 2006; estúdio: Disney/Pixar; direção: John Lasseter. Para mais detalhes ver <http://www.disney.com.br/cinema/carros/>.

<sup>61</sup> Origem: Brasil; gênero: Comédia; lançamento no Brasil: 2007; estúdio: Total Entertainment/Lereby/Globo Filmes/ Fox Film do Brasil; direção: Daniel Filho.

Quando saem à procura de “algo para fazer”, vão para Rio das Ostras e Conceição de Macabu.

Inicialmente a proposta era realizar a sessão em frente à creche do distrito. No entanto, decidimos realizá-la ao lado da Escola Estauval Municipalizada Corrêgio de Castro por conta de um evento que aconteceria no local, para arrecadação de donativos para a festa da igreja. Nesse dia Silvio não pode nos acompanhar e Joelmo teria que voltar a Conceição logo após a exibição do filme. Na parte da tarde nos encontramos com o prefeito acompanhando uma obra na cooperativa agropecuária – próxima à sua fazenda – em Triunfo e nos disse que compareceria à sessão. Mas não compareceu.

Ao iniciarmos a montagem da estrutura percebemos a possibilidade de chuva. Como em Triunfo não tínhamos outra alternativa de local para exibição, pois o ginásio poliesportivo tem a acústica muito prejudicada, decidimos montar tela a céu aberto mesmo e correr o risco de realizar a sessão embaixo de chuva. Foi interessante perceber que as professoras envolvidas com a exibição titubeavam a todo momento, demonstrando a intenção de cancelar a exibição por conta da chuva. Se não fosse a nossa insistência em montar a estrutura, mesmo correndo o risco do não comparecimento dos espectadores, não teriam acontecido as sessões de Triunfo.

Um pouco antes do início da sessão caiu uma chuva fina e de forma improvisada conseguimos montar uma pequena tenda e as crianças se posicionaram abaixo dela. Algumas pessoas permaneceram dentro da escola e começaram a assistir ao filme sobre o muro.

Com cerca de dez minutos de iniciada a sessão, a chuva parou. Com isso, várias pessoas se aproximaram e chegamos a ter mais de 60 pessoas em cada

sessão. Nesse dia exibimos os filmes Carros e Quarteto Fantástico<sup>62</sup>. Uma curiosidade dessa exibição é que o público se alternou entre os filmes. Durante a exibição de Carros, a maioria dos espectadores era formada de crianças. À medida que começamos a projetar o Quarteto Fantástico muitos jovens se aproximaram e assistiram ao filme. Até então isso não havia acontecido. Normalmente algumas pessoas se alternam, mas em Triunfo houve uma mudança radical de público.

Nossa última exibição em Madalena aconteceu em Sossego do Imbé e marcava aproximadamente dez meses da nossa primeira passagem por lá. O dia estava chuvoso e, como disse anteriormente, chegar em Sossego do Imbé é uma longa viagem. Dessa vez levamos quase duas horas para chegar e, ao chegarmos, fomos diretamente para a casa de um vereador e morador da localidade. Grande incentivador das exibições em Sossego, Edmar Farah Ramos, vulgo Mazinho, nos recebeu para o almoço. Estávamos eu, Marcos, Silvio e sua esposa e a família de Mazinho.

Decidimos montar o cinema no centro comunitário – que é uma construção pública equipada com pias, bancos e banheiros, usada para a realização de aniversários, celebração de casamentos, entre outros – e isso significava que não conseguiríamos montar a tela inflável, que possui quase sete metros de altura, enquanto o pé direito do centro comunitário tinha cerca de três. Além disso, eu estava temeroso em relação à presença do público, pois – assim como aconteceu em Gaviões – havia muito tempo que chovia ininterruptamente.

Sossego do Imbé tem se mostrado surpreendente. Desde a primeira vez que estivemos lá, fiquei supreso com o interesse das pessoas. O primeiro filme a ser

---

<sup>62</sup> Gênero: aventura; ano de Lançamento (EUA): 2005; estúdio: 20th Century Fox / Marvel Enterprises / 1492 Pictures / Constantin Film Produktion GmbH; direção: Tim Story para mais detalhes ver <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/quarteto-fantastico/quarteto-fantastico.asp>.

projetado foi Meu Tio Matou um Cara e o segundo foi Carros. Durante a enquete para a escolha dos filmes, pediram que fosse de aventura, terror ou de brigas. Apesar de ninguém manifestar o interesse por comédia, ao escolherem os filmes, deram preferência à comédia e nacional.

Nessa exibição em Sossego do Imbé tivemos alguns contratempos. Além da chuva e do frio, no meio da sessão faltou luz na localidade, porém todos aguardaram pacientemente por volta de 15 minutos até que ligássemos o sistema de alimentação do veículo. Outra manifestação interessante é que todos permaneceram nas duas sessões e ainda se lembravam do filme que havíamos projetado quase um ano antes. A professora Viviane, presente à sessão, disse aos alunos que trabalharia o tema dos filmes em sala de aula e em dois anos de Cinema na Roça ela foi a primeira professora que manifestou explicitamente esse interesse.

Vale a pena ressaltar que em todas as projeções de Madalena houve distribuição gratuita de pipoca e refresco e que a ajuda da Secretaria de Educação, fornecendo o transporte gratuito em todas as projeções foi um diferencial do município. Em Sossego do Imbé o público se manteve concentrado durante as duas sessões, ao contrário do que observamos em outras localidades. Mais de uma vez ficou nítido, em algumas localidades, que a exibição de dois filmes excedia a capacidade de concentração e o interesse dos espectadores. Em Ribeirão Santíssimo encontramos muita dificuldade para conseguir os depoimentos das pessoas, mas uma menina presente foi bastante sincera ao dizer que não prestou atenção no filme e que usou o momento para rever as amigas e conversar.

Na segunda-feira seguinte às projeções, conforme acordado, realizamos a reunião com os representantes de Santa Maria Madalena. Estavam presentes o vice-prefeito Marcelo Freixo de Lima, Silvio Valente e Consuelo – assessores do vice-

prefeito – e a coordenadora pedagógica da Secretaria de Educação. Durante a reunião apresentamos nossa intenção de continuarmos a realizar exhibições no município e uma proposta de levarmos o Cinema na Roça para as escolas – resultado das mudanças ocorridas no projeto e que serão abordadas no capítulo 3 do presente trabalho. Após apresentarmos nossa proposta, Marcelo Freixo pediu que Sílvio apresentasse um relato com suas considerações sobre as exhibições, visto que ele havia acompanhado quase todo o processo. As considerações de Sílvio foram altamente positivas, elogiou muito a receptividade das pessoas das localidades, citando que as pessoas haviam ficado maravilhadas com o cinema, que viu muitas pessoas que nunca tinham ido ao cinema e que ficaram emocionadas, elogiou os equipamentos e a qualidade do som, falou que as projeções reuniram muitas pessoas e que a que ele mais gostou foi a de Ribeirão Santíssimo porque reuniu as pessoas mais humildes e com menos acesso às coisas que acontecem no município, por ser um local carente e distante. Ressaltou que, apesar da nossa predisposição de realizar várias sessões em uma mesma noite, na maioria das localidades de Madalena não conseguiríamos porque as pessoas não teriam resistência física para assistir a filmes seguidos e finalizou dizendo que, para o município, seria uma coisa muito importante porque as pessoas são carentes de atrações.

Ao final da apresentação das considerações do Sílvio iniciamos uma discussão a respeito da viabilidade e da aplicabilidade da proposta para o município, e todos os presentes se mostraram interessados em tornar o projeto uma atividade regular em Santa Maria Madalena. Mas até o momento do término do presente trabalho nada aconteceu de concreto para viabilizarmos a continuidade do projeto em Madalena. Em seguida, o vice-prefeito referendou as considerações do Sílvio e

disse que apresentaria a proposta ao prefeito, pois não achava o custo de realização alto, mas que precisava verificar de onde teriam que descolacar a verba.

## 2.4 Casimiro de Abreu

É um município de aproximadamente 26.978 habitantes, ocupa uma área de 461 km<sup>2</sup> e tem o IDH (0,781).<sup>63</sup> Dista cerca de 160 km da cidade do Rio de Janeiro, em direção ao norte do estado. Faz divisa com os municípios fluminenses de Rio das Ostras, Nova Friburgo, Silva Jardim, Macaé e Cabo Frio. Atualmente, o prefeito é Paulo Cezar Dames de Castro, filiado PMDB, eleito em 2004 com 9.036 votos<sup>64</sup>. O município é dividido nos distritos de Casimiro de Abreu, Barra de São João, Professor Souza, e Rio Dourado<sup>65</sup>.

Entre as exibições de Sumidouro e as de Casimiro ocorreram algumas mudanças no projeto. Essa mudanças serão abordadas detalhadamente no terceiro capítulo do presente trabalho. Por ora vale ressaltar que, durante essas exibições, já estávamos investindo na estratégia de oferecer projeções a quaisquer municípios, independente do IDH e da presença de cinemas, pois chegamos à conclusão de que esse critério não representava mais um indicador justificável. Nessa época já contávamos com a nova estrutura de tela inflável e bastava, apenas, que os municípios demonstrassem interesse na realização de exibições que levávamos o projeto. Casimiro também possui uma sala pública de exibição e nossa proposta foi

---

<sup>63</sup> Para mais detalhes ver <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> e Atlas do desenvolvimento humano.

<sup>64</sup> Para mais detalhes ver [www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br).

<sup>65</sup> [http://www.casimiro.rj.gov.br/info\\_municipio.php](http://www.casimiro.rj.gov.br/info_municipio.php).

a de manter a realização das sessões em localidades distantes do centro, onde está localizada a sala.

Chegamos a Casimiro por intermédio do Luiz Nelson e com três projeções agendadas. A primeira delas, em Palmital; a segunda, em Rio Dourado, e a terceira, em Professor Souza. Na segunda-feira posterior às projeções – assim como em Madalena – tínhamos o compromisso de fazer uma apresentação formal do projeto à secretária de Cultura e Educação e demonstrar-lhes nosso interesse de levar o cinema para as escolas da rede municipal. Em Casimiro fomos recebidos por Soninha, diretora da Fundação Cultural Casimiro de Abreu e pelo seu assessor Vaninho, que nos acompanhou em quase todas as localidades.

Palmital, que é uma localidade preterida e disputada ao mesmo tempo pelos poderes públicos, fica dentro dos limites do distrito de Barra de São João e, por ter uma localização limítrofe entre Casimiro e Rio das Ostras, há uma ambiguidade de identidade em relação ao pertencimento dos moradores a um ou outro município. Palmital é desejada pelos dois municípios para fins de censo e esquecida no tocante às responsabilidades públicas. É muito comum verificar a presença de veículos oficiais dos dois municípios em Palmital e chega-se ao ponto curioso de a coleta de lixo de dois lados de uma mesma rua ficar a cargo de duas prefeituras diferentes ou de nenhuma. Enquanto estávamos lá ouvi de alguns moradores que ambas prefeituras se preocupam muito com a localidade apenas na época das eleições e no momento de cobrança de impostos.

A projeção em Palmital aconteceu na Praça do Pesque e Leve. A praça é o resultado de um litígio gerado por conta do não pagamento do Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU). De acordo com as pessoas do local, um habitante da região, para findar o litígio, que havia anos tramitava na Justiça, propôs um acordo,



pelo qual o poder público tornou o espaço inalienável. Desse acordo resultou a construção da praça a cargo do proprietário do terreno. A praça do Pesque e Leve é uma área de pesca comunitária, na qual os moradores podem pescar gratuitamente durante os finais de semana e levar o pescado para ser consumido em suas casas.

Nossa chegada em Palmital marcou a semana de inauguração da praça e tudo ainda estava muito novo e com sinais de pouco uso. Ao começarmos a montar a estrutura do cinema, muitas crianças se juntaram a nós e se voluntariaram para ajudar na montagem. Como a tela inflável lembra um “pula-pula”, as crianças se divertiram durante a montagem tentando descobrir do que se tratava exatamente.

Nessa projeção conseguimos reunir cerca de 250 pessoas, sendo que muitas delas estavam presentes por conta da agitação que acontecia na praça, por ser um ambiente de festa, e não a fim de assistir ao filme. Algumas características da projeção em Palmital foram marcantes. A primeira delas foi o comportamento de quatro meninos na faixa dos 11 anos, que insistiram em assistir ao filme por trás da tela, com a imagem invertida. Como o pano de projeção é translúcido, consegue-se assistir ao filme dessa forma. A curiosidade desses meninos parecia estar mais ligada ao diferente, às suas relações com o equipamento do que ao filme propriamente dito. Outro aspecto curioso foi que, ao término do primeiro filme, as pessoas se levantaram e deixaram a praça sem esperar para saber se haveria mais uma sessão, pois no início da projeção havíamos anunciado a possibilidade de projetarmos dois filmes. Em Palmital não foi muito difícil encontrar pessoas que quisessem dar seus depoimentos sobre o filme, mas aconteceu de forma muito pontual e sem profundidade. Apesar do cinema reunir muitas pessoas na praça, alguns garotos continuaram a jogar futebol em uma quadra pública próxima à praça, como se nada de novo estivesse acontecendo. Por fim, tão logo terminou o filme,

com um número reduzido de pessoas, a praça foi tomada pelo ritmo do funk vindo de um carro estacionado no local.

A projeção de Rio Dourado não fez sucesso. A localidade apresenta características muito similares a Triunfo, em Santa Maria Madalena, e, apesar de percorrermos a localidade divulgando as sessões, de a noite estar agradável e sem chuva, ter um bom espaço para as pessoas assistirem aos filmes sentadas, no momento de início havia muito poucas pessoas. Chegamos a ter cerca de 30 crianças que assistiram ao filme Carros, mas que depois deixaram o local. No dia havia uma pequena festa em uma igreja da localidade, mas não acredito que esse tenha sido o motivo de tão baixa frequência, pois tomamos o cuidado de evitar o horário conflitante. Rio Dourado é uma localidade que se estende ao longo do trilho do trem e é cortada por uma estrada que faz a ligação entre a Rodovia Amaral Peixoto, nas proximidades de Rio das Ostras, e a BR101.

Mesmo com o insucesso das sessões, algumas manifestações foram interessantes. A primeira delas foi a participação das crianças na montagem da tela e a curiosidade de alguns adultos que acompanhavam de longe e hesitavam em se aproximar. Outra questão intrigante foi que em Rio Dourado algumas pessoas se aproximaram e assistiram ao filme Coronel e o Lobisomen quase todo e, a menos de 15 minutos para o final, se ausentaram do local. Antes da projeção havíamos sido alertados por Vaninho, Soninha e Luiz Nelson que a comunidade de Rio Dourado era pouco participativa e que os eventos que acontecem na localidade não reúnem muitas pessoas.

Rio Dourado é muito próximo a Rio das Ostras e há um constante fluxo de carros fazendo a ligação entre a BR101 e a Rodovia Amaral Peixoto, que dá acesso tanto a Rio das Ostras quanto a Búzios e, mais à frente, a Cabo Frio. Acredito que o

acesso facilitado a esses municípios com mais atrativos culturais motiva os moradores de Rio Dourado a valorizarem mais os acontecimentos de outros municípios. Alguns aspectos me levam a essa crença. Em primeiro lugar, está a distância geográfica, pois Rio Dourado dista cerca de 20 km de Rio das Ostras e aproximadamente 50 km de Búzios, enquanto que a sede de Casimiro e Rio Dourado estão afastadas por cerca de 40 km. Um segundo aspecto é a frequência de eventos disponíveis nos outros municípios, que os torna, sempre, a primeira opção em relação a Rio Dourado. Por último gostaria de ressaltar o valor atribuído pelas pessoas dessas localidades ao fato de o evento reunir pessoas de outras localidades, havendo a possibilidade de “conhecer gente nova”, ou seja, pessoas que não residam em suas localidades, o que é muito valorizado pelos moradores dos locais por onde passamos com o Cinema na Roça.

Acredito que seja necessário investir numa divulgação prévia abrangente – como feito em Triunfo – e agregar outros atrativos ao Cinema para que consigamos reunir muitas pessoas em localidades com as características de Rio Dourado e Triunfo. No caso de Rio Dourado, confirmando as expectativas, ao final da sessão havia apenas um espectador presente – um policial militar que lamentava o fato de as pessoas não prestigiarem a exibição.

Sobre a evasão ocorrida nessa exibição de Rio Dourado, gostaria de estabelecer uma relação com o texto de Mauro Wilton de Sousa, publicado em *Sujeito, lado oculto do receptor*, e gostaria de fixar-me, primeiramente, no papel do receptor. É bem verdade que, ao pensarmos o processo de comunicação e elevarmos uma das partes ao título de emissor, enquanto a outra se restringe ao papel de receptor, estamos claramente destinando ao segundo a significação de uma participação passiva no processo.

Pode-se notar que, na verdade, a despeito das aparências de uma relação de poder do emissor sobre o receptor, o fluxo da comunicação, não necessariamente, segue essa lógica. Sobre este ponto, Mauro Wilton chama a atenção, em seu trabalho, mostrando que não existe uma relação direta, linear, unívoca e necessária do emissor ao receptor. Segundo o autor devemos desconstruir essa idéia de que o emissor é macro e poderoso, enquanto o receptor é micro e consumidor de supérfluos.

O que se pretende afirmar com isso é que, mesmo que estejamos munidos de uma rede de veículos de comunicação complexa e abrangente, essa não será a garantia de que quem ocupa a outra ponta do processo de comunicação – aqui denominado receptor – irá assimilar as intenções do emissor e, muito menos, agir linearmente ao encontro dos anseios da mensagem. De forma bastante simplória, vale a afirmação de que, por mais que o emissor detenha algum tipo de poder sobre o receptor, esse poder não será a garantia de que o receptor consumirá aquilo que não deseja.

Isso impacta diretamente a exibição pública de filmes porque a permanência dos espectadores – salvo em locais habitualmente frequentados por outros motivos – está relacionada à escolha dos filmes, pois, como o ambiente é livre, não é constrangedor para o público do Cinema na Roça abandonar a sessão a qualquer tempo. Com isso, o espectador consome o que quer e não há relação de poder entre “nós” dois. Há uma relação de encantamento, que não dura uma hora e meia caso o filme não agrade. Não agradar pode significar estar além da leitura que pretende, ter uma narrativa lenta demais para o seu momento, muito intelectualizado ou simplesmente ultrapassado para as suas necessidades. Por exemplo, a idéia de veicular imagens sobre as realizações da gestão municipal antes da projeção dos

filmes, como forma de atrair o poder público ao custeio das sessões, pode sair como um “tiro pela culatra”, por simbolizar que haja vínculo direto entre as ações da prefeitura e o projeto.

Outro exemplo disso pode residir no fato de que o espectador assiste muito mais às novelas do que aos programas educativos. Enquanto os índices apresentados pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - Ibope<sup>66</sup> apontam, por exemplo, que a novela Paraíso Tropical, da Rede Globo, chegou a 45% de audiência no período compreendido entre os dias 27 de agosto de 2007 e 2 de setembro do mesmo ano, os programas educativos não chegaram a mais de 1%. É provável que isso aconteça porque a novela alimenta o espectador com algo que ele quer consumir. O texto de Roseli Azambuja, “A decodificação do discurso adulto da televisão pelo público infantil” (AZAMBUJA, 1994), é importante para retratar a relevância da televisão na formação dos indivíduos. A autora aborda o aspecto da companhia que a televisão faz às pessoas – principalmente crianças e jovens – no seu dia-a-dia e apresenta a identificação dos jovens com os artistas de televisão. Seu trabalho pode ser uma dica para a aceitação pelo público dos filmes que têm a estética parecida com os programas de televisão, como é o caso de Central do Brasil.

Sobre a importância da televisão na vida do brasileiro, ao compararmos a história da televisão brasileira com a do cinema, veremos que, apesar de ser mais jovem, a televisão ocupou rapidamente um lugar de destaque. Segundo Esther Hamburger, em seu livro *O Brasil antenado: a sociedade da novela* (HAMBURGER, 2005), o governo autoritário teve grande influência nesse crescimento. Outro aspecto relevante são os momentos econômicos. A autora cita

---

<sup>66</sup> Para mais detalhes ver [www.almanaqueibope.com.br](http://www.almanaqueibope.com.br). Em 16/09/2007.

Luís Carlos Mendonça de Barros e Lúcia Goldstein, em *O novo capitalismo brasileiro*, ao afirmar que, tanto na época do milagre econômico quanto durante o plano real, os “televisores encabeçaram a lista dos eletrodomésticos mais vendidos”. Segundo Esther, entre os anos de 1960 – dez anos após a inauguração da TV no Brasil – e 1991, o percentual de residências com televisores passou de 4,6% para 71%.

Para Esther Hamburger, a classificação social na televisão brasileira nunca foi muito precisa. Por mais que tenha havido várias tentativas de determinar que segmentos da sociedade assistiam a determinada programação, essa questão nunca foi muito bem determinada e o público atingido muito bem definido. O que pretendo dizer com isso é que, apesar dos esforços de direcionamento da mensagem pretendida com a programação e com os comerciais, sempre houve uma gama de espectadores não contemplados nos planos e, com isso, o público “antenado” na programação televisiva extrapola o planejamento das emissoras.

Para o Cinema na Roça esses pontos são importantes, pois ilustram que não necessariamente os filmes que abordam questões sociais irão motivar os espectadores a ações que reduzam as diferenças e as mazelas sociais. Ou seja, a exibição de filmes não garante nem a presença das pessoas, muito menos que irão se sensibilizar com alguma causa por conta do filme a que assistiram. Podemos considerar que pode até haver relações entre o filme e a reação ao filme, mas não há como antever quais serão.

A última projeção em Casimiro aconteceu na localidade de Professor Souza, onde se reuniram em volta da praça mais de 100 pessoas. Vale ressaltar que a praça é um ponto de encontro das pessoas, que têm o costume de se reunirem nos arredores aos domingos. A dinâmica de montagem seguiu a mesma lógica dos

locais em que usamos a tela inflável e, dessa vez, decidimos montar a tela junto aos trilhos do trem, por não encontrarmos uma opção melhor. As pessoas ficaram sentadas nos bancos e no meio-fio da praça. Ao redor havia alguns bares nos quais alguns espectadores se acomodaram. Em Professor Souza exibimos os filmes Carros e A Dona da História e, mais uma vez, alguns espectadores assistiram ao filme por trás da tela, sendo que dessa vez atribuo a decisão à comodidade, pois por trás dos equipamentos havia um quiosque com cadeira e visão privilegiada da tela, porém com a imagem invertida.

Uma consideração sobre Casimiro precisa ser registrada. O município, assim como Madalena, possui, em sua sede, uma sala pública de cinema e que – também como em Madalena – é pouco frequentada pelos moradores da cidade.

Da reunião de segunda-feira – que aconteceu no interior da sala pública de cinema –, posterior às projeções, participaram, além de mim e de Marcos Martinelli; Soninha, diretora da Fundação Cultural Casimiro de Abreu; Luiz Nelson, funcionário da Secretaria de Meio Ambiente; Vaninho e Vinicius, assessores de Soninha, mas a secretária de Educação que foi convidada não pôde comparecer. Em cerca de meia hora – tempo que nos disponibilizaram – apresentamos a proposta de exibir os filmes e de levá-los também para as escolas. Luiz Nelson foi quem demonstrou maior interesse pela proposta. Soninha, por sua vez, se disse interessada, porém que sua Secretaria estava sem verbas para o ano de 2007 e que quem poderia se interessar em custear o projeto – mas que não estava presente – era a secretária de Educação. De toda a reunião uma pergunta me pareceu muito pertinente à localidade: queriam saber quais eram as chances de alterarmos o nome do projeto.

## 2.5 Trajano de Moraes

É um município que ocupa uma área de 589 km<sup>2</sup> e de aproximadamente 9.583 habitantes<sup>67</sup>, e tem o IDH (0,723)<sup>68</sup>. Dista cerca de 240 km da cidade do Rio de Janeiro, em direção ao norte do estado. Faz divisa com os municípios fluminenses de Nova Friburgo, Cordeiro, Bom Jardim, Macaé, Macuco, São Sebastião do Alto, Santa Maria Madalena e Conceição de Macabu. Atualmente, o prefeito é Sérgio Eduardo Gomes de Melo, eleito em 2004 com 2.567 votos<sup>69</sup>. O Município é dividido nos distritos de Trajano de Moraes, Visconde de Imbé, Sodrelândia, Tapera e Maria Mendonça.

Trajano de Moraes foi o município com o qual mantivemos o relacionamento mais duradouro e produtivo. Nossa primeira visita a Trajano coincidiu com um final de semana do dia dos pais de 2006. A primeira exibição aconteceu de forma totalmente voluntária, atendendo ao convite do principal incentivador, grande amigo e morador da cidade Felipe Matoso. Conheci Felipe – que é trajanense e proprietário da única casa lotérica do município – quando ainda morava em Macaé, pois trabalhávamos na mesma empresa. Depois que voltei ao Rio mantivemos a amizade e um dia falamos da possibilidade de levarmos o Cinema na Roça para Trajano.

Ele que organizou os detalhes para a nossa ida ao município. Contactou as pessoas, identificou os locais e conseguiu hotel. Enfim, foi fundamental. A pedido de Felipe, os custos de nossa estadia foram patrocinados por Angela, proprietária do

---

<sup>67</sup> Ver <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.

<sup>68</sup> Para mais detalhes ver <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> e Atlas do desenvolvimento humano.

<sup>69</sup> Para mais detalhes ver [www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br).



hotel Trajano de Moraes e outra incentivadora dos acontecimentos do município. Os demais custos, como alimentação e combustível, ficaram por nossa conta. Como em Sumidouro, saímos do Rio de Janeiro sem contato algum com o poder público. Durante essa primeira estadia em Trajano, contamos apenas com a ajuda dos moradores de Trajano de Moraes.

Outro grande parceiro em Trajano foi o jovem Allan Almeida, de 18 anos, estudante do curso de formação de professores, que nos acompanhou durante o primeiro dia. Nos conhecemos em frente ao Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) da cidade e ele nos levou a Monte Café, onde foi a nossa primeira projeção. No caminho conversamos sobre muitas coisas, inclusive sobre sua vontade de viver em uma cidade grande. Assim como a maioria dos jovens, Allan também tem esse sonho e, repetindo o que ouvimos nos demais municípios que visitamos com o Cinema na Roça, nos contou que grande parte dos amigos pensa em abandonar o município quando chega a hora de ingressar na faculdade. Uma particularidade em relação a Trajano é que sua população diminui a cada censo.

Segundo ele, o principal motivador desse sonho é a falta de perspectivas. Assim como o Allan, muitos dizem que não há nada a fazer nos locais onde vivem, que o emprego é escasso e que a política local – de interesses pessoais, de troca de favores – desestimula a participação. Allan, assim como muitos dos jovens no interior, tem plena consciência do mundo que o cerca. Ele mesmo teve algumas oportunidades de estar no Rio de Janeiro, tem consciência dos altos índices de violência nas cidades grandes, da baixa qualidade de vida nos grandes centros e da dificuldade de colocar-se profissionalmente nessas cidades. Por outro lado, não vê perspectivas em sua localidade e aponta esses fatores como o principal incentivador ao êxodo.

Sobre a influência da televisão no pensamento dos jovens, gostaria de citar que Esther Hamburger, em seu livro *O Brasil antenado: a sociedade da novela*, aborda que, concomitantemente à época em que o “milagre econômico” tornou mais acessível o aparelhamento das residências de menor poder aquisitivo com eletro-eletrônicos, o conteúdo difundido no Brasil através da televisão – principalmente nas novelas – era voltado ao público de classe média alta do Rio de Janeiro.<sup>70</sup> Essa prática legitimou o repertório de uma pequena parcela “privilegiada da sociedade como um idioma comum através do qual diversas classes sociais, gerações, gêneros e regiões geográficas puderam interagir.”

Entre as inferências sugeridas pela autora, uma que julgo interessante ressaltar refere-se principalmente ao papel das novelas na noção de que a inclusão social plena poderia surgir através do consumo. Isso pelo fato de serem direcionadas aos padrões de consumo do público de classe média e acompanhadas por todas as classes e porque a televisão é reconhecida como veículo capaz de informar e ensinar sobre a maneira de utilizar produtos.

Esther Hamburger adiciona que as “novelas tornaram-se um espaço poderoso para a propaganda e fazem parte de um sistema de criação, exibição e ajuste de consumo”<sup>71</sup> e complementa dizendo que os mecanismos de *feedback* ajudaram a educar telespectadores como consumidores.

Monte Café fica a cerca de 40 minutos por estrada asfaltada de Trajano de Moraes, é pequenina, formada por cerca seis ruas cortadas pela estrada. Como normalmente acontece, quando o carro chega nas localidades, as pessoas perguntam o que é Cinema na Roça e se vai ter cinema na localidade. Ao chegarmos havia jovens sentados à beira da estrada conversando, enquanto alguns agricultores

---

<sup>70</sup> HAMBURGER, Esther. p. 71 e ss.

<sup>71</sup> HAMBURGER, Esther. p. 72

terminavam de sulfatar o tomate e outros se reuniam. Logo localizamos o vereador João Francisco Fernandes, o Joãozinho, que mora na localidade e se prontificou a fazer contato com a diretora da escola para que cedesse as cadeiras.

Por volta das 18:00 já estava tudo montado e um menino de nome Rodrigo, de dez anos, foi o primeiro a chegar. De banho tomado, estava pronto para a sessão e, ao perceber que ainda demoraríamos alguns instantes, pediu que esperássemos, pois iria chamar seus colegas.

Dessa vez havia bastantes jovens presentes e, ao exibirmos o filme Olho da Rua, de Sérgio Bloch, percebi a admiração do público pelo tema e todos permaneceram perplexos com as cenas. O filme mostra a maneira como várias pessoas ganham a vida na cidade grande. Todas a levam com dignidade, porém não é unânime que tenham conseguido realizar seus sonhos da época em que decidiram viver no Rio de Janeiro.

A dinâmica de escolha dos filmes também tem sido fundamental para prender a atenção das pessoas e motivá-las a falar após a projeção. No entanto, ainda precisamos desenvolver uma metodologia para coletar depoimentos, pois mesmo as pessoas que manifestam o interesse de compartilhar seus sentimentos, rapidamente vão embora ao final da última sessão.

Ao retornarmos para Tajano, apesar da dificuldade, encontramos um estabelecimento aberto para comermos algo. Na lanchonete, que também é papelaria, o proprietário nos falou da falta de opções para os jovens e da constante emigração para os grandes centros como sendo a principal preocupação na cidade.

No dia 12 de agosto de 2006 seguimos rumo a Ponte de Zinco, pertencente ao distrito de Maria Mendonça e que fica em um vale e é pequenina como Monte

Café. Nesse dia, a exibição aconteceu no campo de futebol que ficava em frente à escola municipal, da qual pegamos as cadeiras emprestadas.

Nossa primeira passagem por Trajano foi muito interessante por vários aspectos, porém duas coisas foram mais impressionantes. A capacidade de organização das pessoas, mesmo sem contar com o apoio do poder público. Geralmente os moradores dessas localidades mencionam a responsabilidade da prefeitura em relação ao que acontece e também ao que não acontece. Por exemplo, se querem organizar uma competição esportiva, uma festa, uma ação social etc. se dizem dependentes da prefeitura. No entanto, quando estão diante de um evento que os motiva e julgam realmente interessante, mesmo sem o patrocínio do poder público conseguem se organizar e realizá-lo.

A outra foi a diferença dos discursos do Allan Almeida e do Felipe Matoso antes e depois de participarem da primeira sessão. O depoimento do Allan me chamou a atenção porque, ao chegarmos ao município, ele nos disse claramente que tinha a intenção de abandonar o município e ir morar no Rio de Janeiro ou em outra grande cidade. Não sei se tomado pela emoção momentânea, mas ao final da nossa primeira passagem pelo município sua idéia já era bastante diferente e externalizou a vontade de permanecer no município e ajudá-lo a se tornar um local mais atraente para se viver, além de mostrar sua vontade de participar mais ativamente do processo de desenvolvimento socioeconômico do município.

Para o estudo etnográfico, a transformação de exótico em familiar e vice-versa configura-se por um processo cognitivo e Roberto da Matta atribui tanta importância a esse processo porque acredita que, ao pesquisador, seja necessária a capacidade de deslocamento entre culturas, além de estar aberto ao fato de que esse

movimento não ocorre via intelecto e sim via experiência socializadora (MATTA, 1978).

Para Geertz, o exercício etnográfico não é um processo de assimilação de determinada cultura e, muito menos, de internalização dos costumes e práticas. O que ele sugere é que o exercício deva contemplar a vivência. Ou seja, ele propõe que o pesquisador entenda as teias de relações e consiga comunicar-se com os pesquisados. Segundo o autor, não se trata de “tornar-nos nativos ou copiá-los”<sup>72</sup> e sim de conseguir estabelecer a conversa com eles, o que, no seu entender, é muito mais difícil.

Ao deparar-me com a diferença do discurso do Allan, entre a minha chegada ao município e após a sua participação no Cinema na Roça, fiquei muito animado por acreditar na capacidade transformadora do projeto. No entanto, ao visitar a bibliografia para a confecção dessa dissertação, cheguei à conclusão de que minha euforia inicial era infundada, pois, ao levar em consideração o processo congntivo e o deslocamento de culturas levantados por Roberto da Matta, cheguei à conclusão de que o comportamento do Allan pode ter sido mais influenciado por esse processo do que pela experiência do cinema. Atualmente acredito que a vivência de participar do projeto tenha sido a experiência socializadora e que essa experiência foi a responsável pela nova percepção da localidade. Enquanto isso, para mim serviu para propiciar um deslocamento entre culturas e para a percepção dos motivos que levam os jovens a quererem mudar-se.

Outro depoimento importante do Allan que resgata as questões levantadas por Geertz e Matta foi em relação ao significado de andar no carro do projeto. Ele

---

<sup>72</sup> GEERTZ, Clifford. P. 11

nos contou que, no dia em que nos conheceu, “todo o CIEP<sup>73</sup> estava na janela” para vê-lo entrar no carro e que ele se sentia importante por estar andando conosco. Não apenas pelo fato de estar fazendo algo importante para o município, mas também porque o “pessoal de Trajano – ele incluído – acha o carro maneiro”. Esse depoimento resgata o ponto levantado por Geertz e abordado anteriormente no caso do Aurélio, de Silva Jardim, sobre a importância não aparente das coisas.<sup>74</sup>

Geertz estabelece uma comparação entre a inferência clínica da medicina e da psicologia profunda para ilustrar esse pensamento e para defender que, no estudo da cultura, diferente da medicina e da psicologia não há uma relação de subordinação entre um conjunto de observações e uma lei ordenadora. Segundo o autor, no estudo da cultura, “os significantes não são sintomas ou conjunto de sintomas, mas atos simbólicos ou conjuntos de atos simbólicos”. Sendo assim, pode-se dizer que a teoria cultural não é, “pelo menos no sentido estrito da palavra, profética”.<sup>75</sup>

Já a reação do Felipe Matoso despertou a minha curiosidade, pois era cético para com o cinema – além de não gostar de assistir a filmes, não acreditava que o cinema tinha algum poder. Vale ressaltar que ele foi o principal articulador do projeto no município de Trajano de Moraes e que se dedicou com afinco a uma atividade que não lhe despertava prazer; fez contato prévio com as pessoas das localidades, conseguiu o patrocínio junto à dona do hotel e, apesar de presente na primeira projeção – não compareceu às demais devido ao seu horário de trabalho, pois também tem uma equipe som – e além de não ter cargo político na cidade, fez questão de não se beneficiar politicamente do seu feito. Mas ao final das sessões dizia-se impressionado com a proposta do Cinema na Roça, pois achava que aquela

---

<sup>73</sup> Centro Intergrado de Educação Pública.

<sup>74</sup> GEERTZ, Clifford. p. 18.

<sup>75</sup> GEERTZ, Clifford. P. 18

experiência tinha sido muito importante para as pessoas porque elas não têm quase opção de lazer no município e pela capacidade de reunir tantas pessoas “paradas” prestando atenção no filme, por tanto tempo.

Depois dessa nossa passagem por Trajano de Moraes voltamos ao município mais seis vezes. A segunda – que aconteceu entre os dias 3 e 4 de novembro de 2006 – foi novamente a convite de Felipe Matoso, por conta da comemoração de aniversário do bloco carnavalesco Curto Circuito – do qual é integrante – e para a data haviam planejado uma série de atividades voltadas para a comunidade, como a oferta de médicos em praça pública para consultas grátis, enfermeiros para medição de pressão arterial, profissionais para orientação vocacional de jovens, entre outros. Seu pedido consistia na realização de uma sessão de cinema em praça pública para as crianças da sede do município e aproveitamos a viagem para realizarmos mais uma sessão em outra localidade de Trajano de Moraes.

Aproveitamos a viagem para realizar mais uma sessão em outra localidade de Trajano de Moraes, no próprio dia 3 de novembro. A sessão aconteceu na localidade de Tirol, que fica a aproximadamente 80 km da sede do município e é um vilarejo composto por propriedades rurais dedicadas ao plantio de hortaliças e que possui uma única escola com nove alunos. Nesse dia nos acompanhavam os jornalistas Marta Mendonça e Zelito Fereira e o fotógrafo Eduardo Coutinho, todos da revista *Época*, com o intuito de produzir a matéria citada no início do presente trabalho. Chegamos ao Tirol por volta das 15 horas e para essa sessão não foi feita a divulgação prévia. Nesse dia chovia torrencialmente e a temperatura girava em torno dos 16° C, o que dificultou muito a reunião das pessoas. Ao chegarmos percorremos a localidade de cerca de 150 habitantes e realizamos a divulgação. No momento da sessão havia pouco mais de 25 espectadores embaixo da laje de uma obra

inacabada, pertencente ao Sr. Ovídio, que nos cedeu o espaço para a realização da sessão. O filme escolhido foi o Caminho das Nuvens e ao final da sessão voltamos para a sede do município aonde estávamos hospedados.

A sessão realizada na praça, no dia 04 de novembro de 2006, seguiu a mesma dinâmica das demais e reuniu cerca de 70 crianças, além dos adultos presentes na praça por conta das comemorações do aniversário do bloco. Nessa ocasião conhecemos o prefeito de Trajano, Sérgio Gomes, que nos abordou demonstrando-se muito interessado pela iniciativa e convidando-nos para o café da manhã do dia seguinte.

No horário marcado o prefeito chegou ao hotel e conversamos sobre os propósitos do Cinema na Roça, sobre as localidades nas quais já havíamos realizado sessões e de que as nossas percepções apontavam para a boa aceitação do projeto pelas pessoas das localidades. Aproveitamos a ocasião para apresentar a nossa idéia de levarmos o cinema também para as escolas.

Ao final do café da manhã era visível a empolgação de ambas as partes com a possibilidade de realizarmos uma parceria para tornar o Cinema na Roça permanente no município. Saímos de Trajano no dia 05 de novembro de 2006 com o retorno agendado para apresentarmos nossa proposta de continuidade ao Cinema na Roça.

No dia 27 de novembro de 2006 retornamos a Trajano para a reunião com o prefeito. Nela estavam presentes o secretário de Educação, Sr. Roberto Faria; o secretário de Turismo, Sr. Weber Peruzzi e o secretário de Cultura, Sr. Ronaldo Montechiare. Durante a reunião apresentamos, também, a proposta de levarmos o cinema para a escola e, ao seu final, tínhamos dado o acordo como certo, devido ao grande interesse do prefeito e dos secretários, sendo que vale ressaltar a



preocupação do secretário Roberto Faria em relação às despesas com a manutenção do projeto, pois temia que não tivessem recursos financeiros para mantê-lo e temia pela interrupção da iniciativa.

Após mais de seis meses de negociação, no dia 11 de junho de 2007 iniciamos a primeira semana de exibições para os professores da rede municipal. Essa etapa teve o objetivo de definir – em conjunto com os professores – os temas a serem exibidos nas escolas ao longo do ano de 2007.

No mês seguinte, no dia 11 de julho de 2007, voltamos mais uma vez a Trajano para realizarmos uma sessão na localidade de Tapera, participando de uma série de eventos comemorativos da inauguração de uma estrada recém asfaltada. Nesse dia realizamos a sessão na quadra esportiva da escola municipalizada Dr. José de Moraes Souza e estavam presentes cerca de 70 espectadores, dos quais apenas 37 permaneceram, apesar da chuva que caiu faltando aproximadamente 20 minutos para o fim da sessão.

### **Capítulo 3 - As transformações do projeto**

No início do Cinema na Roça, eu acreditava que a carência de equipamentos culturais era uma boa justificativa para a realização do projeto e apontava a distribuição desigual dos equipamentos culturais brasileiros como inviabilizadora do desenvolvimento social ordenado. Mas, a partir da realização do Cinema na Roça, pude perceber que era uma grande ingenuidade sustentar essa idéia. Atualmente é nítido, para mim, que a questão é muito mais complexa do que a ausência dos equipamentos culturais. É verdade que a presença deles pode

colaborar para a equidade social e que eles podem ser instrumentos úteis para o desenvolvimento socioeconômico. No entanto, é muito simplório pensar que a disponibilide de acesso a produções culturais é, por si só, um agente transformador. A partir desse entendimento, muitas mudanças significativas foram aplicadas ao projeto, que desde então teve ampliado o espectro dos municípios almejados pelo Cinema na Roça

Conforme apresentado no início do presente trabalho, o Cinema na Roça foi concebido para durar apenas um ano e percorrer localidades dos 20 municípios do estado do Rio de Janeiro que apresentavam os mais baixos IDH's. Em agosto de 2007 o projeto completa seu segundo ano, e o fato de ter ultrapassado o ano inicialmente previsto se deve às adequações que o projeto sofreu, as quais apresentarei ao longo deste capítulo.

A partir das tentativas frustradas dos debates e da minha insistência na realização de atividades *educativas* usando o conteúdo dos filmes, tive a idéia de desmembrar o Cinema na Roça em dois projetos: um deles chamado Cinema na Escola e outro – em princípio – chamado Cinema Social. Sendo assim, minha proposta é substituir o Cinema na Roça por esses dois projetos, que serão detalhados mais à frente.

Antes de discorrer a respeito do desmembramento do Cinema na Roça, gostaria de abordar o percurso que trilhei até concluir como as adequações citadas no segundo parágrafo do presente item, somadas ao desmembramento do Cinema na Roça, atenderiam aos meus anseios.

### 3.1. O critério IDH

A primeira adequação que gostaria de ressaltar foi o desprendimento do IDH como critério de escolha dos municípios. Apesar de haver relação direta entre o baixo IDH e a carência de equipamentos culturais, conforme comprovado através do cruzamento das informações apresentadas na *Munic 2001*, no *Atlas do desenvolvimento humano no Brasil* e no *Relatório do Desenvolvimento Humano 2004*, o inverso não se verifica, ou seja, o alto IDH dos municípios não garante a presença de cinemas. Por esse motivo, pautar a decisão de levar o Cinema na Roça apenas para os 20 municípios com os mais baixos IDH's do estado do Rio de Janeiro serve apenas para limitar a oferta a outros que também não possuem o equipamento cultural.

Pelo que pude perceber, o projeto tem sido um atrativo a mais para as localidades e uma nova forma de entretenimento para muitos dos espectadores e, mesmo em Trajano de Moraes, onde sua abrangência chegou a exibições nas escolas, ainda é prematuro dizer que alcançou algum resultado efetivo no sentido de estimular discussões.

Como se pode perceber, o Cinema na Roça assumiu um papel diferente do imaginado durante a sua concepção. Por conta disso, não faz sentido manter o IDH como o critério de escolha dos municípios onde serão realizadas as exibições.

### 3.2. O critério videolocadoras e cinemas

Durante a concepção do Cinema na Roça, a ausência de videolocadoras e cinemas foi cogitada como critério de escolha dos municípios. Em um segundo

momento, contudo, optei apenas pelo critério de ausência de videolocadoras, já que os dados presentes na Munic 2001 apontavam para o fato de apenas 8% dos municípios brasileiros possuírem cinema. Mas como o espectro de municípios ainda continuava muito grande decidimos que, mesmo que o município estivesse entre os 20 mais baixos IDH's, caso houvesse a presença de alguma locadora, manteríamos as exhibições nesse município, porém priorizaríamos as localidades desprovidas de videolocadora.

No passado, eu imaginava que o projeto competiria com a locação de títulos nas localidades, mas isso não ocorreu. Atualmente percebo que a presença do projeto nas localidades que possuem videolocadora pode estimular a locação, criando o hábito de assistir a filmes. Por outro lado, o aumento na locação de filmes pode surtir um efeito contrário ao desejado com o Cinema na Roça, pois a locação residencial desestimula o convívio em grupo no espaço público.

Um detalhe importante é que o volume de locações na maioria das cidades por onde passei com o Cinema na Roça é pequeno. Por exemplo, Vera, proprietária de uma das duas locadoras da sede do município de Santa Maria Madalena, disse-me que, para manter o negócio, divide o espaço de sua locadora entre as atividades de costureira e de locação, pois apenas de filmes “teria abaixado as portas há muito tempo”.

Ao observar as possibilidades apresentadas acima, cheguei à conclusão de que a frequência com a qual o Cinema na Roça é realizado nas localidades causaria mais benefícios, estimulando as pessoas a assistirem a filmes, do que malefícios atrapalhando a atividade comercial de locação. Por isso, decidi descartar o critério ausência de videolocadora e atualmente realizamos exhibições em quaisquer localidades, mesmo que tenham videolocadora.

### 3.3. Cinema e entretenimento

Percebi que, para os espectadores das sessões noturnas, não interessava assistir a filmes com enredos muito complexos e/ou narrativas lentas, a exemplo de *A Visão do Paraíso*, em São José do Vale do Rio Preto; de *Coronel e o Lobisomem*, em Rio Dourado, e *A Dona da História*, em Professor Souza. Nessas ocasiões, as pessoas, quando não foram embora, permaneceram desatentas ao filme. Aliado a isso, percebi nesse público o interesse por uma forma de diversão não existente em suas localidades e, ao contrário do que eu imaginava durante a concepção do projeto, apresentaram pouca predisposição para debater questões sociais, econômicas ou políticas nas noites, pós-exibição.

O que pretendo ressaltar com o parágrafo acima é que, durante a concepção do Cinema na Roça, mantive o principal objetivo do projeto no anseio de promover os debates e usar o cinema como uma ferramenta para estimular a discussão sobre questões sociais. No entanto, durante a realização do projeto, aprendi que a maioria das pessoas não tinha o mesmo anseio que eu e que os debates significavam um incômodo, em vez de estimular reflexões.

Por outro lado, caso estivesse atento à terceira fase de uma pesquisa etnográfica – que se resume ao trabalho de campo e está mais ligada às lições que podem ser apreendidas da vivência (MATTA, 1978) – denominada “*pessoal ou existencial*”<sup>76</sup> e aliado esse conhecimento ao já ressaltado no trabalho de Geertz (GEERTZ, 1989), de que ao pesquisador é necessário desenvolver a habilidade de

---

<sup>76</sup> MATTA, Roberto da. P 25.

internalizar o que acontece ao seu redor, para que se tenha condições de extrapolar o valor bruto dos acontecimentos – essência da fase *existencial* de Roberto da Matta – para perceber os significados e conseguir fazer o deslocamento entre culturas, teria percebido que, em vez de ficar preso aos debates, poderia estar mais atento às relações sociais geradas por conta do projeto. Como, por exemplo, a aproximação – em Silva Jardim – entre a Rosilane Brum e o Luiz Nelson.

Em conjunto aprendi que – apesar de não considerado durante a concepção do projeto – o cinema poderia representar uma alternativa de entretenimento para os habitantes dessas localidades e, por consequência, estimular a valorização do espaço público para o convívio social.

Um dos aspectos que me fez atentar para essa questão foi o interesse dos espectadores, pois, considerando que as sessões sempre começam ao cair da noite, às vezes acontecem no mesmo horário que as novelas e posso concluir com isso que a vontade de assistir aos filmes é bastante considerável e que não há motivos para desestimular a participação dos espectadores nas sessões de cinema por conta de debates indesejados.

Mais um reforço ao meu entendimento do interesse das pessoas pelas sessões do Cinema na Roça é apresentado por Esther Hambúrguer, quando ressalta que as novelas representam tamanha significância para a sociedade que, não por acaso, a programação da Rede Globo, principal emissora nacional, constitui até hoje sua grade posicionando o principal telejornal da rede entre duas novelas, num formato chamado por Esther Hamburger de “sanduíche” (HAMBURGER, 2005).

A partir desse entendimento, decidi que o objetivo do Cinema na Roça se limitaria a oferecer uma opção de entretenimento para as pessoas das localidades e que passaríamos a realizar sessões em locais que reunissem o maior número de

pessoas, além de que deixaria de ser importante focar o projeto em um público específico, como eram os jovens<sup>77</sup>, durante a concepção do projeto.

Essa função de usar o Cinema na Roça com o único objetivo de oferecer mais uma opção de entretenimento foi importante porque despertou-me para duas possibilidades que veremos mais à frente: explorar o projeto comercialmente e encontrar outro ambiente para utilizar o cinema como ferramenta de reflexão.

### 3.4. Locais de exibição

Quando idealizei o Cinema na Roça pensava em exibir os filmes apenas em locais de difícil acesso. Imaginava que iria levar o cinema para localidades afastadas, que conseguiria realizar sessões em meio aos canaviais, às plantações, nos assentamentos rurais, entre outros, pois entendia que isso corroborava para o alcance do objetivo principal do projeto. Por esse motivo não me preocupei com a logística de exibição de filmes em locais públicos e dediquei-me à obtenção das autorizações dos produtores e distribuidores exclusivamente para atender à exigência de um dos patrocinadores.

Inicialmente realizávamos as sessões apenas em locais privados, mas para que conseguíssemos transformar o Cinema na Roça em uma iniciativa que proporcionasse entretenimento em local público, estávamos obrigados a redirecionar o local das exibições e iniciar a realização de sessões em locais públicos.

---

<sup>77</sup> Para este estudo, consideramos como jovens pessoas em idade entre 15 a 24 anos. Ver IBGE, 1999.

Nesse período decidi pela extinção da Conhesol e pela constituição da Brasil Social – que é uma empresa privada enquadrada legalmente como exibidora de filmes e sobre a qual falarei mais à frente – e passamos a investir na exibição em locais públicos. Essa mudança foi motivada por quatro aspectos. O primeiro deles foi atender a uma demanda por entretenimento e à alteração do objetivo do Cinema na Roça, conforme citado no item acima (3.3) do presente trabalho. O segundo, foi dar fim à burocracia na obtenção das cessões dos direitos. Atualmente, através da Brasil Social, pagamos pelo direito de exibição dos filmes, o que nos permite agilidade na escolha e liberdade para a exibição dos títulos que nos interessam.

Essa mudança de postura – ao passarmos a exhibir os filmes em locais públicos –, por um lado, aguçou a dúvida dos espectadores quanto à isenção do projeto em relação às ações das prefeituras; por outro, reforçou a mensagem de que o evento é gratuito e aberto a todos, pois as sessões começaram a ser realizadas nas ruas ou em praças públicas e se tornava mais fácil o acesso para as pessoas, pois não havia o constrangimento de ter que entrar na propriedade de alguém para assistir ao filme.

O terceiro aspecto foi a oportunidade de atender a uma demanda comercial por entretenimento. Ao longo dos quase dois anos de Cinema na Roça percebemos que havia espaço para a comercialização de exibições públicas de filmes e que essa atividade poderia ser mais um gerador de recursos financeiros para a manutenção da faceta voluntária do projeto. A comercialização de exibições pode ocorrer em duas esferas. Na esfera pública, consiste em oferecer para as prefeituras o Cinema como um atrativo a mais para a população dos municípios, assim como fazem na contratação de *shows*, na organização de eventos etc. Na esfera privada, abordamos empresas que tenham interesse em patrocinar exibições específicas. Em vez de a



empresa se comprometer com o patrocínio integral do projeto, essa opção permite que a empresa “compre” quantas exibições desejar e dedique-as às comunidades de seu interesse.

Para Roberto da Matta, ao etnógrafo cabe a sabedoria de despir-se da fantasia de super-herói e o pesquisador precisa desenvolver a habilidade de migrar do papel heróico do pesquisador ao de integrante de uma determinada cultura para internalizá-la (MATTA,1978).

Assim como entender que os debates não aconteceriam, acredito que perceber a oportunidade comercial para o Cinema na Roça e identificá-la como legítima para a geração de receita foi uma maneira de atentar para as limitações da iniciativa. A evolução do projeto tem sido um constante exercício de despir-me da fantasia de super-herói, pois inicialmente o projeto foi concebido com a proposta de “salvar o país”.

O quarto aspecto importante para essa mudança visava atender a uma necessidade tecnológica do projeto, pois, a partir de 2007, momento em que inserimos a nova tela de projeção – com dimensões de sete metros de altura por oito metros de largura – tornou-se mais difícil conseguirmos espaço físico para montar todo o aparato em locais privados.

### 3.5. Acervo de filmes

Outra mudança que gostaria de ressaltar está relacionada aos títulos que exibimos, pois inicialmente o projeto estava limitado aos filmes nacionais, porém atualmente projetamos filmes de quaisquer nacionalidades, desde que possuam a

versão dublada para o português e que as cenas sejam adequadas – que não haja cenas de sexo e violência – para exibição em espaço público, devido à vasta gama etária dos espectadores. O tema dos filmes também tem variado muito e decidimos que a partir de 2007 vamos exibir os filmes mais desejados entre os todos do nosso acervo, independente da mensagem. Vale lembrar que durante o início do projeto focamos em filmes que tivessem o enredo voltado para as questões sociais, mas essa não é mais uma preocupação.

A principal razão para adotar essa postura foi a nossa conscientização de que os espectadores almejam uma opção de entretenimento e não desejam assistir apenas aos filmes nacionais. Ao longo dos quase dois anos de Cinema na Roça percebemos que as pessoas também têm o desejo de assistir a filmes estrangeiros, principalmente aos filmes de ação.

Outro fator é que há limitações em relação aos filmes nacionais que conseguimos exibir nessas localidades. Com o público formado de pessoas de características variadas, como distintas classes sociais, religiões e – principalmente – faixa etária, não podemos exibir qualquer tipo de filme. Por exemplo, há uma rejeição muito grande aos filmes que reúnem cenas de sexo ou diálogos com palavras de baixo calão. Somando-se a esse ponto, há a dificuldade de nos anteciparmos à Rede Globo, que chega a 98% dos municípios brasileiros<sup>78</sup> e habitualmente exibe os filmes nacionais – sem as características acima – durante a sua programação. Como só exibimos filmes a partir de mídia digital, é raro que consigamos nos antecipar à emissora, que, na maioria das vezes, é mais ágil ao exibi-los.

---

<sup>78</sup> Ver MUNIC 2001. p. 98.

Outro fator que nos motivou a decisão de não restringir a exibição aos filmes nacionais foi a burocracia na liberação de alguns títulos. Por exemplo, em 2005, demoramos mais de quatro meses – até desistirmos – para conseguirmos a liberação de um título nacional como o *Cidade de Deus*, enquanto em poucas horas, por uma módica quantia, através da *Motion Picture Licensing Corporation*,<sup>79</sup> conseguimos a cessão para 52 exibições de mais de 100 títulos, entre os quais alguns nacionais. Nesse cenário vale uma ressalva para a Riofilme – distribuidora de filmes da prefeitura do Rio de Janeiro – e para produtoras como a Abbas Filmes<sup>80</sup>, Matizar Filmes<sup>81</sup> e Casa de Cinema de Porto Alegre<sup>82</sup>, que prontamente atenderam ao nosso pedido de cessão de direitos.

Outro fator para exibirmos filmes estrangeiros é a oferta de filmes voltados ao público infantil, pois, como em todas as sessões há a presença de crianças, precisamos que o acervo do projeto atenda a esses espectadores. A oferta de filmes estrangeiros que agradem a crianças e/ou que ainda não tenham sido exibidos na televisão é muito maior do que de nacionais.

Nesse contexto de redirecionamento de filmes do projeto, o acervo disponível aumentou significativamente. Em agosto de 2005 contávamos com apenas seis títulos nacionais e, em dois anos, passamos a mais de 100, entre nacionais e estrangeiros. Mas essa ampliação modificou nossa prática. Em função do aumento do número de filmes, não há mais como os espectadores escolherem, entre todos, aqueles títulos a que desejam assistir. Atualmente, ao chegarmos nas localidades – de maneira informal – procuramos descobrir quais serão os mais aceitos: nos locais que possuem videolocadora sondamos os títulos que têm mais

---

<sup>79</sup> A Motion Pictures Licensing Corporation Brasil (MPLC Brasil) é uma empresa que comercializa licenças que autorizam a exibição de filmes em DVD e Videocassete.

<sup>80</sup> Produtora e cedente direitos dos filmes *Tudo Sobre Rodas*, *Burro Sem Rabo* e *Olho da Rua*.

<sup>81</sup> Produtora e cedente direito do filme *Fala Tu*.

<sup>82</sup> Produtora e cedente direitos do filme *Ilha das Flores*.

saída ou aqueles que a locadora ainda não possui e procuramos oferecer os títulos que acreditamos que serão de maior agrado dos espectadores.

### 3.6. O nome do projeto

Assim como aconteceu nitidamente em São José do Vale do Rio Preto e em Casimiro de Abreu, ou em Santa Maria Madalena e Trajano de Moraes, o nome “Cinema na Roça” pode se traduzir em desvantagens e vantagens. Ao conceber o projeto, eu acreditava que o uso da palavra “roça” seria um atributo do projeto devido à característica dos municípios, que têm a economia baseada na agricultura, grande parte da população residindo na zona rural, entre outras. Isso, principalmente, porque o projeto tinha o objetivo de levar o cinema para o meio rural.

No entanto, durante a execução do Cinema na Roça e a partir da leitura de Roberto da Matta, em “O ofício de etnólogo, ou como ter ‘Anthropological Blues’” (MATTA, 1978), pude perceber que houve superficialidade na “fase teórico-intelectual”<sup>83</sup> do projeto que concebi.

Sendo assim, o nome Cinema na Roça é mais uma das mudanças que o projeto inicial está sofrendo. Atualmente estamos considerando a possibilidade de chamá-lo Cinema Social ou Cine Social. Por mais que ainda não tenhamos definido qual será o futuro nome do projeto, é certo que ele mudará. Uma vez que tenhamos tomado a decisão de direcionar o projeto a mais localidades, independente do IDH e

---

<sup>83</sup> MATTA, Roberto da. P 24.

da presença de videolocadoras, precisamos adequá-lo à realidade de localidades que não se identificam com a palavra roça.

Outro ponto a ser ressaltado é que atualmente levar o cinema nos parece mais importante do que denominá-lo com esse ou aquele nome, ou seja, cheguei à conclusão de que aproveitar a carência de equipamentos culturais e torná-la uma aliada para a disponibilização de mais uma forma de entretenimento para as pessoas, bem como suplantando a ausência desse equipamento com uma iniciativa que estimule o convívio social em ambiente público, tem uma dimensão muito maior do que atribuir um nome para a iniciativa. A proposta atual é “batizar” o projeto com o nome que mais se identifique e seja aceito pelos espectadores. Por exemplo, se o nome Cinema na Roça não foi aceito em Casimiro, lá poderá ser chamado de Cinema Itinerante, Cinema de Graça em Casimiro ou qualquer outro. E o mesmo vale para quaisquer localidades.

A decisão de alterar o nome também visa atender a uma necessidade criada pela característica comercial – citada no item 3.4 do presente trabalho e que será mais detalhada à frente – que o projeto assumiu, pois, uma vez que haja um patrocinador da iniciativa, o nome poderá ser adequado aos seus interesses.

### 3.7. Desmembramento do Cinema na Roça

Conforme procurei demonstrar ao longo desse trabalho, o projeto nasceu com uma ambição desmedida, fruto do meu grande idealismo. Eu acreditava ser possível, através do cinema, transformar toda uma realidade social presente há anos. O formato do Cinema na Roça surgiu da inquietação com o crescimento

desordenado das grandes cidades e com a idéia de contribuir para o desenvolvimento das localidades interioranas do estado do Rio de Janeiro.

Em alguns pontos evoluiu e em outros adequou-se à realidade. A preocupação com a abrangência de localidades perdeu prioridade para o aumento da frequência de exhibições dentro do mesmo município e ganhou um contexto escolar. O foco do Cinema na Roça continua sendo os municípios do interior, porém não é mais somente para a zona rural.

A partir do aprendizado proporcionado ao longo dos dois anos de execução do projeto, decidi-me pelo desmembramento do Cinema na Roça em duas vertentes que apresentarei a seguir.

### 3.7.1. Cinema Social

A proposta com o Cinema Social é introduzir um novo nome ao Cinema na Roça e continuar realizando parte do que já era realizado, porém alguns dos anseios que eu tinha com o projeto inicial não existem mais e o Cinema Social nasceu com duas facetas: uma voluntária e outra comercial. Em princípio, o funcionamento das duas segue a mesma dinâmica. O que as diferencia é que a vertente voluntária é financiada pela empresa Brasil Social – que será apresentada mais detalhadamente à frente – enquanto que a vertente comercial é patrocinada por outras empresas ou pelo poder público.

O Cinema Social tem o objetivo de promover exhibições gratuitas de filmes nacionais e estrangeiros – como apresentado no item 3.5 do presente trabalho –, em localidades que preferencialmente não possuam cinemas ou videolocadoras. Mas

vale ressaltar que essa não é uma exigência. As sessões do Cinema Social são realizadas somente em espaços públicos e têm o objetivo específico de proporcionar mais uma opção de entretenimento aos moradores dessas localidades.

A faceta comercial mantém as mesmas características descritas acima. A diferença entre as duas está no custeio e na escolha das localidades, que pode ser compartilhada com a iniciativa privada ou pretender atender a uma demanda de um determinado município.

Como se pode perceber, o Cinema Social resumiu o aprendizado adquirido ao longo dos quase dois anos de Cinema na Roça e abandonou anseios e responsabilidades atribuídas ao projeto inicial, decorrentes da superficialidade dos levantamentos prévios. Vale ressaltar que não há a expectativa de debates e reflexões após as sessões, nem a aspiração de ações transformadoras. O único objetivo do Cinema Social é realizar exhibições de filmes em locais públicos.

### 3.7.2. Cinema na Escola

O desmembramento do Cinema na Roça também deu origem a esse segundo projeto, chamado Cinema na Escola, que acontece com o patrocínio da iniciativa privada ou do poder público e consiste na exibição de filmes dentro do ambiente escolar e com o intuito de servir de ferramenta para os professores trabalharem os conteúdos da grade curricular com os alunos.

Através do Cinema na Escola realizamos projeções diurnas no interior das escolas públicas municipais. Com essa proposta, os filmes passaram a ser

escolhidos em conjunto com os professores e/ou responsáveis pela coordenação pedagógica dos municípios e visam a atender temas levantados nas escolas.

Optei pelo desmembramento porque percebi que as projeções noturnas, em ambiente aberto e com o público diversificado, não reuniam condições favoráveis aos debates, ou seja, para a reflexão sobre a temática apresentada pelos filmes e porque continuo convencido de que os filmes são boas ferramentas educacionais. Por outro lado, devido ao contato com as pessoas das localidades e ao conhecimento dos aparatos eletrônicos disponíveis nas escolas desses municípios, cheguei à conclusão de que, ao levar o cinema para dentro da sala de aula, seria possível aliar um ambiente favorável à reflexão com uma forma alternativa para os professores trabalharem os conteúdos da grade curricular.

Um exemplo de que a iniciativa pode ser útil aos estudantes surgiu em 2007, em Maria Mendonça, distrito de Trajano de Moraes, quando alguns professores se interessaram bastante pela idéia de exibir filmes em sala de aula para os alunos e disseram-me que iniciariam essa prática. Quando estive em Trajano pela última vez, encontrei três professores dessa escola de Maria Mendonça e a primeira cobrança que fizeram foi da data de exibição em seus distritos.

### 3.8. A característica comercial

Em meio a todas essas reflexões e diante das minhas propostas para o futuro do projeto, surgiu a Brasil Social, que é uma empresa privada, fundada com o intuito de aliar minhas atividades profissionais ao meu engajamento na área social.



A Brasil Social é uma sociedade que tem por objeto serviços de projeção de filmes, realização de eventos, culturais ou não, tais como exibição de músicas, *workshops* e oficinas. Através dela organizamos e comercializamos as exibições públicas de filmes, bem como eventos relacionados a treinamentos corporativos.

Com a constituição da empresa, passei a dedicar-me ao financiamento do projeto, independente da existência de patrocínios, mas isso não era suficiente para fazê-lo assumir maiores proporções e não o retirava do *status* de atividade secundária. Vislumbrei, então, a possibilidade de transformar o projeto em um negócio comercialmente viável, no qual a Brasil Social realizaria exibições públicas de filmes, desenvolveria o Cinema na Escola e outras atividades afins.

Com o lucro das operações, há o reinvestimento na Brasil Social e o financiamento de projeto sociais – no momento, o Cinema na Roça e, em breve, o Cinema Social. Para esse empreendimento convidei para a sociedade Marcos Martinelli, que atuava como voluntário do Cinema na Roça desde a sua concepção. Desde então, dividimos as responsabilidades pertinentes às ações da Brasil Social.

Investir na comercialização de exibições públicas de filmes foi uma maneira de sanar um problema e atender a uma demanda. O problema era encontrar uma maneira de custear a permanência das exibições sem depender de patrocínios de empresas. Resolvê-lo somente se tornou possível a partir do momento em que entendi que não haveria sucesso na tentativa de motivar o público para os debates após as exibições e consegui atentar para o fato de que a carência de equipamentos culturais era uma oportunidade para comercializar as projeções com o poder público.

Outra saída para a comercialização das exposições foi o fracionamento do patrocínio do projeto, pois, assim, mesmo os empresários de comércios de pequeno porte podem se tornar patrocinadores.

A partir de julho de 2007 assumimos uma postura mais assertiva de abordagem. Agora realizamos um levantamento sobre os municípios, a fim de identificarmos como está montada sua estrutura cultural, em que tipo de atividades culturais investem, se têm fundações culturais, programação cultural, agenda de eventos culturais etc., pois essas informações são importantes para sabermos se o município tem predisposição para investir em cultura e avaliarmos nossas chances de comercialização dos projetos.

Aliando essas informações com detalhes geográficos – como distâncias entre a sede e os distritos, distância entre o município e a capital do estado etc. – e dados estatísticos – demografia, população urbana e rural, orçamento etc. –, efetuamos o levantamento dos nossos custos para a realização de uma exposição voluntária. Ao realizarmos a exposição voluntária, aproveitamos a oportunidade de estarmos no município para abordar os secretários de Cultura, de Educação, vereadores ou mesmo o prefeito do município, ou seja, nossa estratégia é usar a exposição voluntária para identificar aliados.

Essa mudança de estratégia surgiu a partir do momento em que aliamos dois aprendizados. O primeiro foi a dificuldade de acessar as pessoas que têm o poder de decidir pela contratação do projeto através de contatos telefônicos, como foi o caso de Duas Barras, Quissamã, São Sebastião do Alto e Bom Jardim – onde não realizamos exposições –, ou Casimiro de Abreu, Santa Maria Madalena e Sumidouro – nos quais realizamos exposições. O segundo aprendizado veio do sucesso das negociações *in loco*, como aconteceram em Trajano de Moraes e Sumidouro.

Desde que percebi a oportunidade de oferecer comercialmente os projetos, atentei que, para que conseguíssemos negociar com o poder público, era necessário demonstrar que o projeto tem a capacidade de aglomerar pessoas, pois ao poder público interessa muito que o projeto seja também um instrumento das suas ações e que possa demonstrar isso ao maior número de pessoas. Sendo assim, para atender a essa necessidade, sempre que ofertamos as exposições para a zona rural, o fazemos com auxílio de transporte para os espectadores, aliado à divulgação prévia e à distribuição de pipoca.

## Considerações Finais

A realização do Cinema na Roça tem me proporcionado inúmeros aprendizados, mas, nesse contexto, o curso de mestrado que demandou a presente dissertação tem fundamental influência nesse processo de aprendizado, pois balizou as minhas expectativas em relação aos possíveis resultados que poderiam ser alcançados com o Cinema na Roça, bem como demonstrou a complexidade de alguns fatores anteriormente desconhecidos.

Antes, porém, gostaria de fazer uma ressalva, atentando às duas últimas fases de uma pesquisa etnográfica, apontadas por Roberto da Matta em “O ofício de etnólogo, ou como ter ‘Anthropological Blues’” (MATTA, 1978). A segunda fase – penúltima elencada por Roberto da Matta – é denominada “*período prático*”<sup>84</sup> e pouco tem a ver com a magnitude acadêmica. Essa fase é representada por questões de ordem prática. Segundo Roberto da Matta trata-se do momento “quando nossa preocupação muda subitamente das teorias mais universais para os problemas mais banalmente concretos”<sup>85</sup> e resume-se na preparação para a ida a campo. Nessa fase, o pesquisador precisa dedicar-se a questões como alimentação, estadia, higiene, saúde etc.

O Cinema na Roça, apesar de não ter se constituído desde o início como pesquisa etnográfica, tem nessas demandas práticas uma componente constante, pois a logística de realização de cada sessão é muito complexa e trabalhosa, devido à falta de recursos nas localidades e ao número reduzido de pessoas que organizam as sessões. Por isso, a complexidade ao lidar com o “período prático” dificultou a percepção das teias de relacionamento.

---

<sup>84</sup> MATTA, Roberto da. P 24.

<sup>85</sup> MATTA, Roberto da. P 24.

A terceira e última fase, denominada “*pessoal ou existencial*”<sup>86</sup> se resume ao trabalho de campo propriamente dito. Para Roberto da Matta, enquanto a primeira fase é essencialmente intelectual e depende basicamente da competência acadêmica do pesquisador, a segunda é de ordem prática e inevitável em função da terceira. A fase *existencial* requer extrema atenção ao desconhecido e está mais ligada às lições que podem ser apreendidas da vivência do que à vivência em si. É nessa fase que o pesquisador enfrenta o cansaço e o desconforto, com o compromisso de ser feliz em suas interpretações e que a pesquisa se torna real.

A terceira fase exige bastante concentração para as observações que permitem o entendimento de comportamentos como o de Aurélio, em Silva Jardim, ao nos ciceronear; o de Yohana, em Sumidouro, ao demonstrar a preocupação com o jornalista e com o filme a ser projetado no centro da cidade; o de Marco Aurélio, de São José do Vale do Rio Preto, ao insistir na exibição do filme a Visão do Paraíso ou na participação do Cinema na Roça na Calçada da Cultura, entre outros citados nesse trabalho. O ponto aqui levantado é que a Antropologia Social existe quando existe o exótico e, por sua vez, o exótico aparece em função do distanciamento social. O papel do etnógrafo é fazer com que o exótico se torne familiar e vice-versa e Roberto da Matta lança um importante olhar para a subjetividade, o sentimento e a emoção durante um trabalho etnográfico. Ele aponta que esses aspectos são relevantes para o processo de entendimento das tramas sociais, pois grande parte do que é apreendido no trabalho de campo depende da capacidade de sentir, antes da de compreender.

---

<sup>86</sup> MATTA, Roberto da. P 25.

Geertz levanta a questão do significado de cultura e, citando Goodenough, aceita que “a cultura (está localizada) na mente e no coração dos homens”<sup>87</sup> e que a “cultura de uma sociedade consiste no que quer que seja que alguém tem que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros”<sup>88</sup>. No entanto, Geertz ressalta a importância que deve ser dada a duas questões sobre a cultura. “Uma delas é imaginar que a cultura é uma realidade superorgânica autocontida, com forças e propósitos em si mesma” e a “outra é alegar que a cultura consiste em um valor bruto de acontecimentos comportamentais que, de fato, observamos ocorrer em uma ou outra comunidade identificável”<sup>89</sup>. Porém, o ponto mais importante, levantado por Geertz, refere-se à maneira como o pesquisador deve relacionar-se com as diversas culturas.

Para Geertz, na interpretação da cultura, o pesquisador deve estar atento ao indagar a importância do significado dos acontecimentos, “o que está sendo transmitido com a sua ocorrência”, mesmo que ela seja, à primeira vista, um simples detalhe. Com isso, o sucesso da presente dissertação está diretamente relacionado à minha capacidade de estar atento aos comportamentos e de entender o significado dos pequenos atos, assim como à capacidade de afastamento do objeto e de entendimento da subjetividade. Como, por exemplo, entender que, para o Kelvin, de Sumidouro, e para o Allan, de Trajano de Moraes, participar do projeto englobava o componente *status*, enquanto que, para o Aurélio, de Silva Jardim, poder.

Assim como Clifford Geertz faz a introdução de seu trabalho citando o livro *Philosophy in a new key* de Susanne Langer e abordando o hábito, no panorama intelectual, de abraçar uma boa idéia e tê-la como solução para todas as

---

<sup>87</sup> GEERTZ, Clifford. P. 8

<sup>88</sup> GEERTZ, Clifford. P. 8

<sup>89</sup> GEERTZ, Clifford. P. 8

questões/problemas fundamentais, acredito que instintivamente eu tenha passado por esse mesmo processo ao acreditar na idéia de usar o cinema como ferramenta de transformação social. No entanto, entender as limitações do projeto e aceitá-las é uma forma de demonstrar *Anthropological Blues*.<sup>90</sup>

Procurei apresentar ao longo do presente trabalho, como a maioria das idéias que julgamos mirabolantes e inovadoras, essa também descartou a atenção a importantes detalhes e iniciativas pregressas. A minha ingênua proposta queria se valer da ausência do equipamento cultural para despertar o interesse da população dos pequenos municípios para a discussão a respeito de suas realidades sociais e da condição de vida e emprego nessas localidades, assumindo previamente que essa fosse uma necessidade legítima de seus habitantes.

Durante a concepção do projeto tudo era muito fácil, inovador e aplicável: percorrer o Brasil estimulando debates e promovendo a cultura nacional território afora. No entanto, vale ressaltar que, ao idealizar o projeto, negligenciei alguns pontos de cuja importância atualmente tenho consciência, mas que na ocasião passaram incólumes.

Durante essa parte da dissertação pretendo focar-me em apenas três aspectos. O primeiro é a relação entre o evento proporcionado pela exibição e o filme. O segundo se refere ao significado da participação das pessoas como espectadores e como voluntários. O terceiro é sobre a continuidade do projeto.

A partir da leitura de Geertz cheguei a conclusão de que o maior trabalho do etnógrafo é fazer uma interpretação de suas anotações, ou seja, a riqueza da etnografia está na profundidade com que se consegue penetrar nas relações e, para isso, se faz necessário que haja riqueza de detalhes na observação. A etnografia é

---

<sup>90</sup> Ver MATTA, Roberto da.

um complexo exercício de interpretação de sinais e de leitura dos códigos. A descrição densa se diferencia da superficial pela complexidade dos detalhes que traz à tona. Mesmo que as passagens não tenham significado imediato e que sua relevância não salte aos olhos durante as anotações/percepções, é importante estar atento a todas as manifestações, pois esses registros permitirão um estudo mais aprofundado e a construção de uma etnografia densa.

Outra consideração importante se refere à complexidade de interpretação dos dados. O que pretendo dizer com isso é que, durante o processo investigativo, um dado etnográfico que, aos olhos do pesquisador, pode ser muito importante e/ou significativo, é coletado através da observação e do “depoimento” de outras pessoas que não lhe dão o mesmo significado e o fornecem de forma “disfarçada”, desconexa, sem importância e/ou confusa e que esses dados somente receberão a devida importância após uma análise mais detalhada e atenta do pesquisador.

Há um longo e complexo processo a ser seguido e que exige a sua capacidade de captar e interpretar os dados, a fim de encontrar relevante significado no material coletado. Em primeiro lugar entendo que a necessidade de encontrar os porquês e uma boa formulação da questão é essencial para esse momento. A partir dessa etapa se faz necessário desvencilhar-se da capacidade imaginativa, para evitar que seja traído por conclusões prematuras e pela atribuição indevida de valores aos códigos. Para o passo seguinte se faz necessário vivenciar e internalizar as relações culturais, isentando-se de preconceitos e da paúra por identificar relações e construir significados.

Esse momento é de aprendizado e deve ser dedicado ao entendimento do que acontece ao redor do pesquisador, de identificação das relações culturais. Analogamente, é como se o pesquisador se dedicasse ao aprendizado de um novo



idioma. Por fim é a etapa de significação e, para esse passo, é importante a capacidade de relacionar e interpretar os códigos captados. É nessa etapa que devem ser estabelecidas as relações culturais e decodificadas as tramas e teias relacionais.

Temo que a dificuldade causada pela minha falta de experiência ao pesquisar e relatar, aliada à complexa logística de realização das sessões tenham ocultado a riqueza das relações ao longo das sessões do Cinema na Roça. Mas, apoiando-me em mais um pensamento de Geertz ao considerar que seu trabalho ainda não chegou “próximo do fundo de qualquer questão sobre a qual tenha escrito” e ao reforçar as suas palavras com a tese de que “essa é uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são aquelas que têm a base mais trêmula”, pretendo apresentar minhas considerações com o intuito de contribuir singelamente com quem se interesse pelo tema.

Em relação às minhas conclusões, acredito que tanto o evento quanto a exibição dos filmes são muito importantes, mas cada um atua sobre o espectador em momentos distintos. No primeiro momento, os equipamentos são o grande atrativo do Cinema na Roça. A partir do momento em que começamos a trabalhar com a tela inflável percebi que a motivação das pessoas para assistirem aos filmes aumentou ainda mais e é uma constante perceber pessoas que ficam mais impressionadas com a estrutura do que com o filme a ser projetado. Em Casimiro de Abreu, por exemplo, várias pessoas preferiram assistir aos filmes pela parte traseira da tela, com as imagens invertidas e, como projetamos a imagem por trás da tela, frequentemente as pessoas ficam curiosas procurando descobrir de onde vem a imagem.

Num segundo momento, o filme passa a ser importante, sendo que vale ressaltar a diferença em função do componente demográfico das localidades.

Percebo que na maioria dos locais, principalmente nas localidades que reúnem maior número de espectadores, é grande o número de pessoas que estão presentes por conta do alvoroço que a exibição causa e não por conta do que se projeta na tela. A falta de costume e a dificuldade de concentração em um filme por cerca de duas horas ainda são os motivos mais aparentes. Em contraponto, percebo que em exibições que reúnem menos pessoas, até 40 espectadores, a atenção ao que está sendo exibido é muito maior e a resposta do público imediata.

Nas pequenas localidades, os espectadores são menos tolerantes com a narrativa e com o enredo dos filmes do que nas localidades que reúnem mais pessoas e, caso o filme não lhes agrade, deixam o local mais facilmente. Apesar de parecer óbvio – pois disse acima que nas exibições que reúnem grande número de espectadores a atenção aos filmes é menor e a reunião de pessoas é que os atrai –, os espectadores permanecem por mais tempo no local de projeção. Acredito que isso se dê por encontrarem outros atrativos além do filme projetado.

Ao longo dos quase dois anos de Cinema na Roça cheguei à conclusão de que o projeto tem um papel importante para as comunidades pelo fato de ser mais um atrativo cultural para as pessoas, pelo fato de reuni-las em determinado local e, de certa forma, estimular o convívio. No entanto, não é o cinema que possui esse poder. Atribuo à carência de atrativos o maior trunfo do projeto e, sendo assim, várias iniciativas seriam aceitas pelas população.

Percebo que há demanda para o cinema como entretenimento nessas localidades e que o equipamento também deve ser um atrativo para valorizar a experiência. Entendo que é importante não apenas exibir os filmes, como também compartilhar com as pessoas o funcionamento da estrutura. No entanto, com relação à concepção inicial do Cinema na Roça, de usar o cinema como ferramenta para

estímulo direto de reflexões a partir dos filmes e promoção de transformações nos municípios, entendo que as chances são remotas.

Em relação às pessoas que participaram, considero que para Allan Almeida – de Trajano de Moraes – ou para Rosilane Brum – de Silva Jardim – tenha tido um significado diferente do atribuído aos demais habitantes das localidades devido à participação intensa, mas não percebo que de forma geral a experiência tenha estimulado alguma reação diferente do que a postura de espectador. Como pude comprovar, da segunda vez em que estive em Sossego do Imbé – Santa Maria Madalena –, um ano após a primeira exibição, as pessoas se recordavam do filme que exibimos e da experiência que viveram assistindo a um filme em uma tela grande pela primeira vez. Em Cambucaes – Silva Jardim – tive a oportunidade de retornar na escola da qual pegamos as cadeiras, e os alunos também se lembravam com saudade da exibição dos filmes e falaram que gostaram de assistir ao filme e que queriam que o cinema voltasse. Em Sumidouro, quando retornei em janeiro de 2007 – por outro motivo –, algumas pessoas me abordaram na rua perguntando se o cinema voltaria. Ao final das sessões, normalmente, algumas pessoas perguntam quando haverá outra sessão. Isso aconteceu em Palmital e Professor Souza – Casimiro; Ribeirão Santíssimo e Sossego do Imbé – Madalena; Porteira Verde e Campinas – Sumidouro, entre outros.

Mas há exemplos contrários. Depois da sessão de novembro de 2006, retornei ao Tirol – Trajano de Moraes – duas vezes. Numa delas procurei o Sr. Ovídio, que havia cedido sua propriedade para a exibição na localidade e ele se recordava vagamente da sessão. Da segunda, tive a oportunidade de conversar com Ana Ely Toledo, diretora da Escola Municipalizada Fazenda do Tirol, que me disse que as nove crianças da escola gostaram muito da experiência da sessão de cinema

e que ela – apesar de não estar presente à sessão – pôde trabalhar o conteúdo dos filmes em sala.

A maior manifestação de aprovação aconteceu em Trajano de Moraes, mas atribuo esse comportamento à maior exposição que o projeto teve no município. Percebo que a admiração das pessoas de Trajano se dá em função do trabalho que é realizado e não em função da exibição de filmes propriamente dita, ou seja, no meu entender, não é o cinema e nem o filme que importa e sim a iniciativa de levar para o município algo que antes não existia. Ainda não consegui identificar se a experiência foi realmente importante, se, de alguma forma, suas vidas foram “afetadas”. Acredito que para a maioria das pessoas tenha sido apenas mais um evento ao qual tiveram acesso e que, com o tempo, cairá no esquecimento.

O Cinema na Roça conforme concebido já não existe há muito tempo. De fato nunca saiu do papel. Desde que iniciei o projeto, suas características foram sendo modificadas a cada exibição. Atualmente, como visto anteriormente no capítulo 3 do presente trabalho, deu origem a mais duas iniciativas chamadas Cinema na Escola e, em princípio, Cinema Social.

Considero que o momento atual seja de constantes reflexões sobre a continuidade dos projetos, pois chegar à conclusão de que a experiência não é nada além do que “projetar filmes na praça” está sendo bastante difícil e atualmente divido meus pensamentos entre a decisão de dar continuidade às exibições, porém com enfoque comercial, ou de interrompê-las. Enquanto isso, continuo organizando “sessões públicas de cinema” e oferecendo o “cinema” para as escolas municipais.

## Anexo

### Listagem dos filmes<sup>91</sup>

Nome do Filme	Distribuidora	Ano
1972	BUENA VISTA	2006
A MÁQUINA	BUENA VISTA	2006
ANJOS DO SOL	BUENA VISTA	2006
AS VIDAS DE MARIA	PANDORA	2005
BODAS DE PAPEL	PANDORA	2006
CRIME DELICADO	DOWNTOWN	2006
DIA DE FESTA	PANDORA	2006
DIDI CAÇADOR DE TESOUREOS	BUENA VISTA	2006
DOM HELDER CAMARA, O SANTO REBELDE	PANDORA	2006
ELIANA EM O SEGREDO DOS GOLFINHOS	FOX	2005
EU ME LEMBRO	PANDORA	2006
FICA COMIGO ESTA NOITE	BUENA VISTA	2006
GATÃO DE MEIA IDADE	DOWNTOWN	2006
IRMA VAP - O RETORNO	DOWNTOWN	2006
JOGO SUBTERRÂNEO	BUENA VISTA	2005
MENINAS	DOWNTOWN	2006
MEU TIO MATOU UM CARA	FOX	2005
MUITO GELO E DOIS DEDOS D'ÁGUA	BUENA VISTA	2006
O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS	BUENA VISTA	2006
O CÁRCERE E A RUA	PANDORA	2006
O CASAMENTO DE ROMÉU E JULIETA	BUENA VISTA	2005

<sup>91</sup> Todos esses filmes passaram a fazer parte do acervo em 2007.

O CAVALEIRO DIDI E A PRINCESA LILI	BUENA VISTA	2006
O CORONEL E O LOBISOMEM	FOX	2005
O DIÁRIO DE TATI	UIP	2006
O VENENO DA MADRUGADA	UIP	2006
SE EU FOSSE VOCÊ	FOX	2006
SÓ DEUS SABE	DOWNTOWN	2006
TAPETE VERMELHO	PANDORA	2006
TRAIR E COÇAR É SÓ COMEÇAR	FOX	2006
UM CRAQUE CHAMADO DIVINO	PANDORA	2006
WOOD AND STOCK	DOWNTOWN	2006
XUXA GÊMEAS	FOX	2006
SONHOS E DESEJOS	UIP	2006
A DONA DA HISTÓRIA	BUENA VISTA	2004
A HORA MARCADA	UIP	2001
ABRIL DESPEDAÇADO	LUMIÈRE	2001
ACQUARIA	FOX	2003
AMORES POSSÍVEIS	FOX	2001
AS TRÊS MARIAS	LUMIÈRE	2002
AVASSALADORAS	FOX	2002
CAMINHO DOS SONHOS	UIP	1999
CIDADE DE DEUS	LUMIÈRE	2002
CINEGIBI, O FILME - TURMA DA MÔNICA	UIP	2004
COMO FAZER UM FILME DE AMOR	LUMIÈRE	2004
CONDENADO À LIBERDADE	UIP	2001
CONTOS DE LÍGIA	LUMIÈRE	1999
CRISTINA QUER CASAR	FOX	2003
DE PASSAGEM	LUMIÈRE	2004
DOMÉSTICAS	PANDORA	2001
FÁBIO FABULOSO	LUMIÈRE	2004
LISBELA E O PRISIONEIRO	FOX	2003

MADAME SATÃ	LUMIÈRE	2002
MEMÓRIAS PÓSTUMAS	LUMIÈRE	2001
MINHA VIDA EM SUAS MÃOS	FOX	2000
NARRADORES DE JAVÉ	LUMIÈRE	2004
O CAMINHO DAS NUENS	BUENA VISTA	2003
O INVASOR	PANDORA	2002
O TRAPALHÃO E A LUZ AZUL	LUMIÈRE	1999
O TRONCO	PANDORA	1999
OLGA	LUMIÈRE	2004
ONDE ANDA VOCÊ	UIP	2004
OS NORMAIS	LUMIÈRE	2003
PELÉ ETERNO	UIP	2004
RUA SEIS SEM NÚMERO	PANDORA	2003
SAMBA RIACHÃO	PANDORA	2004
SEXO, AMOR E TRAIÇÃO	FOX	2004
SONHOS TROPICAIS	PANDORA	2002
SURF ADVENTURES	LUMIÈRE	2002
TRAIÇÃO	LUMIÈRE	1998
UM ANJO TRAPALHÃO	FOX	2001
UMA AVENTURA DO ZICO	LUMIÈRE	1999
VIVA VOZ	BUENA VISTA	2004
XUXA REQUEBRA	FOX	1999
2046 - SEGREDOS DO AMOR	PANDORA	2006
A ERA DO GELO 2	FOX	2006
A GAROTA DA VITRINE	FOX	2006
A MÁQUINA	BVI	2006
A MARCHA DOS PINGUINS	DOWNTOWN	2006
A MENINA E O PORQUINHO	PAR	2006
A PANTERA COR DE ROSA	FOX	2006
A PASSAGEM	FOX	2006
A PROFECIA	FOX	2006
AEON FLUX	UIP	2006

ANJOS DA VIDA - MAIS BRAVOS...	BVI	2006
APENAS AMIGOS	PANDORA	2006
AQUAMARINE	FOX	2006
ARMAÇÕES DO AMOR	UIP	2006
AS CRÔNICAS DE NÁRNIA	BVI	2006
AS FÉRIAS DA MINHA VIDA	UIP	2006
AS TORRES GÊMEAS	UIP	2006
BAMBI 2 - O GRANDE PRÍNCIPE	BVI	2006
BANDIDAS	FOX	2006
CARROS	BVI	2006
DIDI CAÇADOR DE TESOUREOS	BVI	2006
DOIS É BOM, TRÊS É DEMAIS	FOX	2006
DOOM - A PORTA DO INFERNO	UIP	2006
DOZE É DEMAIS	FOX	2006
E SE FOSSE VERDADE	UIP	2006
ELSA E FRED - UM AMOR DE PAIXÃO	PANDORA	2006
EM SEU LUGAR	FOX	2006
ERAGON	FOX	2006
FICA COMIGO ESTA NOITE	BVI	2006
FONTE DA VIDA	FOX	2006
FORA DE RUMO	BVI	2006
GARFIELD 2	FOX	2006
GEORGE, O CURIOSO	UIP	2006
GUARDIÕES DA NOITE	FOX	2006
INSTINTO SELVAGEM 2	BVI	2006
JOGOS MORTAIS 3	BVI	2006
JOHNNY E JUNE	FOX	2006
KING KONG	UIP	2006
MENTIRAS SINCERAS	FOX	2006
MERGULHO RADICAL	FOX	2006
MIAMI VICE	UIP	2006
MINHA SUPER EX NAMORADA	FOX	2006



MISSÃO IMPOSSÍVEL 3	UIP	2006
MUITO GELO E DOIS DEDOS D'ÁGUA	BVI	2006
MUNIQUE	UIP	2006
NANNY MCFEE - A BABÁ ENCANTADA	UIP	2006
O AMOR EM CINCO TEMPOS	PANDORA	2006
O AMOR NÃO TIRA FÉRIAS	UIP	2006
O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS	BVI	2006
O CAVALEIRO DIDI E A PRINCESA LILI	BVI	2006
O DIABO VESTE PRADA	FOX	2006
O GALINHO CHICKEN LITTLE	BVI	2006
O JARDINEIRO FIEL	UIP	2006
O MATADOR	PANDORA	2006
O PLANO PERFEITO	UIP	2006
O SEGREDO DOS ANIMAIS	UIP	2006
O SENHOR DAS ARMAS	PANDORA	2006
O SOL DE CADA MANHÃ	UIP	2006
O VIRGEM DE 40 ANOS	UIP	2006
OBRIGADO POR FUMAR	FOX	2006
ORGULHO E PRECONCEITO	UIP	2006
OS SEM-FLORESTA	UIP	2006
PALAVRAS DE AMOR	FOX	2006
PEQUENA MISS SUNSHINE	FOX	2006
PIRATAS DO CARIBE 2	BVI	2006
PLANO DE VÔO	BVI	2006
POR ÁGUA ABAIXO	UIP	2006
PROTEJIDA POR UM ANJO	UIP	2006
RESGATE ABAIXO DE ZERO	BVI	2006
SE EU FOSSE VOCÊ	FOX	2006
SELVAGEM	BVI	2006

SENTINELA	FOX	2006
SEPARADOS PELO CASAMENTO	UIP	2006
SERES RASTEJANTES	UIP	2006
SOLDADO ANÔNIMO	UIP	2006
SOLTANDO OS CACHORROS	BVI	2006
SORTE NO AMOR	FOX	2006
SRA. HENDERSON APRESENTA	BVI	2006
STAY ALIVE - JOGO MORTAL	UIP	2006
TAPETE VERMELHO	PANDORA	2006
TODO MUNDO EM PÂNICO 4	BVI	2006
TRAIR E COÇAR É SÓ COMEÇAR	FOX	2006
TUDO ACONTECE EM ELIZABETH TOWN	BVI	2006
TUDO EM FAMÍLIA	FOX	2006
TUDO POR DINHEIRO	UIP	2006
UM BOM ANO	FOX	2006
UMA COMÉDIA NADA ROMÂNTICA	FOX	2006
UMA VERDADE INCONVENIENTE	UIP	2006
VELOZES E FURIOSOS 3	UIP	2006
VIAGEM MALDITA	FOX	2006
VINICIUS	UIP	2006
VOLVER	FOX	2006
VÔO 93	UIP	2006
VOVÓ ZONA 2	FOX	2006
X-MEN O CONFRONTO FINAL	FOX	2006
XUXA GÊMEAS	FOX	2006
9 CANÇÕES	LUMIÈRE	2005
A CASA DOS BEBÊS	PANDORA	2005
A CHAVE MESTRA	UNIVERSAL	2005
A FAMÍLIA DA NOIVA	FOX	2005
A INTÉRPRETE	UNIVERSAL	2005
A JANELA DA FRENTE	PANDORA	2005

A LUTA PELA ESPERANÇA	BUENA VISTA	2005
A MENINA SANTA	PANDORA	2005
A VIDA MARINHA COM STEVE ZISSOU	BUENA VISTA	2005
A VIDA SECRETA DOS DENTISTAS	PANDORA	2005
ÁGUA NEGRA	BUENA VISTA	2005
ALFIE	PARAMOUNT	2005
AMALDIÇOADOS	LUMIÈRE	2005
AMIGO OCULTO	FOX	2005
AMOR EM JOGO	FOX	2005
ASSALTO À 13A DP	UNIVERSAL	2005
BRIGADA 49	BUENA VISTA	2005
CARGA EXPLOSIVA 2	FOX	2005
CORONEL E O LOBISOMEM	FOX	2005
DE REPENTE É AMOR	BUENA VISTA	2005
DE-LOVELY - VIDA E AMORES DE COLE PORTER	FOX	2005
DESDE QUE OTAR PARTIU	PANDORA	2005
DESVENTURAS EM SÉRIE	UNIVERSAL	2005
DIÁRIO DE UM NOVO MUNDO	PANDORA	2005
DOMINO: A CAÇADORA DE RECOMPENSAS	UIP	2005
ELEKTRA	FOX	2005
ELIANA EM O SEGREDO DOS GOLFINHOS	FOX	2005
EM BUSCA DA TERRA DO NUNCA	LUMIÈRE	2005
ENTRANDO NUMA FRIA MAIOR AINDA	UIP	2005
GOL!	BUENA VISTA	2005
GUERRA DOS MUNDOS	UIP	2005
HERBIE – MEU FUSCA TURBINADO	BUENA VISTA	2005
HERÓI	BUENA VISTA	2005
HORA DE VOLTAR	BUENA VISTA	2005

HORROR EM AMITYVILLE	BUENA VISTA	2005
JOGO SUBTERRÂNEO	BUENA VISTA	2005
KINSEY - VAMOS FALAR DE SEXO	FOX	2005
MADAGASCAR	UNIVERSAL	2005
MAR ADENTRO	FOX	2005
MELINDA E MELINDA	FOX	2005
MERGULHO RADICAL	FOX	2005
MEU TIO MATOU UM CARA	FOX	2005
O CASAMENTO DE ROMEU E JULIETA	BUENA VISTA	2005
O CHAMADO 2	UNIVERSAL	2005
O FANTASMA DA ÓPERA	UNIVERSAL	2005
O GUIA DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS	BUENA VISTA	2005
O JARDINEIRO FIEL	UNIVERSAL	2005
O OPERÁRIO	PARAMOUNT	2005
O OUTRO NOME DO JOGO	FOX	2005
O SENHOR DAS ARMAS	PANDORA	2005
O VIRGEM DE 40 ANOS	UNIVERSAL	2005
O VÔO DA FÊNIX	FOX	2005
OPERAÇÃO BABÁ	BUENA VISTA	2005
OS INCRÍVEIS	BUENA VISTA	2005
PAPAI NOEL ÀS AVESSAS	LUMIÈRE	2005
PAPARAZZI	PANDORA	2005
PLANO DE VÔO	BUENA VISTA	2005
QUARTETO FANTÁSTICO	FOX	2005
QUATRO IRMÃOS	PARAMOUNT	2005
QUERIDO FRANKIE	BUENA VISTA	2005
QUESTÃO DE IMAGEM	PANDORA	2005
RAY	UNIVERSAL	2005
ROBÔS	FOX	2005
SIDEWAYS - ENTRE UMAS E OUTRAS	FOX	2005

SIN CITY – CIDADE DO PECADO	BUENA VISTA	2005
SOBREVIVENDO AO NATAL	UNIVERSAL	2005
STAR WARS 3: A VINGANÇA DOS SITH	FOX	2005
SUPER ESCOLA DE HERÓIS	BUENA VISTA	2005
TERRA DOS MORTOS	UNIVERSAL	2005
TUDO ACONTECE EM ELIZABETHTOWN	PARAMOUNT	2005
VÔO NOTURNO	UNIVERSAL	2005
VOZES DO ALÉM	UNIVERSAL	2005
VOZES INOCENTES	FOX	2005
WALLACE & GROMIT – A BATALHA DOS VEGETAIS	UNIVERSAL	2005
ZATOICHI ZATOICHI	BUENA VISTA	2005
21 GRAMAS	UIP	2004
A BATALHA DE RIDDICK	UIP	2004
A DONA DA HISTÓRIA	BUENA VISTA	2004
À FRANCESA	FOX	2004
A MARCA	UIP	2004
A SUPREMACIA BOURNE	UIP	2004
A VILA	BUENA VISTA	2004
ACQUÁRIA	FOX	2004
ALIEN VS PREDADOR	FOX	2004
AMERICAN PIE - O CASAMENTO	UIP	2004
AMOR SEM FRONTEIRAS	UIP	2004
APAIXONADOS	BUENA VISTA	2004
AS BICICLETAS DE BELLEVILLE	PANDORA	2004
BEIJE QUEM VOCÊ QUISER	PANDORA	2004
BRILHO ETERNO DE UMA MENTE SEM LEMBRANÇAS	UIP	2004
CHAMAS DA VINGANÇA	FOX	2004
CHUVA DE VERÃO	PANDORA	2004

CINEGIBI - A TURMA DA MÔNICA	UIP	2004
COISAS BELAS E SUJAS	LUMIÈRE	2004
COLATERAL	UIP	2004
COLD MOUNTAIN	BUENA VISTA	2004
COM A BOLA TODA	FOX	2004
COM AS PRÓPRIAS MÃOS	FOX	2004
COMO FAZER UM FILME DE AMOR	LUMIÈRE	2004
CONNIE & CARLA - AS RAINHAS DA NOITE	UIP	2004
CORAÇÕES LIVRES	PANDORA	2004
DANÇA COMIGO?	BUENA VISTA	2004
DE PASSAGEM	LUMIÈRE	2004
DIÁRIO DA PRINCESA 2	BUENA VISTA	2004
DIÁRIOS DE MOTOCICLETA	BUENA VISTA	2004
DIRTY DANCING 2: HAVANA NIGHTS	LUMIÈRE	2004
DOZE É DEMAIS	FOX	2004
DUPLEX	LUMIÈRE	2004
ENCONTROS E DESENCONTROS	UIP	2004
ESCOLA DE ROCK	UIP	2004
EU, ROBÔ	FOX	2004
FÁBIO FABULOSO	LUMIÈRE	2004
GARFIELD - O FILME	FOX	2004
GAROTAS DO CALENDÁRIO	BUENA VISTA	2004
GRANDE MENINA, PEQUENA MULHER	FOX	2004
HISTÓRIAS MÍNIMAS	PANDORA	2004
INTERVENÇÃO DIVINA	PANDORA	2004
IRMÃO URSO	BUENA VISTA	2004
KILL BILL - VOL. 1	LUMIÈRE	2004
KILL BILL - VOL. 2	LUMIÈRE	2004
LIGADO EM VOCÊ	FOX	2004

LINHA DO TEMPO	UIP	2004
LUTERO	PANDORA	2004
MÁ EDUCAÇÃO	FOX	2004
MADRUGADA DOS MORTOS	UIP	2004
MAR DE FOGO	BUENA VISTA	2004
MATADORES DE VELHINHA	BUENA VISTA	2004
MENINA DOS OLHOS	LUMIÈRE	2004
MENINAS MALVADAS	UIP	2004
MESTRE DOS MARES	BUENA VISTA	2004
MONSIEUR N.	PANDORA	2004
MULHERES PERFEITAS	UIP	2004
NARRADORES DE JAVÉ	LUMIÈRE	2004
NATHALIE X	PANDORA	2004
NEM QUE A VACA TUSSA	BUENA VISTA	2004
O AGENTE DA ESTAÇÃO	LUMIÈRE	2004
O ÂNCORA - A LENDA DE RON BURGUNDY	UIP	2004
O BUQUÊ	PANDORA	2004
O CUSTO DA CORAGEM	BUENA VISTA	2004
O DIA DEPOIS DE AMANHÃ	FOX	2004
O ESPANTA TUBARÕES	UIP	2004
O GATO	UIP	2004
O PAGAMENTO	UIP	2004
O TERMINAL	UIP	2004
OLGA	LUMIÈRE	2004
ONDE ANDA VOCÊ	UIP	2004
OS RUGRATS E OS THORNBERRYS VÃO APRONTAR	UIP	2004
PAIXÃO DE CRISTO	FOX	2004
PELÉ ETERNO	UIP	2004
QUERO FICAR COM POLLY	UIP	2004
RECONSTRUÇÃO DE UM AMOR	PANDORA	2004

REFÉM DE UMA VIDA	FOX	2004
REI ARTUR	BUENA VISTA	2004
RESISTINDO ÀS TENTAÇÕES	UIP	2004
SAMBA RIACHÃO	PANDORA	2004
SEXO COM AMOR	FOX	2004
SEXO, AMOR E TRAIÇÃO	FOX	2004
SEXTA-FEIRA MUITO LOUCA	BUENA VISTA	2004
SHOW DE VIZINHA	FOX	2004
SHREK 2	UIP	2004
SIMPLESMENTE AMOR	UIP	2004
SOB O DOMÍNIO DO MAL	UIP	2004
SOB O SOL DA TOSCANA	BUENA VISTA	2004
SOBREVIVENDO AO NATAL	UIP	2004
STARSKY & HUTCH - JUSTIÇA EM DOBRO	BUENA VISTA	2004
TÁXI	FOX	2004
TERRA DE SONHOS	FOX	2004
TODO MUNDO EM PÂNICO 3	LUMIÈRE	2004
UM CÃO DO OUTRO MUNDO	FOX	2004
UM JOVEM SEDUTOR	LUMIÈRE	2004
VALENTIN	BUENA VISTA	2004
VAN HELSING - CAÇADOR DE MONSTROS	UIP	2004
VIVA VOZ	BUENA VISTA	2004
WIMBLEDON: O JOGO DO AMOR	UIP	2004
A FILHA DO CHEFE	LUMIÈRE	2003
007 - UM NOVO DIA PARA MORRER	FOX	2003
8 MILE - A RUA DAS ILUSÕES	UIP	2003
A CASA CAIU	BUENA VISTA	2003
A LIGA EXTRAORDINÁRIA	FOX	2003
A ONDA DOS SONHOS	UIP	2003
A ÚLTIMA NOITE	BUENA VISTA	2003



A VIDA DE DAVID GALE	UIP	2003
ABAIXO O AMOR	FOX	2003
ACONTECE NAS MELHORES FAMÍLIAS	BUENA VISTA	2003
ALBERGUE ESPANHOL	FOX	2003
AMERICAN PIE - O CASAMENTO	UIP	2003
AMORES PARISIENSES	PANDORA	2003
ANITA NÃO PERDE A CHANCE	PANDORA	2003
AOS OLHOS DE UMA MULHER	FOX	2003
AOS TREZE	FOX	2003
AS HORAS	LUMIÈRE	2003
AS NOVAS ROUPAS DO IMPERADOR	UIP	2003
AS QUATRO PLUMAS	LUMIÈRE	2003
ASSUNTO DE MENINAS	PANDORA	2003
BATER OU CORRER EM LONDRES	BUENA VISTA	2003
CARGA EXPLOSIVA	FOX	2003
CHEGADAS E PARTIDAS	LUMIÈRE	2003
CHICAGO	LUMIÈRE	2003
COMO PERDER UM HOMEM EM 10 DIAS	UIP	2003
CONFISSÕES DE UMA MENTE PERIGOSA	LUMIÈRE	2003
CORRIDAS CLANDESTINAS	UIP	2003
CRISTINA QUER CASAR	FOX	2003
DEMOLIDOR - O HOMEM SEM MEDO	FOX	2003
DEVORADOR DE PECADO	FOX	2003
DOIDA DEMAIS	FOX	2003
DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA	PAND/RIOF	2003
DRIBLANDO O DESTINO	FOX	2003
ERA UMA VEZ NO MÉXICO	BUENA VISTA	2003

ESCRITO NAS ESTRELAS	LUMIÈRE	2003
EXTERMÍNIO	FOX	2003
FOI SÓ UM BEIJO	UIP	2003
FRIDA	LUMIÈRE	2003
GAROTA VENENO	BUENA VISTA	2003
GERAÇÃO ROUBADA	LUMIÈRE	2003
HALLOWEEN: RESURREIÇÃO	LUMIÈRE	2003
HULK	UIP	2003
IMPÉRIO	UIP	2003
JOHNNY ENGLISH	UIP	2003
KAMCHATKA	BUENA VISTA	2003
LARA CROFT TOMB RAIDER - ORIGEM DA VIDA	UIP	2003
LEGALMENTE LOIRA 2	FOX	2003
LEITÃO - O FILME	BUENA VISTA	2003
LISBELA E O PRISIONEIRO	FOX	2003
LONGE DO PARAÍSO	PANDORA	2003
MAIS VELOZES MAIS FURIOSOS	UIP	2003
MEU PAPAI É NOEL 2	BUENA VISTA	2003
MEU PEQUENO NEGÓCIO	PANDORA	2003
NEMESIS	UIP	2003
O AGENTE TEEN	FOX	2003
O AMERICANO TRANQUILO	BUENA VISTA	2003
O AMOR CUSTA CARO	UIP	2003
O CHAMADO	UIP	2003
O FILHO	PANDORA	2003
O JURI	FOX	2003
O NOVATO	BUENA VISTA	2003
O NÚCLEO - MISSÃO AO CENTRO DA TERRA	UIP	2003
O OLHO QUE TUDO VÊ	UIP	2003
O TERNO DE DOIS BILHÕES DE	UIP	2003

DÓLARES		
O ÚLTIMO BEIJO	BUENA VISTA	2003
ONLY THE STRONG SURVIVE	LUMIÈRE	2003
OS NORMAIS	LUMIÈRE	2003
OS THORNBERRYS - O FILME	UIP/PAR	2003
PACTO DE JUSTIÇA	BUENA VISTA	2003
PEQUENOS GRANDES ASTROS	FOX	2003
PIRATAS DO CARIBE	BUENA VISTA	2003
POR UM FIO	FOX	2003
PRENDA-ME SE FOR CAPAZ	UIP	2003
PROCURANDO NEMO	BUENA VISTA	2003
RECÉM-CASADOS	FOX	2003
RUA SEIS, SEM NÚMERO	PANDORA	2003
SEABISCUIT - ALMA DE HERÓI	BUENA VISTA	2003
SEGUNDA-FEIRA AO SOL	PANDORA	2003
SINBAD - A LENDA DOS SETE MARES	UIP	2003
SOLARIS	FOX	2003
SUBMERSOS	LUMIÈRE	2003
TODO PODEROSO	BUENA VISTA	2003
UM GOLPE DE MESTRE	UIP	2003
UMA VIDA EM SETE DIAS	FOX	2003
VIOLAÇÃO DE CONDUTA	FOX	2003
VIVER MATA	FOX	2003
VOANDO ALTO	LUMIÈRE	2003
VOLTANDO A VIVER	FOX	2003
X-MEN 2	FOX	2003
A COMUNIDADE	PANDORA	2002
A ERA DO GELO	FOX	2002
A HISTÓRIA REAL	LUMIÈRE	2002
A ISCA PERFEITA	LUMIÈRE	2002
A LÍNGUA DAS MARIPOSAS	PANDORA	2002

A SOMA DE TODOS OS MEDOS	UIP	2002
A ÚLTIMA CEIA	LUMIÈRE	2002
AMERICAN PIE 2 – 2ª VEZ É AINDA MELHOR	UIP	2002
AS NOVAS ROUPAS DO IMPERADOR	UIP	2002
ATÉ O FIM	FOX	2002
BEIJANDO JESSICA STEIN	FOX	2002
CHARLOTTE GRAY	UIP	2002
CIDADE DE DEUS	LUMIÈRE	2002
DIVAS DE BLUE IGUANA	LUMIÈRE	2002
DO INFERNO	FOX	2002
DOCE LAR	BUENA VISTA	2002
DOMINGO SANGRENTO	UIP	2002
DRAGÃO VERMELHO	UIP	2002
E SUA MÃE TAMBÉM*	FOX	2002
ENIGMA	LUMIÈRE	2002
ENTRE QUATRO PAREDES	LUMIÈRE	2002
ESTRADA PARA PERDIÇÃO	FOX	2002
FALE COM ELA	FOX	2002
FLAMENCO	PANDORA	2002
FULL FRONTAL	BUENA VISTA	2002
HISTÓRIAS PROIBIDAS	PANDORA	2002
IDENTIDADE BOURNE	UIP	2002
INFIDELIDADE	FOX	2002
LILO & STITCH	BUENA VISTA	2002
LÚCIA E O SEXO	PANDORA	2002
MEU PRIMEIRO HOMEM	UIP	2002
MINORITY REPORT – A NOVA LEI	FOX	2002
MONSTROS S. A.	BUENA VISTA	2002
O AMOR É CEGO	FOX	2002
O ARTICULADOR	LUMIÈRE	2002
O CLOSET	PANDORA	2002

O CONDE DE MONTE CRISTO	BUENA VISTA	2002
O DIÁRIO DA PRINCESA	BUENA VISTA	2002
O ESCORPIÃO REI	UIP	2002
O FABULOSO DESTINO DE AMÉLIE POULAIN	LUMIÈRE	2002
O GOSTO DOS OUTROS	PANDORA	2002
O HOMEM QUE NÃO ESTAVA LÁ	BUENA VISTA	2002
O IMPÉRIO DO BESTEIROL CONTRA-ATACA	LUMIÈRE	2002
OS EXCÊNTRICOS TENENBAUMS	BUENA VISTA	2002
PARAÍSO	LUMIÈRE	2002
POR UM SENTIDO NA VIDA	FOX	2002
SEXY BEAST	FOX	2002
SIMPLESMENTE MARTHA	UIP	2002
SINAIS	BUENA VISTA	2002
SPIRIT – O CORCEL INDOMÁVEL	UIP	2002
STAR WARS: EPISÓDIO 2	FOX	2002
TEIA DE CHOCOLATE	PANDORA	2002
TERRA DE NINGUÉM	LUMIÈRE	2002
UMA MENTE BRILHANTE	UIP	2002
UMA QUESTÃO DE FAMÍLIA	LUMIÈRE	2002
VANILLA SKY	UIP	2002
VIVER MATA	FOX	2002
WAKING LIFE	FOX	2002
102 DÁLMATAS	DISNEY	2001
A ESPINHA DO DIABO	FOX	2001
A HORA DO RECREIO	BVI	2001
A HORA DO RECREIO	DISNEY	2001
A NOVA ONDA DO IMPERADOR	BVI	2001
A NOVA ONDA DO IMPERADOR	DISNEY	2001
ANTES DO ANOITECER	FOX	2001
AS MULHERES DE ADAM	LUMIÈRE	2001

AS VIRGENS SUICIDAS	UIP	2001
BILLY ELLIOT	UIP	2001
CHOCOLATE	LUMIÈRE	2001
CONCORRENCIA DESLEAL	PANDORA	2001
CONTOS PROIBIDOS...	FOX	2001
E TUA MÃE TAMBÉM	FOX	2001
ENFERMEIRA BETTY	UIP	2001
MALENA	LUMIÈRE	2001
MONSTROS S.A.	BVI	2001
MONSTROS S.A.	DISNEY	2001
MOULIN ROUGE	FOX	2001
O CAMINHO DE KANDAHAR	LUMIÈRE	2001
RUGRATS EM PARIS	UIP	2001
SHREK	UIP	2001
VATEL	LUMIÈRE	2001
A CARTADA FINAL	UIP/UNIVERSAL	2001
A FUGA DAS GALINHAS	UIP/DREAMWORKS	2001
A MEXICANA	UIP/DREAMWORKS	2001
A NOVA ONDA DO IMPERADOR	BUENA VISTA	2001
A TEIA DE ARANHA	UIP/PARAMOUNT	2001
ATLANTIS - O REINO PERDIDO	BUENA VISTA	2001
CHOCOLATE	LUMIÈRE	2001
CORPO FECHADO	BUENA VISTA	2001
DR. DOLITTLE 2	FOX	2001
ENTRANDO NUMA FRIA	UIP/UNIVERSAL	2001
HANNIBAL	UIP/UNIVERSAL	2001
JURASSIC PARK III	UIP/UNIVERSAL	2001
LARA CROFT: TOMB RAIDER	UIP/PARAMOUNT	2001
LEGALMENTE LOIRA	FOX	2001
MOULIN ROUGE	FOX	2001
NÁUFRAGO	UIP/DREAMWORKS	2001
O DIÁRIO DE BRIDGET JONES	UIP/UNIVERSAL	2001

O GRINCH	UIP/UNIVERSAL	2001
O RETORNO DA MÚMIA	UIP/UNIVERSAL	2001
OS OUTROS	LUMIÈRE	2001
PEARL HARBOR	BUENA VISTA	2001
PECADO ORIGINAL	FOX	2001
PLANETA DOS MACACOS	FOX	2001
REFÉM DO SILÊNCIO	FOX	2001
SHREK	UIP/DREAMWORKS	2001
TODO MUNDO EM PÂNICO 2	LUMIÈRE	2001
VELOZES E FURIOSOS	UIP/UNIVERSAL	2001
A FUGA DAS GALINHAS	UIP	2000
AS AVENTURAS DE BARNEY	FOX	2000
CAMINHO PARA O ELDORADO	UIP	2000
DINOSSAURO	BUENA VISTA	2000
DINOSSAURO	DISNEY	2000
DUAS VIDAS	DISNEY	2000
FANTASIA 2000	BUENA VISTA	2000
FANTASIA 2000	DISNEY	2000
INSPETOR BUGIGANGA	DISNEY	2000
TIGRÃO - O FILME	BUENA VISTA	2000
TIGRÃO - O FILME	DISNEY	2000
TITAN	FOX	2000
102 DÁLMATAS	DISNEY	2000
A LENDA DO CAVALEIRO SEM CABEÇA	UIP/PARAMOUNT	2000
A NOVA ONDA DO IMPERADOR	DISNEY	2000
ALTA FIDELIDADE	BUENA VISTA	2000
AMOR OU AMIZADE	LUMIÈRE	2000
ASSÉDIO	PAND/NN	2000
BELEZA AMERICANA	UIP	2000
DINOSSAURO	DISNEY	2000
DOGMA	LUMIÈRE	2000

DOGMA	LUMIÈRE	2000
ECOS DO ALÉM	FOX	2000
ENDIABRADO	FOX	2000
FANTASIA 2000	DISNEY	2000
FILHA DA LUZ	BUENA VISTA	2000
HURRICANE - O FURACÃO	BUENA VISTA	2000
MENINOS NÃO CHORAM	FOX	2000
O INFORMANTE	BUENA VISTA	2000
O TALENTOSO RIPLEY	LUMIÈRE	2000
PÂNICO 3	LUMIÈRE	2000
QUERO SER JOHN MALKOVICH	UIP	2000
REVELAÇÃO	FOX	2000
SOBROU PRÁ VOCÊ	BUENA VISTA	2000
TENHA FÉ	BUENA VISTA	2000
TENHA FÉ	BUENA VISTA	2000
TIGRÃO - O FILME	DISNEY	2000
VIVENDO NO LIMITE	BUENA VISTA	2000
101 DÁLMATAS	DISNEY	95
A PEQUENA SEREIA	DISNEY	98
ALADDIN	DISNEY	93
ANASTASIA	FOX	97
BAMBI	DISNEY	93
FLUBBER - UMA INVENÇÃO...	DISNEY	97
FORMIGUINHAZ	UIP	98
GEORGE - O REI DA FLORESTA	DISNEY	98
HÉRCULES	DISNEY	97
MEU FILHO DAS SELVAS	DISNEY	97
MULAN	DISNEY	98
O CORCUNDA DE NOTRE DAME	DISNEY	96
O LIVRO DA SELVA	DISNEY	95
O PRÍNCIPE DO EGITO	UIP	98
O REI LEÃO	DISNEY	94



PATETA - O FILME	DISNEY	96
POCAHONTAS	DISNEY	95
PODEROSO JOE	DISNEY	95
QUERIDA ESTIQUEI O BEBÊ	DISNEY	93
RUGRATS - OS ANJINHOS	UIP	99
SANTA CLAUSE	DISNEY	95
TARZAN	DISNEY	99
VIDA DE INSETO	DISNEY	98
101 DÁLMATAS - O FILME	DISNEY	96
A BRUXA DE BLAIR	FOX	99
A CASA AMALDIÇOADA	UIP/DREAMWORKS	99
A MÚMIA	UIP/UNIVERSAL	99
A PEQUENA SEREIA	DISNEY	98
A RAZÃO DO MEU AFETO	FOX	98
A VIDA É BELA	LUMIÈRE	99
ADORO PROBLEMAS	UIP	94
ALADDIN	DISNEY	93
ALIEN 3	FOX	92
ALIEN A RESSURREIÇÃO	FOX	98
AMOR ALÉM DA VIDA	FOX	99
ARISTOGATAS	DISNEY	95
ARQUIVO X	FOX	99
AS BRUXAS DE SALEM	FOX	97
AS BRUXAS DE SALEM	FOX	97
BAMBI	DISNEY	93
CARNE TRÊMULA	FOX	98
CÍRCULO DE PAIXÕES	FOX	97
COLCHA DE RETALHOS	UIP/UNIV	96
DANÇA COMIGO?	BUENA VISTA	98
DEAD AGAIN	UIP	92
DESCONSTRUINDO HARRY	BUENA VISTA	99
E.T. - O EXTRATERRESTRE	UIP	82

ELIZABETH	FOX	99
ENCONTRO MARCADO	UIP/UNIV	98
ENQUANTO VOCÊ DORMIA	BUENA VISTA	95
ESPÉCIES	UIP/MGM	95
ESQUECERAM DE MIM	FOX	90
EVITA	BUENA VISTA	97
FILHOS DO PARAÍSO	LUMIÈRE	99
FIM DOS DIAS	BUENA VISTA	99
FORÇAS DO DESTINO	UIP	99
GHOST - DO OUTRO LADO DA VIDA	UIP	90
GHOST - DO OUTRO LADO DA VIDA	UIP	90
GREASE - NOS TEMPOS DA BRILHANTINA	UIP	78
HALLOWEEN. H20	LUMIÈRE	98
HERCULES	DISNEY	97
INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA	UIP	80
INFERNO NA TORRE	FOX	75
JURASSIC PARK - O MUNDO PERDIDO	UIP	93
KUNDUN	LUMIÈRE	99
LOUCOS DE AMOR	LUMIÈRE	98
MULAN	DISNEY	98
NOIVA EM FUGA	BUENA VISTA	99
NOTTING HILL	UIP	99
NOVE MESES	FOX	95
NUNCA FUI BEIJADA	FOX	99
O CAMPEÃO	UIP	79
O CORCUNDA DE NOTRE DAME	DISNEY	96
O FENÔMENO	BUENA VISTA	96
O REI LEÃO	BUENA VISTA	94

O REI LEÃO	DISNEY	94
O SEXTO SENTIDO	BUENA VISTA	99
O SEXTO SENTIDO	BUENA VISTA	99
OS EMBALOS DE SÁBADO À NOITE	UIP	78
OS ESPÍRITOS	UIP/UNIVERSAL	96
PÂNICO 2	LUMIÈRE	99
PÂNICO NO LAGO	FOX	99
PATETA - O FILME	DISNEY	96
POCAHONTAS	DISNEY	95
PROCURA-SE AMY	LUMIÈRE	97
QUEM VAI FICAR COM MARY?	FOX	98
ROCKY 4	UIP	86
SABRINA	UIP	96
SEIS DIAS, SETE NOITES	BUENA VISTA	98
SHAKESPEARE APAIXONADO	UIP	99
SHINE - BRILHANTE	BUENA VISTA	97
STAR WARS - EPISÓDIO 1	FOX	99
STIGMATA	UIP/MGM	99
TANGO	LUMIÈRE	99
TARZAN	DISNEY	99
TERREMOTO	UIP	75
THOMAS CROWN	UIP/UA	99
TITANIC	FOX	98
TOY STORY	DISNEY	96
TOY STORY 2	DISNEY	99
TUBARÃO	UIP	76
TUDO OU NADA	FOX	98
TUDO SOBRE MINHA MÃE	FOX	99
VIDA DE INSETO	DISNEY	98

## Referências Bibliográficas

AZAMBUJA, Roseli Stier. “A decodificação do discurso adulto da televisão pelo público infantil” in *Sujeito, o lado oculto do receptor*. Brasiliense: São Paulo, 1994.

FERNANDES, Reynaldo. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) / Reynaldo Fernandes. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007. 26 p. (Série Documental. Textos para Discussão, ISSN 1414-0640 ; 26)

FON Filho, Aton. “Na rua, sem direito a direitos”. In: *Direitos Humanos no Brasil 2005; Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos*. p.147-151. São Paulo. Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. LTC:Rio de Janeiro, 1989.

HAMBURGER, Esther. *O Brasil Antenado: A sociedade da novela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, v.24. IBGE, Rio de Janeiro; 2003. ISSN 0101-6822.

\_\_\_\_\_. Pesquisa de Informações Básicas Municipais: Perfil dos Municípios Brasileiros; Gestão Pública 2001 – MUNIC 2001. IBGE, Rio de Janeiro; 2003 ISBN 85-240-3677-X.

\_\_\_\_\_. Pesquisa de Informações Básicas Municipais: Perfil dos Municípios Brasileiros; Gestão Pública 2004 – MUNIC 2004. IBGE, Rio de Janeiro; 2005 ISBN 85-240-3837-3.

\_\_\_\_\_. População Jovem no Brasil: Série Estudos e Pesquisas. Informações Demográficas e Socioeconômicas. IBGE, Rio de Janeiro; 1999 ISBN 85-240-0755-9.

MATTA, Roberto da. *O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”* in A aventura sociológica. Edson Nunes (org.). Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1978.

PEDRINI, Paulo César. “Trabalho no Brasil em 2005: Desafios perspectivas”. In: *Direitos Humanos no Brasil 2005; Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos*, p.131-134. São Paulo. Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. 2005.

POCHMANN, Marcio. “A Exclusão Social no Brasil e no Mundo”. In: *Direitos Humanos no Brasil 2004; Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos*. p.159-163. São Paulo. Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. 2004.

PNUD - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2004: liberdade cultural num mundo diversificado*. Lisboa: Mensagem, 2004.

\_\_\_\_\_. *Atlas do desenvolvimento humano no Brasil* – Software do PNUD, versão 1.0.0, 2003. Desenvolvido em conjunto por PNUD, IPEA e Fundação João Pinheiro.

SEIDENBERG, Marcio. “A rua como palco de transformações”. In: *Direitos Humanos no Brasil 2005; Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos*. P.153-156. São Paulo. Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. 2005.

SEN, Amartya. “Liberdade Cultural num Mundo Diversificado” in: *Relatório do Desenvolvimento Humano 2004*. Cap1. Liberdade Cultural e Desenvolvimento Humano, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Lisboa: Mensagem, 2004.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. “Em busca do passado para conhecer o presente: Trabalhadores migrantes na região de Ribeirão Preto”. in: *Direitos Humanos no Brasil 2005; Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos*, p.121-125. São Paulo. Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. 2005.

SOUSA, Mauro Wilton de (org.). “Recepção e comunicação: a busca do sujeito” in: *Sujeito, o lado oculto do receptor*. Brasiliense: São Paulo, 1994.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – Secretaria-Geral de Planejamento. *Relatório Socioeconômico 2005*: Silva Jardim. Rio de Janeiro: TCE-RJ, 2005.

#### Consultas na internet

[www.amigosdaescola.globo.com/](http://www.amigosdaescola.globo.com/) em 07/07/2007.

[www.casimiro.rj.gov.br/info\\_municipio.php](http://www.casimiro.rj.gov.br/info_municipio.php) em 19/07/2007.

[www.cinemaneiro.com.br](http://www.cinemaneiro.com.br) em 07/07/2007.

[www.governo.rj.gov.br](http://www.governo.rj.gov.br) em 19/07/2007.

[www.iadb.org](http://www.iadb.org) em 18/07/2007 – Revista Eletrônica do BID

[www.ibge.br](http://www.ibge.br) em 13/07/2007.

[www.mplcbrasil.com.br/index.php](http://www.mplcbrasil.com.br/index.php) em 26/07/2007.

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm) em 08/07/2007.

[www.pmsmm.rj.gov.br/dados\\_gerais.htm](http://www.pmsmm.rj.gov.br/dados_gerais.htm) em 19/07/2007 (Santa Maria Madalena)

[www.pnud.org.br/idh/](http://www.pnud.org.br/idh/) em 07/07/2007.

[www.rits.org.br/frames/index\\_frames\\_geral.cfm?palavra=http://www.rits.org.br/idac.rits.org.br/idac\\_abertura.html](http://www.rits.org.br/frames/index_frames_geral.cfm?palavra=http://www.rits.org.br/idac.rits.org.br/idac_abertura.html) em 12/07/2007.

[www.silvajardim.rj.gov.br](http://www.silvajardim.rj.gov.br) em 13/07/2007.

[www.sjvriopreto.rj.gov.br](http://www.sjvriopreto.rj.gov.br) em 15/07/2007.

[www.sumidouro.rj.gov.br](http://www.sumidouro.rj.gov.br) em 19/07/07.

[www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br) em 13/07/2007.